



ANAIS DO EVENTO

I CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ATIVIDADE FÍSICA E PROMOÇÃO DA SAÚDE NA ESCOLA *Construindo um ambiente saudável*

Antonio Ricardo Catunda de Oliveira
Ana Luisa Batista Santos
Jaina Bezerra de Aguiar Kristiane
Mesquita Barros Franchi
Jose Airton Pontes Jr.

Realização:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO CEARÁ

NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO
EM ATIVIDADE FÍSICA
NA ESCOLA

ISSN 2594-4770

ANAIS DO EVENTO

I Conferência Internacional de Atividade Física e Promoção da Saúde na Escola

Construindo um ambiente saudável

Antonio Ricardo Catunda de Oliveira, Ana Luisa Batista Santos, Jaina Bezerra de Aguiar, Kristiane Mesquita Barros Franchi, José Airton Pontes Jr (Organizadores).

Universidade Estadual do Ceará - UECE
Curso de Educação Física
Editora da Universidade Estadual do Ceará - EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE
CEP: 60.714.903
Tel: +55 85 31019807
Email: cinapse@uece.br
Site: <http://www.uece.br/eventos/cinapse/>

Parcerias:



PROGRAMAÇÃO

17 de novembro

8h às 9h: Credenciamento

9h às 10h: Painel de Abertura - Recomendações de Órgãos Públicos sobre a Promoção da Saúde na Escola

Ms. Jorge Steinhilber - Presidente do CONFEF

Autoridade da Secretaria da Educação

Autoridade da Secretaria da Saúde

10h às 11h: Conferência I - Promoção da saúde: o novo paradigma legitimador da Educação Física escolar.

Conferencista: Dr. Adilson Marques - FMH/ULisboa, Portugal.

Debatedores: Dra. Andréa Benevides - ESTÁCIO/FIC e Dr. Heraldo Simões - UECE

11h às 12h: Conferência II - Construindo um ambiente saudável na escola.

Conferencista: Dr. Ricardo Catunda - UECE, Brasil.

Debatedores: Dr. Leandro Masuda - UFC e Dra. Liana Braid - UNIFOR

12h às 13h30: Intervalo

13h30 às 15h: Apresentação de trabalhos.

Local: Auditório Paulo Petrola e Hall da Reitoria

15h30 às 17h30: Cursos - Os quatro minicursos acontecerão simultaneamente no complexo poliesportivo e auditório da UECE.

Curso 1: Estratégias metodológicas para níveis de atividade física nas aulas de Educação Física.

Professor: Dr. João Martins - FMH/ULisboa e FEFD/ULusófona, Portugal

Curso 2: Jogos modificados como estratégia de ensino dos esportes coletivos na escola.

Professor: Dr. Ricardo Catunda - UECE, Brasil

Curso 3: Atividades alternativas: o novo paradigma da atividade física na escola.

Professor: Dr. André Accioly - UECE, Brasil

Curso 4: Métodos de Pesquisa em Atividade Física e Promoção da Saúde na Escola.

Professor: Dr. Adilson Marques - FMH/ULisboa, Portugal.

18 de novembro

9h às 10h: Conferência III - A Educação Física escolar baseada em evidências.

Conferencista: Dr. José Airton Pontes Jr. - UECE, Brasil

Debatedores: Dr. Bruno Cardi - UECE e Dra. Patrícia Feitosa - IFCE

10h às 11h: Conferência IV - A Educação Física: da investigação à intervenção

Conferencista: Dra. Nadia Cristina Valentini - UFRGS, Brasil.

Debatedores: Dr. Adriano Loureiro - UECE e Dr. Andreyson Calixto de Brito - IFCE

11h às 12h: Conferência V - Programas de intervenção para o desenvolvimento da atividade física e promoção da saúde em escolares.

Conferencista: Dr. Valter Cordeiro Filho - NuPAF/UFSC, Brasil

Debatedores: Ms. Jurandir Fernandes Cavalcante e Dra. Paula Matias Soares - UECE

12h00 às 13h30: Intervalo

13h30 às 15h00: Apresentação de trabalhos.

Local: Hall da Reitoria

15h30 às 17h30: Cursos - Os quatro minicursos acontecerão simultaneamente no complexo poliesportivo e auditório da UECE.

Curso 1: Estratégias metodológicas para níveis de atividade física nas aulas de Educação Física.

Professor: Dr. João Martins - FMH/ULisboa e FEFD/ULusófona, Portugal

Curso 2: Jogos modificados como estratégia de ensino dos esportes coletivos na escola.

Professor: Dr. Ricardo Catunda - UECE, Brasil

Curso 3: Atividades alternativas: o novo paradigma da atividade física na escola.

Professor: Dr. André Accioly - UECE, Brasil

Curso 4: Métodos de Pesquisa em Atividade Física e Promoção da Saúde na Escola.

Professor: Dr. Adilson Marques - FMH/ULisboa, Portugal

19 de novembro

9h às 10h: Conferência VI - Estilos de Ensino para a Educação Física Escolar: aumentando níveis de atividade física nas aulas.

Conferencista: Dr. João Martins - FMH/ULisboa e FEFD/ULusófona, Portugal

Debatedores: Dr. José Airton Pontes Jr - UECE e Dr. Luiz Vieira - UVA

10h às 11h: Sessão Especial - Pesquisa em Educação Física Escolar.

Encontro de Grupos de Pesquisa sobre a Educação Física Escolar

11h às 12h: Cerimônia de encerramento

Divulgação dos trabalhos selecionados para a revista e agradecimentos finais.

Nota de apresentação

Este registro se refere a um grupo de trabalhos apresentados na **Conferência Internacional de Atividade Física e Promoção da Saúde na Escola - CINAPSE**, organizada pelo Núcleo de Investigação em Atividade Física na Escola - NIAFE/CNPq do curso de Educação Física da Universidade Estadual do Ceará. O evento que foi realizado no período de 17 a 19 de novembro de 2016, na cidade de Fortaleza - CE, contou com o apoio institucional do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), Conselho Regional de Educação Física do Ceará (CREF5), Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Associação dos Municípios do Estado do Ceará (APRECE). O encontro constou de conferências, seguidas de discussão com debatedores especialistas, minicursos com temas voltados a delimitação proposta, apresentação de trabalhos na versão oral e pôster, e Encontro de Grupos de Pesquisa em Educação Física Escolar.

O objetivo da Conferência foi fomentar a produção do conhecimento científico, na área da atividade física e promoção da saúde para escolares, ampliando a discussão do assunto, entre os diversos profissionais e estudantes de graduação e pós-graduação, professores e pesquisadores do Brasil e do exterior. Como produto final resultante das conferências, foi gerado um relatório oficial de recomendações, propondo: (i) aumento dos níveis de atividade física nas aulas de Educação Física; (ii) adoção de políticas públicas responsáveis para a promoção da saúde de crianças e adolescentes; (iii) desenvolvimento de programas de intervenção na escola para a cidadania e cultura de estilo de vida ativo e saudável; (iv) formação continuada e progressiva dos professores; (v) responsabilização dos gestores escolares e classe política para o oferecimento de Educação Física com base em diretrizes de qualidade.

Esta publicação versa sobre estudos sobre o desenvolvimento da atividade física no ambiente escolar na perspectiva da promoção da saúde e bem estar. As produções obedeceram a critérios ancorados nas seguintes linhas temáticas: Práticas pedagógicas em Educação Física e esportes; Psicologia da educação, do esporte e do exercício; Aspectos biodinâmicos do desempenho humano; Políticas públicas e gestão em educação, saúde, esporte e lazer; Dimensão sociocultural da Educação Física e esportes; Formação profissional e docente em Educação Física, saúde, esporte e lazer.

A CINAPSE se propõe a ser espaço de difusão científica, debate e tomada de decisão, para o aperfeiçoamento e qualidade do ensino da Educação Física. Assumimos o compromisso propositivo, na abordagem de objetivos contemporâneos para a Educação Física escolar, com base em necessidades educacionais e configuração social atual.

Ricardo Catunda
Presidente da CINAPSE

PRESIDENTE

Dr. Ricardo Catunda

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO CIENTÍFICA

Dr. José Airton Pontes Jr

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dr. Adilson Marques, FMH/ULisboa, Portugal
Dr. Adriano César Carneiro Loureiro - UECE, Brasil
Dr. Airton José Rombaldi - UFPel, Brasil
Dr. Americo Valdanha Netto - UniCatólica, Brasil
Dr. Amauri Aparecido Bassoli de Oliveira - UEM, Brasil
Dr^a Ana Maria Fontenelle Catrib - Unifor, Brasil
Dr. André Accioly Nogueira Machado - UECE, Brasil
Dr^a Beatriz Oliveira Pereira - UMinho, Portugal
Dr^a Cleide Carneiro - UECE, Brasil
Dr. Dartagnan Pinto Guedes - UNOPAR, Brasil
Dr. Heraldo Simões Ferreira - UECE, Brasil
Dr. Jailton Gregório Pelarigo - UniCatólica, Fametro e URCA, Brasil
Dr. João Filipe S. Figueira Martins - FMH/ULisboa e FEFD/ULusófona, Portugal
Dr. José Eugenio Rodríguez Fernández - USC, Espanha
Dr. José Pereira de Melo - UFRN, Brasil
Dr. Laércio Elias Pereira - CEV, Brasil
Dr^a Luilma Albuquerque Gurgel - UECE, Brasil
Dr. Luis Eduardo Maggi - UFAC, Brasil
Dr. Luiz Vieira da Silva Neto - UVA/Sobral, Brasil
Dr. Mark Clark Assen de Carvalho - UFAC, Brasil
Dr. Nuno Domingos Garrido - UTAD, Portugal
Dr^a Paula Matias Soares - UECE, Brasil
Dr. Romeu Paulo Martins Silva - UFAC, Brasil
Dr^a Thereza Maria Magalhães Moreira - UECE, Brasil
Dr. Thiago Terra Borges - IFSul, Brasil
Dr. Valter Cordeiro Barbosa Filho - NuPAF/UFSC, Brasil

ORGANIZADORES

Antonio Ricardo Catunda de Oliveira
Ana Luisa Batista Santos
Jaina Bezerra de Aguiar
Kristiane Mesquita Barros Franchi
Jose Airton de Freitas Pontes Junior

CONFERENCISTAS

Dr. Adilson Marques - FMH/ULisboa, Portugal
Dr. João Martins - FMH/ULisboa e FEFD/ULusófona, Portugal
Ms. Jorge Steinhilber - Presidente do CONFEF, Brasil
Dr. José Airton Pontes Jr - UECE, Brasil
Dra. Nadia Cristina Valentini - UFRGS, Brasil
Dr. Ricardo Catunda - UECE, Brasil
Dr. Valter Cordeiro Filho - NuPAF/UFSC, Brasil

DEBATEDORES

Dr. Adriano Loureiro - UECE, Brasil
Dra. Andréa Benevides - ESTÁCIO/FIC, Brasil
Dr. Andreyson Calixto de Brito - IFCE, Brasil
Dr. Bruno Cardi - UECE, Brasil
Dr. Heraldo Simões - UECE, Brasil
Dr. José Airton Pontes Junior - UECE, Brasil
Ms. Jurandir Fernandes Cavalcante - FAMETRO, Brasil
Dr. Leandro Masuda - UFC, Brasil
Dra. Liana Braid - UNIFOR, Brasil
Dr. Luiz Vieira - UVA, Brasil
Dra. Patrícia Feitosa - IFCE, Brasil
Dra. Paula Matias Soares - UECE, Brasil

MINICURSOS

Dr. Adilson Marques - FMH/ULisboa, Portugal
Dr. André Accioly - UECE, Brasil
Dr. João Martins - FMH/ULisboa e FEFD/ULusófona, Portugal
Dr. Ricardo Catunda - UECE, Brasil

EQUIPE TÉCNICA

Adriano de Oliveira Camurça
Ailson de Araújo Correia
Darlan Mesquita Gurgel
Francisco Igor Sousa Garcia
Ítalo Breno Rocha Roseira
Jeane Veras Martins
Jearia Lima Oliveira
Letícia Maria Alves Braz
Luciana Fialho Rocha Santa Rosa
Maria Cláudia Holanda da Mota
Mateus dos Santos Feitoza
Matheus Pontes Lopes
Núbia Lopes Franco de Oliveira
Raissa de Lima Andrade
Samuel Ítalo de Assis Lima
Vinicius Magalhães Bezerra
Vívian Alves Araújo
Wagner Brasil Sobrinho
Yara Morgana Lopes Lima
Ygor Fernandes Lobo

Sumário

LINHA TEMÁTICA: ASPECTOS BIODINÂMICOS DO DESEMPENHO HUMANO

ESTILO DE VIDA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE FARIAS

BRITO/CEARÁ.....12

Francisca Bertília Chaves Costa, Francimara Gonçalves de Alencar, Lília Braga Maia

LINHA TEMÁTICA: DIMENSÃO SOCIOCULTURAL E INCLUSIVA EM EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE, LAZER E ESPORTES

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESCOLA INCLUSIVA: CONCEPÇÕES INSTITUCIONAIS SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS E ALUNAS COM NEE EM ARACATI-CE

14

Raimundo André da Silva de Assis, Tiego da Silva Cruz, Josenilda Soares da Silva

LINHA TEMÁTICA: FORMAÇÃO PROFISSIONAL E DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE, ESPORTE E LAZER

CONHECIMENTOS RELACIONADOS À SAÚDE NAS PROVAS DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENADE

16

Yara Morgana Lopes Lima, Francisco Igor Sousa Garcia, Darlan Mesquita Gurgel, José Hildemar Teles Gadelha, Leandro Araujo de Sousa

OS PEDAGOGOS E AS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO INFANTIL: LIMITES E POSSIBILIDADES.....

18

Hendeson Queiroz da Silva, Bruno Freires de Sousa, Antonio Evanildo C. de Medeiros Filho,

Geórgia Antonia G. Maciel Forte, Ana Paula Vasconcelos de Oliveira Tahim

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DESAFIOS, PRÁTICAS E SABERES PEDAGÓGICOS.....

20

Aline Soares Campos, Antonio Ricardo Catunda de Oliveira

ABORDAGEM DA SAÚDE NOS ITENS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM)

22

Maria Cláudia Holanda da Mota, Vivian Alves Araújo, Raissa de Lima Andrade, Leticia Maria Alves Braz, Cyro Domingues Martins de Sanders

LINHA TEMÁTICA: POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO EM EDUCAÇÃO, SAÚDE, ESPORTE E LAZER

DINÂMICAS INTERSETORIAIS ENTRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PROMOÇÃO DE ATIVIDADE FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR EM BELO

HORIZONTE.....24

Adrize Paola Gonçalves Marques, Cristina Almeida Cunha Filgueiras

GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA: ANÁLISE DA OBESIDADE EM DISCENTES DO 6ª AO 9ª ANO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL

26

Wernan Silva Reis, Georgia Medeiros Paiva de Alencar, Maria Iranilda Meneses Almeida

PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: CONHECIMENTO DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DE UNIDADES DE SAÚDE DA FAMÍLIA DA CIDADE DE RIO CLARO -

SP..... 28

Camilla Lie Higa, Diego Alfeu dos Santos

LINHA TEMÁTICA, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INTERVENTIVAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE E ESPORTES

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA VISÃO DOS DISCENTE DAS TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS/ENSINO FUNDAMENTAL 30

Débora Cristina Couto O. Costa, Iara Danielle F. Andrade, Juliana Maria S. de Oliveira

APLICAÇÃO DO MINI ATLETISMO NO ENSINO INFANTIL: UMA ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA TRABALHAR OS ELEMENTOS DA PSICOMOTRICIDADE 32

Márcia Cristiane Araújo, Allia Glínnia S. Teixeira, Priscilla Abreu da Silva, Maria Carmen C. de Oliveira Alves, Débora Cristina C. Oliveira Costa

COMPARAÇÃO DOS NÍVEIS DE APTIDÃO FÍSICA EM ESCOLARES DO SEXO FEMININO E MASCULINO 33

Mateus Medeiros Leite, Vinícius Borges Vieira, Tácio Rodrigues da Silva Santos, Sérgio Adriano Gomes, Alessandro de Oliveira Silva

DANÇA NA ESCOLA: DIFICULDADES E PERSPECTIVAS NA PRÁTICA DOCENTE DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA..... 35

Maria Iranilda M. Almeida, Georgina Medeiros Paiva de Alencar, Wernan Silva Reis

DESENVOLVIMENTO MOTOR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS DOMÍNIOS BÁSICOS DO COMPORTAMENTO HUMANO: COGNITIVO, AFETIVO SOCIAL E MOTOR..... 37

Gilmar da Costa

IMPACTO DAS AULAS DE FLAG FOOTBALL SOBRE O INTERESSE DOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA..... 39

Miguelina Ayse-Anny B. de Moraes, Djevan Lopes de Oliveira, Luis Henrique O. Sousa, Francisco Salviano Sales Nobre

NÍVEIS DE APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA À SAÚDE E DESEMPENHO DE ADOLESCENTES 41

Naildo Santos Silva, Fernanda Alves Rodrigues, Paulo Felipe Ribeiro Bandeira, Guilherme Cortoni Caporal

O TRABALHO SOBRE OS VALORES NO OBJETO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA..... 43

José Eugenio Rodríguez Fernández

O USO DE EXERGAMES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA..... 45

Débora Cristina Couto O. Costa, Iara Danielle F. Andrade, Gláucia Gomes da S. Costa

PROPOSTA PEDAGÓGICA INTERVENTIVA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EM ESCOLARES JOVENS E ADULTOS..... 47

Ana Regina Leão Ibiapina, Maycom do Nascimento Moura

RODAS DE CONVERSA COM INSPIRAÇÃO SOCIOPOÉTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 49

Flávio Alves de Oliveira, Cláudia Mara de Melo Tavares

VIVÊNCIAS DE UMA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL EM AÇÕES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA CRIANÇAS DO ENSINO BÁSICO DE UM MUNICÍPIO MARANHENSE 51

Maycom do Nascimento Moura, Ana Regina Leão Ibiapina

ESTILO DE VIDA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE FARIAS BRITO/CEARÁ

Francisca Bertilia Chaves Costa¹, Francimara Gonçalves de Alencar², Lilia Braga Maia²

¹Curso de Endermagem, Universidade de Fortaleza (UNIFOR), bertilia_chaves@hotmail.com

²Curso de Educação Física, Universidade Regional do Cariri (URCA)

Palavras-chave: Estilo de Vida, Saúde Escolar, Estudantes.

INTRODUÇÃO

A busca por uma vida mais saudável vem crescendo cada vez mais. As pessoas no geral tanto jovens, como adultos e idosos estão à procura de ter novos hábitos que lhes proporcionem um melhor condicionamento físico e promova um estilo de vida ativo. Compreende-se que a saúde populacional é influenciada por diversos fenômenos, dentre eles o avanço tecnológico, o crescimento urbano e as mudanças sociais. Diante dessa evolução o indivíduo tem modificado, mesmo sem perceber, seus hábitos cotidianos. No Brasil, em particular, a qualidade de vida de grande parte da população tem sido comprometida pela disparidade social (Samulski, 2009). Paz et al. (2011) referem que o estilo de vida aos padrões adotados pelos indivíduos que fazem parte de suas atividades diárias e que influenciam positiva ou negativamente na saúde dos mesmos. Sendo assim, os costumes, o bem-estar e sua relação com a sociedade, formam um conjunto de benefícios que trabalhando em um bem comum, transformam o indivíduo.

Para Silva et al. (2012) a maior parte do estilo de vida é estabelecida enquanto jovem, podendo influenciar na meia idade e na velhice. Nesta direção, é importante citar que as preocupações e recomendações acerca da adoção de estilos de vida mais saudáveis estão imersas em questões políticas que extrapolam as demarcações de diferentes campos do saber e, conforme acredita-se, inserem o profissional da educação física, assim como outros profissionais da área da saúde, no centro das discussões (Gonçalves; Darsie; Sartori, 2015).

Assim, o presente estudo apresenta como questão norteadora para o seu desenvolvimento: Qual o perfil do estilo de vida de alunos do ensino médio de uma escola da cidade de Farias Brito/Ceará, Brasil? Acredita-se que essa pesquisa possa levar a sociedade ao um maior conhecimento oferecendo-lhes a oportunidade de entender e compreender que atividade física regular realmente colabora com a melhoria da saúde em todos os aspectos do desenvolvimento humano. Objetivou-se, então, identificar o perfil do estilo de vida dos estudantes de uma escola de ensino médio da cidade de Farias Brito/CE, Brasil.

MATERIAL E MÉTODOS

Pesquisa de campo de natureza descritiva com abordagem predominantemente quantitativa. A amostra foi constituída por 98 alunos do ensino médio com idade entre 13 e 19 anos, residentes no município de Farias Brito/CE, Brasil que se propuseram a participar do estudo, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido juntamente com seu responsável, para os jovens com idade inferior a 18 anos. Antes do início da coleta de dados todos os participantes foram orientados acerca do objetivo do estudo com a garantia do anonimato e confidencialidade dos dados de acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Como instrumento para a coleta dos dados utilizou-se o Perfil do Estilo de Vida Individual - PEVI (Nahas; Barros; Francalacci, 2000), composto pelo Pentágulo do Bem Estar. Esse compreende 15 questões fechadas subdivididas por cinco dimensões de estilo de vida: atividade física, comportamento preventivo, controle de

estresse, nutrição e relacionamento social. Além desse, aplicou-se um questionário elaborado especialmente para esse estudo para a obtenção das características sócio demográficas dos participantes, assim como, da disciplina de educação física escolar. Os dados foram coletados na própria sala de aula com agendamento prévio. Sendo respondido pelo próprio aluno sob a orientação da pesquisadora presente. Os achados sócio demográficos e do Pentágulo do Bem-Estar foram analisados mediante estatística descritiva (frequência absoluta e relativa). Além disso, calculou-se a média por meio do somatório dos pontos para cada item e dividido pelo total de participantes do estudo do Pentágulo do Bem Estar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da amostra de 98 participantes identificou-se a prevalência do sexo feminino 51 (52%), com predominância na faixa etária de 16 a 17 anos 46 (47%), solteiros 88 (90%), 98 (100%) dos alunos moravam com a família, apresentando como índice de coabitação: nove (9.1%) residiam com a família constituída entre uma a duas pessoas, 43 (43.8%) entre três a quatro e 46 (46.9%) com mais de quatro residentes na mesma casa. 10 (10.2%) dos alunos afirmaram que trabalhavam.

Referente a disciplina de educação física obteve-se que 33 (33.7%) dos alunos afirmaram que a escola oferecia essa disciplina e, 64 (65.3%) deles afirmaram que essa era ministrada, no período extraclasse. Em relação a frequência semanal das aulas a maioria 57 (58.2%) referiu que acontecia um dia por semana. Entretanto, identificou-se que 12 (12.2%) alunos eram dispensados das aulas práticas. Esse fato sempre existiu, segundo relatos, por que muitos moravam em localidades distante da cidade de Farias Brito, dependendo de transporte para irem a escola, haja vista as aulas de educação física ocorrerem em período extraclasse. O estudo de Pereira e Moreira (2005) realizado com alunos do ensino médio mostrou que 46% das aulas não ocorre com a participação total dos alunos.

No presente estudo afirmou-se que 96 (97.9%) das aulas correspondiam a teóricas e práticas. Acerca dos temas abordados, 84 (85.7%) mencionaram que a obesidade era o assunto mais presente; seguido pelo estilo de vida ativo 80 (81.6%); e a temática de nutrição 43 (43.8%).

Sobre a participação dos alunos em esportes escolares nas aulas de educação física, a maioria 43 (43.8%) afirmou que praticava e 29 (29.6%) afirmaram ser dispensados. Em relação a frequência dessa prática a maioria 58 (59.2%) a realizava três dias por semana. Referente a duração das práticas dos esportes, 46 (46.9%) afirmaram praticar 50 minutos; 18 (18.3%) uma hora; 20 (20.4%) uma hora e trinta minutos; 14 (14.3%) duas horas. Quanto à intensidade da prática dos esportes, oito (8.1%) afirmaram ser leve; 85 (86.7%) moderada e cinco (5.1%) intensa.

Quando questionados acerca de atividades físicas fora da escola, 65 (66.3%) dos alunos afirmaram não as praticar. Referente ao Perfil do Estilo de Vida Individual dos alunos do ensino médio, foram coletados aspectos referentes as cinco

dimensões: atividade física, comportamento preventivo, controle do estresse, nutrição e relacionamento social.

Diante da dimensão atividade física foram realizadas três perguntas. Em relação a pergunta se eles realizavam ao menos 30 minutos de atividades físicas moderadas/intensas de forma contínua ou acumulada de cinco ou mais dias na semana, o maior percentual obtido foi por somatório dos achados foi de 62 (63.3%) que referiram realizar entre raramente, quase sempre e sempre. Quanto ao questionamento se eles praticavam exercícios de força e alongamento muscular ao menos duas vezes por semana, a predominância foi também foi referente aos escores somados entre raramente, quase sempre e sempre 61 (61.4%). Referente a pergunta, se no seu dia a dia, você caminha ou pedala como meio de transporte, observou-se que a maioria realmente realizava 70 (71.5%).

Prado et al. (2010), com um grupo de mulheres praticantes de atividade física regular observaram que 55.8% afirmaram praticar ao menos 30 minutos de atividade física moderada ou intensa, de forma contínua ou acumulada cinco ou mais vezes por semana; 76.9% sempre realizavam exercícios de força e alongamento muscular ao menos duas vezes por semana, e 50% sempre pedalavam ou caminhavam como meio de transporte.

Referente ao aspecto comportamento preventivo quatro questões foram relacionadas. Ao serem questionados se conheciam sua pressão arterial, os níveis de colesterol e se procuravam controlá-los, a prevalência maior foi obtido no escore correspondente a resposta nunca 52 (53%). Na questão você não fuma e não bebe mais que uma dose por dia, a maioria dos alunos também referiu a resposta nunca 78 (79.5%). Na pergunta se, os alunos respeitavam as normas de trânsito e usavam sempre o cinto de segurança e nunca ingeriam álcool, o percentual maior de respostas foi obtido sobre o item sempre foi de 52 (53%).

Indagados acerca do controle do estresse, identificou-se na primeira questão sobre a reserva de pelo menos cinco minutos todos os dias para relaxar que 53 (54%) sempre reservavam esse tempo. Na segunda pergunta: Ao manter uma discussão sem alterar-se, mesmo quando contrariado observou-se que de alguma forma esses tentavam não estabelecer um controle 38 (38.7%) raramente; 19 (19.3%) quase sempre e 12 (12.2%) sempre. Em relação ao equilibrar o tempo dedicado ao trabalho com o tempo dedicado ao lazer percebeu-se que esses jovens em sua maioria tentam estabelecer esse equilíbrio 18 (18.3%) raramente; 26 (26.5%) quase sempre e 33 (33.6%) sempre.

Diante do perfil do estilo de vida individual acerca da dimensão nutricional foram abordadas três perguntas. No questionamento acerca da quantidade de cinco porções de frutas diárias por cada aluno em sua alimentação, constatou-se que a maioria tenta realizar esse aspecto 50 (51%) raramente; 25 (25.5%) quase sempre e 8 (8.1%) sempre. Quando indagados acerca se evita ingerir alimentos gordurosos a maioria também o faz, 37 (37.7%) raramente; 21 (21.4%) quase sempre e nove (9.1%) sempre. E na pergunta se os alunos faziam quatro a cinco refeições variadas por dia incluindo o café da manhã completo, existe um equilíbrio dessa alimentação 23 (23.4%) raramente; 32 (32.6%) quase sempre e 34 (34.6%) sempre.

Para a dimensão do relacionamento social realizou-se o questionamento se eles procuram cultivar amigos e se estavam satisfeitos com seus relacionamentos, os percentuais foram significativos para esse aspecto, pois 11 (11.2%) responderam raramente; 24 (24.4%) quase sempre e 61 (62.2%) sempre. A segunda questão foi referente se o lazer inclui encontros com amigos, atividades esportivas em grupo, participação em associações ou entidades sociais, apenas cinco (5,1%) afirmaram nunca. No questionamento se ele procura ser ativo em sua comunidade a maioria dos participantes revelaram que

procuravam ser ativos 33 (33,6%) raramente; 28 (28,5%) quase sempre e 32 (32,6%) sempre.

CONCLUSÕES

Com a ausência da prática de atividade física, a população jovem vem ganhando destaque em estudos voltados para combater o sedentarismo e a qualidade de vida de forma individual ou em grupos. Dentro desse contexto à educação física escolar também vem ganhando destaque em pesquisas.

A partir do objetivo proposto para o estudo de identificar o estilo de vida dos alunos do ensino médio. Obteve-se como resultado principal que o grupo avaliado nos três níveis de ensino 1º, 2º e 3º ano, apresentaram resultados negativos para os componentes atividade física, comportamento preventivo e nutrição. Sendo os componentes relacionamento social e controle do estresse com resultado satisfatório. Desse modo, é preciso informar, conscientizar os professores, a direção da escola e os alunos que é necessário que haja a prática de atividade física dentro da escola, diante dos benefícios que a mesma proporciona para uma melhor qualidade de vida.

A partir da realização desse estudo e considerando as limitações do mesmo, que foram a pesquisa somente com 98 alunos do ensino médio, em apenas uma escola, e coleta de dados em apenas um dia, foi possível compreender que é necessário a realização de intervenções que incentivem a prática regular de atividade física.

AGRADECIMENTOS

Aos alunos e direção da escola participante do estudo.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Pesquisa financiada pelas próprias pesquisadoras.

REFERÊNCIAS

- Gonçalves, A. M., Darsie, C., Sartori, Z. (2015). *Especialistas do "Governo do Eu": a importância do profissional de Educação Física para a constituição e manutenção de estilos de vida saudáveis*. In: Copetti, J., Folmer, V. Educação e saúde no contexto escolar. 76-112.
- Nahas, M. V., Barros, M. G. V., Francalacci, V. (2000). *O pentáculo do bem estar: base conceitual para a avaliação do estilo de vida em indivíduos ou grupos*. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Londrina, 2 (5), 48-59.
- Paz, E.P.A. et al. (2011). Estilos de vida de pacientes hipertensos atendidos com a Estratégia de Saúde Familiar. Invest Educ Enferm, 29 (3), 467-476. 2011.
- Pereira, R.S., Moreira, E.C. (2005). A participação dos alunos do Ensino Médio em aulas de Educação Física: Algumas considerações. R. da Educação Física/UEM Maringá, 16(2), 121-127.
- Prado, E. S., Silva, A. W., Oliveira, A.N., Baptista, J.S., Nacif, M. (2010). *Aplicação do Pentáculo do Bem Estar em um grupo praticante de atividade física regular*. Revista Digital, Buenos Aires, 15 (148).
- Samulski, D.M. (2009). *Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas*. (2ª ed). Barueri: Manole.
- Silva, D. A. S., Pereira, I. M. M., Almeida, M.B., Silva, R. J. S., Oliveira, A. C. C. (2012). *Estilo de vida de acadêmicos de educação física de uma universidade pública do estado de Sergipe, Brasil*. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, 34 (1): 53-67.

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESCOLA INCLUSIVA: CONCEPÇÕES INSTITUCIONAIS SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS E ALUNAS COM NEE EM ARACATI-CE

Raimundo André da Silva de Assis¹; Tiego da Silva Cruz²; Josenilda Soares da Silva³

¹Especialista em Musculação e Licenciado em Educação Física, Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ).

²Especialista em Gestão em Coordenação Escolar e Licenciado em Pedagogia, Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ).

³Especialista em Educação Física Escolar, Fitness e Treinamento Desportivo e Licenciada em Educação Física, Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ).

Palavras-chave: Educação Física, Educação Inclusiva, NEE.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um tema muito delicado àqueles que fazem a educação e que precisa a cada ano de reflexões de aprofundamentos acerca de como pensar uma proposta que atenda a diversidade na escola. Quando se fala em inclusão escolar, se fala da inserção de todas as crianças discriminadas (seja pelo aspecto das deficiências ou das questões étnico-racial e social) na escola regular.

São visíveis os desafios que é para os sujeitos da escola implementar a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. São inúmeros os episódios presenciados cujas ações por parte da gestão, do corpo docente, dos funcionários ou família revelaram o quão distantes de praticas inclusivas estamos.

No contexto político, pode-se destacar como vigente as lutas dos setores pedagógicamente mais evoluídos que anseiam pela igualdade de oportunidades para os cidadãos, na promoção de políticas de equidade e igualitarismo. Estas conquistas apontam uma igualdade substantivamente abstrata que por si só não consegue resolver o problema das diferenças nas escolas mediante as desigualdades de caráter natural e social (Mantoan E Prieto, 2006).

Historicamente, pessoas cuja aparência ou comportamento não se assemelhassem aos demais eram tachados de “anormais” e, portanto mereciam o tratamento diferenciado em instituições especializadas, isoladas segregadas e apartadas de um diálogo com a sociedade em geral. O objetivo destas instituições eram o de cuidados meramente assistenciais e de “correção” que excluía as pessoas com deficiência da normalização da vida social (Magalhães, 2002).

É bem necessário que reconheça a diferença entre educação inclusiva e a educação especial, de modo que a educação inclusiva é um movimento mundial fundamentado nos princípios dos direitos humanos e da cidadania, tendo por objetivo eliminar-se a discriminação e a exclusão para garantir o direito à igualdade de oportunidades e à diferença, transformando os sistemas de ensino, de modo a propiciar a participação de todos os alunos, com foco específico naqueles que são vulneráveis à marginalização e exclusão.

A proposta da educação inclusiva é um movimento fundamentado nos princípios dos direitos humanos e da cidadania e seu principal objetivo é acabar com a discriminação e a exclusão de crianças, jovens e adultos que apresenta qualquer atributo físico, psíquico ou comportamental que os diferenciam da norma estabelecida pela sociedade.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida com base num estudo de campo (Gil, 2002, p. 52), onde foi possível realizar um levantamento acerca da quantidade de alunos e alunas com deficiência física, mental ou múltipla em duas escolas da rede pública do município de Aracati, Estado do Ceará, e qual a concepção da escola acerca da Educação Física para a inclusão de alunos e alunas com NEE.

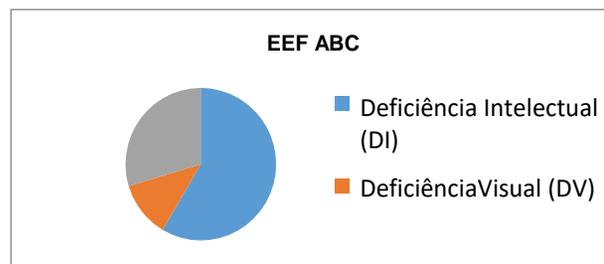
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas da rede pública de ensino de Aracati, sejam elas a Escola de Ensino Fundamental ABC e a Escola de Ensino Fundamental XYZ (nomes fictícios). As duas escolas são mantidas pela Prefeitura Municipal de Aracati, através da Secretaria de Educação do Aracati (SEDUCA) e estão localizadas em áreas consideradas periféricas, apesar de a primeira ficar nas proximidades da área central da cidade.

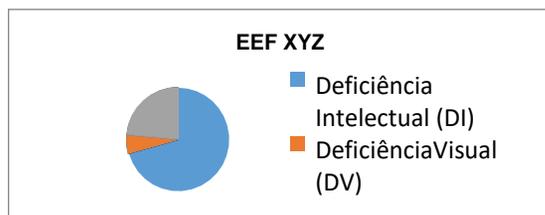
Em relação a concepção e filosofia das escolas relacionadas ao Atendimento Educacional Especializado, considera-se que estes são satisfatórios, analisando as propostas curriculares e o Projeto Político Pedagógico, que ambos documentos abordam a educação inclusiva como um dos principais focos das instituições, no sentido de promoverem-se enquanto escolas inclusivas.

A EEF ABC tem 17 alunos matriculados com Necessidades Educativas Especiais, dentre os quais 07 apresentaram laudo médico. A EEF XYZ também possui 17 alunos matriculados e todos apresentam laudo médico. Na EEF ABC, o atendimento é realizado de acordo com calendário elaborado pelo professor especialista na área, já na EEF XYZ o atendimento é realizado no contra turno dos horários das aulas dos alunos.

Vale lembrar que os alunos e alunas, não somente das duas escolas visitadas, mas de todas as escolas da rede pública do município são também atendimento pelo Núcleo de Atendimento Especializado e Inclusivo - NAEI, órgão da Secretaria Municipal de Educação de Aracati, inaugurado em 2015, pela prefeitura do município e que realiza atendimento especializado e específico. Os transtornos mais encontrados nas duas escolas são: Deficiência Intelectual (DI), Deficiência Visual (DV) e Deficiência Auditiva (DA), como se pode analisar no gráfico que segue:



Do total de 17 alunos matriculados com Necessidades Educativas Especiais, a EEF ABC apresenta 58,82% com Deficiência Intelectual (DI), o que corresponde a 10 alunos; 11,76% com Deficiência Visual (DV), o que corresponde a 02 alunos; e 41,17% com Deficiência Auditiva (DA), o que corresponde a 05 alunos.



Já a EEF XYZ, como podemos ver no gráfico acima, do total de 17 alunos matriculados com Necessidades Educativas Especiais, apresenta 70,58% com Deficiência Intelectual (DI), o que corresponde a 12 alunos; 5,83% com Deficiência Visual (DV), o que corresponde a 01 aluno; e 23,52% com Deficiência Auditiva (DA), o que corresponde a 04 alunos.

Nas escolas citadas, temos números pequenos de alunos matriculados com laudos que os colocam no quadro de crianças com deficiência. Dezesete crianças em um universo de cerca de 300 alunos e 20 professores em cada escola. Estatisticamente um dado irrelevante se não fossem os preconceitos que impõem inúmeras barreiras para a efetiva inclusão desses alunos. Esses fatores contribuem bastante para a exclusão, para a baixa autoestima dessas crianças, refletindo, com toda intensidade, para seu desenvolvimento de um modo geral.

As escolas visitadas assumem o objetivo de buscar desenvolver atividades de Educação Física a partir do contexto e necessidade de uma escola inclusiva, possibilitando e mediando a participação de alunos com NEE nas mais variadas atividades relacionadas à disciplina, seguindo as orientações do Ministério da Educação (MEC), através dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Física, os quais expõem que a Educação Física escolar “deve dar oportunidade a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva” (Brasil, 1997, p. 24).

Sobretudo, a escola inclusiva deve assegurar a igualdade entre alunos diferentes, fundamentando que todos tenham direito a educação, garantidas na constituição e nas leis, tornando a educação inclusiva uma questão de justiça social. A inclusão escolar é para todos: crianças, jovens e adultos, que apresentam qualquer tipo de deficiência, sejam elas, físicas ou mentais, pois entende-se que todos têm direito ao conhecimento e convívio social.

O trabalho em equipe é fundamental para acontecer a inclusão de verdade. Todas as escolas precisam eliminar as barreiras do preconceito. Mudar é difícil, encontrar professores e educadores que afirmam estar preparados para receber em sala de aula um estudante com necessidades educativas especiais, ainda é bastante complicado.

O apoio e o empenho da família são essenciais no processo de inclusão, sendo que dessa forma todos os projetos que forem colocados em prática nas escolas serão estendidos além, para as suas casas e com todo um acompanhamento qualquer pessoa com necessidades especiais pode socializar-se com outros seres humanos, em qualquer ambiente.

A educação nas escolas deve ter sustentação na retomada de valores que a sociedade pós-moderna nega por sua condição, muitas vezes alienadora. A efetivação do processo de inclusão requer uma revisão destes valores, dos costumes e das crenças, bem como a construção de um alicerce sólido para a sedimentação das lutas constantes pela participação de todos os entes que sofrem os meandros da exclusão.

Mediante os desafios, os professores precisam se atualizar, se adequar as necessidades da realidade educacional brasileira, percebendo as práticas pedagógicas como metodologias flexíveis às necessidades das crianças.

CONCLUSÕES

Na escola, os professores precisam reconhecer suas fragilidades diante do novo e buscar ferramentas para superar os desafios que são presentes na escola cuja política seja a de

inclusão. Os discursos dos professores que recebem em sala de aula crianças com deficiência, como já apontam muitos estudos sobre educação inclusiva, são de resistência e oposição a inserção delas nas escolas. Talvez pelo fato das decisões serem impostas do sistema federal (MEC) ao municipal sem uma audiência comprometida com os medos e anseios dos docentes que recebem estas crianças.

As experiências vivenciadas em campo foram válidas para o questionamento do contexto político-educacional que incita a educação para todos e a educação inclusiva. Deste modo, tornou-se possível perceber a importância de incluir cada criança em sua diversidade para ajudá-las em seu desenvolvimento cognitivo, social e motor, assim como também evidenciou-se a importância do desenvolvimento da Educação Física a partir de uma percepção inclusiva pelo sentido de promover a inclusão de crianças com NEE também nessas atividades, que, aparentemente, podem ser tomadas como mais desafiadoras.

Quando todos, de fato, se importam, a inclusão acontece, e todos ganham com essa troca de valores, contribuindo para o sucesso dessas crianças, que durante décadas foram esquecidas, abusadas, discriminadas, violentadas, enfim, foram vítimas de uma sociedade que olha para o diferente como uma anormalidade.

Com a finalização da pesquisa, nota-se que os principais desafios em relação a inserção de alunos com necessidades educativas especiais encontram-se na formação de profissionais da área, assim como a falta de estrutura física nas escolas e também a ausência de recursos materiais e didáticos para uma prática docente pautada no objetivo de oferecer acessibilidade educacional à todos, fazendo valer o que as leis propõem.

Desse modo, entende-se que, para tornar-se inclusiva, uma instituição de ensino necessita firmar uma parceria com os governos, assim como com a sociedade em geral, na busca de uma proposta pedagógica que embase a construção de um projeto político pedagógico que se aproprie da temática da inclusão social como fator norteador para uma política educacional igualitária.

REFERÊNCIAS

- Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 64 de 04 de fevereiro de 2010. Senado Federal. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Subsecretaria de Edições Técnicas. Brasília, 2010.
- _____. Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 1994.
- Fogli, Bianca F. C. dos Santos. Filho, Lucindo F. da Silva. Oliveira, Margareth M. N. dos Santos de. *Inclusão na educação: uma reflexão crítica da prática*. In: **Inclusão em educação: culturas, políticas e práticas**. Santos, Mônica Pereira. PAULINO, Marcos Moreira. et al. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- Kupfer, Mcm; Petri, R. **Por que ensinar a quem não quer aprender? Estilos de Clínica**. In: Revista sobre a infância com problemas, v 5, nº 9, 2000.
- Magalhães, Rita de Cássia Paiva. Lage, Ana Maria Vieira. [et al.]. **Reflexões sobre a diferença: uma introdução à educação especial**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- Mantoan, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.
- Serra, Dayse. **Inclusão e ambiente escolar**. In: Santos, Mônica Pereira dos. Paulino, Marcos Moreira. et al. **Inclusão em educação: culturas, políticas e práticas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CONHECIMENTOS RELACIONADOS À SAÚDE NAS PROVAS DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENADE

Yara Morgana Lopes Lima¹, Francisco Igor Sousa Garcia¹, Darlan Mesquita Gurgel¹, José Hildemar Teles Gadelha², Leandro Araujo de Sousa³

¹Curso de Educação Física, Universidade Estadual do Ceará (UECE), yara.lima@aluno.uece.br, igorsg19@gmail.com, darlan.mesquita@yahoo.com.br

²Curso de Educação Física, Universidade Regional do Cariri (URCA), hildemarteles@gmail.com

³Curso de Educação Física, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), leandrosousaifce@gmail.com

Palavras-chave: Avaliação Educacional, Educação Física e Treinamento, Conhecimento, Teste de Admissão Acadêmica.

INTRODUÇÃO

O ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) consiste em uma avaliação dos concluintes dos cursos de graduação, é obrigatório e tem o objetivo de avaliar “o desempenho dos estudantes com relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos de graduação, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional, e o nível de atualização dos estudantes com relação à realidade brasileira e mundial, integrando o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes)”, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2011). Assim, o ENADE é uma ferramenta importante para compararmos o nível de formação de diferentes instituições que possuem licenciatura em Educação Física e a evolução da profissão, pois é crescente a utilização do ENADE como parâmetro de qualidade dos cursos (Griboski, 2012).

Contudo, essa comparação entre os cursos se torna delicada, uma vez que as propostas político-pedagógicas e/ou as diretrizes curriculares dos mesmos podem estar mais voltadas para o tecnicismo, herança do “[...] processo histórico da formação e a implantação da Educação Física nas escolas brasileiras a partir da República” (Eto, Lima & Benitez, 2014, p. 127). Ainda é possível observar divergências e confusão por parte da sociedade e dos acadêmicos acerca do que é Educação Física escolar, conferindo aos profissionais identidades de “professores do esporte ou do exercício físico” (Eto, Lima & Benitez, 2014, p. 127). Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, 2015), em suas Diretrizes em Educação Física de Qualidade, o programa de formação do licenciado deve enfatizar a contribuição da educação física para um estilo de vida ativo e saudável ao longo da vida, assim como para o bem-estar individual (Unesco, 2015). Com isso, o interesse da instituição é aumentar a oferta de uma Educação Física de Qualidade (EFQ), pois a experiência com a educação física na escola influenciaria a satisfação, ou não, em participar e praticar atividades físicas ao longo da vida, uma vez que as principais causas de morte em todo o mundo estão associadas às doenças não comunicáveis relacionadas à inatividade física (como câncer, doenças cardíacas, diabetes, obesidade), sendo essa relação considerada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (Unesco, 2015).

Com base nessa declaração da UNESCO e devido ao fato de o professor de Educação Física, na maioria dos casos, ser o único profissional da área da Saúde presente no ensino básico, faz-se necessário que os estudantes de licenciatura em Educação Física, ao final do curso, estejam aptos a ensinar saúde nas escolas. A partir disso, o presente estudo teve o objetivo de analisar as questões relacionadas à saúde das provas de Licenciatura em Educação Física do ENADE.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo é do tipo exploratório e de natureza qualitativa. Buscou-se analisar as questões relacionadas ao tema saúde nas provas de Licenciatura em Educação Física do ENADE.

A prova é estruturada por questões objetivas e discursivas, constituídas por um quantitativo de 40 questões, em que 10 são de formação geral (tendo um peso de 25%), destas 8 objetivas e 2 são discursivas, e 30 de formação específica (tendo um peso de 75%), sendo 27 questões objetivas e 3 discursivas, elaboradas e aplicadas pelo próprio INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

A análise procedeu-se a partir dos seguintes passos: i) Identificação dos itens de saúde no caderno de questões; ii) Análise temática das questões e; iii) Categorização das questões por tema; iv) Classificação a partir da Taxonomia de Bloom. Utilizou-se de estatística descritiva (frequência absoluta e relativas válidas).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas 21 questões sobre saúde nas provas do ENADE dos anos de 2004 a 2014, estas foram divididas em nove categorias (tabela 1), com diferentes níveis de classificação na Taxonomia de Bloom.

Entre os resultados mostrados na Tabela 1, destaca-se que as questões mais abordadas nas provas do ENADE são sobre estilo de vida saudável e fisiologia do exercício, totalizando quatro questões para cada assunto nas provas de 2004 a 2014. Esse número de questões sobre estilo de vida saudável se justifica pela preocupação mundial com a inatividade física relacionada às doenças não comunicáveis, pois esse assunto que tem aparecido bastante na mídia, e o ENADE também avalia quão atualizado está o estudante com relação à realidade mundial. Com a presença dessas questões na prova, uma compreensão sobre a saúde é exigida dos estudantes que serão/são avaliados pelo ENADE, reconhecendo, assim, a importância de se transmitir esse conteúdo aos discentes.

De acordo com Margin, Simões e Moreira (2014) não existe uma padronização na formação do profissional de Educação Física, então, dentro da temática “saúde”, o ENADE focou suas questões em um assunto específico como “estilo de vida saudável”. Levantamos a hipótese de que a saúde tornou-se prioridade nas provas, pois seu conceito tem sido mal interpretado nos currículos dos cursos de Educação Física, podendo haver divergências entre teoria e prática (Margin, Simões & Moreira, 2014).

As categorias atividades física e espaços urbanos, obesidade, transtornos psicológicos e atividade física e cinesiologia, foram as que obtiveram o menor número de questões ao longo dos

anos, totalizando uma questão de cada categoria, sendo esses assuntos de extrema importância na formação dos docentes.

Segundo Pontes Júnior, Sousa e Silva (2015), em estudo feito sobre a classificação dos itens de Educação Física do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2009 a 2014, os itens de múltipla escolha foram elaborados a partir da Taxonomia dos Objetivos Educacionais, proposta por Bloom e colaboradores (as cited in Pontes Júnior, Sousa & Silva, 2015). Uma vez que o INEP é a autarquia responsável pelas duas provas (ENEM e ENADE) supomos que as questões do ENADE são elaboradas da mesma forma. A dimensão cognitiva da taxonomia foi utilizada nas avaliações e se divide em seis níveis: Conhecimento, Compreensão, Aplicação, Análise, Síntese e Avaliação (Bloom et al. as cited in Pontes Júnior, Sousa & Silva, 2015). De acordo com a Taxonomia de Bloom, o nível mais frequente foi o de análise, totalizando seis questões, onde é preciso discernir e associar elementos ou fragmentos importantes de um conjunto estruturando-os, não sendo classificado como um nível com um alto grau de complexidade. Percebe-se que nos últimos anos as questões se tornaram mais complexas, pois três questões na prova de 2014 possuem o nível mais alto de complexidade, que é a avaliação e, de acordo com o quadro adaptado de Bloom et.al. e Vianna (as cited in Pontes Júnior, Sousa & Silva, 2015), representa julgar e expressar um juízo de valor sobre o objeto ou a situação definida a partir de critérios determinados.

As categorias das questões relacionadas à saúde da prova estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1–Categorização dos Itens.

Categoria	2004		2007		2011		2014		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	N	%
Anabilizantes	-	-	1	4,8	1	4,8	-	-	2	9,6
Fisiologia do exercício	3	14,3	1	4,8	-	-	-	-	4	19,1
Atividades física e espaços urbanos	-	-	1	4,8	-	-	-	-	1	4,8
Estilo de vida ativo e saudável	1	4,8	2	9,5	2	9,5	-	-	5	23,8
Abordagem Saúde Renovada	1	4,8	-	-	-	-	2	9,5	3	14,3
Aptidão física	1	4,8	-	-	1	4,8	1	4,8	3	14,3
Obesidade	-	-	-	-	-	-	1	4,8	1	4,8
Transtornos psicológicos e atividade física	-	-	-	-	1	4,8	-	-	1	4,8
Cinesiologia	-	-	-	-	1	4,8	-	-	1	4,8
Total	6	28,7	5	23,9	6	28,7	4	19,1	21	100

Na Tabela 2 estão dispostas as frequências dos itens por nível da Taxonomia de Bloom.

Tabela 2 – Classificação das questões via Taxonomia de Bloom.

Nível	2004		2007		2011		2014		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	N	%
Conhecimento	-	-	1	4,8	-	-	-	-	1	4,8

nto										
Compreensão	2	9,5	1	4,8	-	-	-	-	3	14,3
Aplicação	1	4,8	-	-	1	4,8	1	4,8	3	14,3
Análise	2	9,5	-	-	4	19,1	-	-	6	28,6
Síntese	1	4,8	2	9,5	-	-	-	-	3	14,3
Avaliação	-	-	1	4,8	1	4,8	3	14,3	5	23,9
Total	6	28,6	5	23,9	6	28,7	4	19,1	21	100

CONCLUSÕES

Conclui-se que o ENADE sofreu mudanças ao longo dos anos em diversos aspectos, tais como: o número de questões voltadas para determinado assunto e o nível de dificuldade. Diante das questões voltadas para Saúde, observamos um aumento na complexidade das questões, com o passar do tempo, e a utilização das dimensões cognitivas de Bloom como método avaliativo. O assunto mais abordado na avaliação envolve estilo de vida saudável que remete uma preocupação dos organizadores do exame a esse tema, sendo este amplamente discutido no ambiente acadêmico podendo ser levado para a prática profissional nas escolas.

Uma das limitações da pesquisa é que a matriz de referência para a prova de Educação Física do ENADE está indisponível no site do INEP, exceto para avaliadores, tornando impossível saber quais descritores foram utilizados para a elaboração das questões utilizadas nesse estudo. Indicamos a imprescindibilidade de novos estudos sobre os conhecimentos que estão sendo medidos nas provas do ENADE para servir de parâmetro para a atualização das disciplinas obrigatórias nos cursos de Licenciatura em Educação Física. Apontamos também pesquisas na formação pedagógica dos graduandos em licenciatura, na concepção de entender as dificuldades enfrentadas pelos professores na transmissão dos conhecimentos em saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade Estadual do Ceará, ao Núcleo de Investigação em Atividade Física na Escola (NIAFE) e aos professores orientadores envolvidos nesse estudo.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Bolsa PROMAC/UECE e bolsa PRAE/UECE.

REFERÊNCIAS

- Eto, J., Lima, F. C., & Benitez, A. K. (2014). *Algumas representações de Educação Física de alunos ingressantes e concluintes de um curso de licenciatura em Cuiabá* – MT. *Revista Educação e Linguagens*, 3(4).
- Griboski, C. M. (2012). O ENADE como indutor da qualidade da educação superior. *Estudos em avaliação educacional*, 23(53), 178-195.
- Magrin, N. P., Simões, R. M. R., & Moreira, W. W. (2014). Formação profissional em Educação Física: estado da arte. *Kinesis*, 32(2).
- Pontes Jr, J. A. F, Sousa, L. S., Silva, A. G. (2015). *Itens de educação física no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) via taxonomia de Bloom*. In: Anais do VI Congresso Internacional em Avaliação Internacional, 5-7 Nov. Fortaleza-CE, Brasil.
- UNESCO (2015). Diretrizes em educação física de qualidade (EFQ) para gestores de políticas. Brasília, DF: UNESCO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. (2011). Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE. Retrieved from <http://portal.inep.gov.br/enade>

OS PEDAGOGOS E AS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO INFANTIL: LIMITES E POSSIBILIDADES

Hendeson Queiroz da Silva¹, Bruno Freires de Sousa¹, Antonio Evanildo Cardoso de Medeiros Filho¹, Geórgia Antonia Gomes Maciel Forte², Ana Paula Vasconcelos de Oliveira Tahim³.

¹Curso de Licenciatura em Educação Física, Centro Universitário Católica de Quixadá, (Unicatólica)

²Curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Ceará (UECE)

³Curso de doutorado em Educação brasileira, bolsista Capes/Universidade Federal do Ceará (UFC)

Palavras-chave: Educação Básica, Formação de professores, Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A infância é um momento de aprendizagens. Nesse sentido, a escola, proporciona o contato da criança com a sociedade fora do seio familiar, sendo este ambiente, lugar de interação e ampliação de entendimento do mundo. Diante disso, o professor apresenta-se como profissional na busca da qualidade do processo de ensino-aprendizagem (Libâneo, 1992; Kramer, 2014).

Notoriamente, a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica pode contribuir em partes no desenvolvimento da criança, considerando os aspectos psicomotores, cognitivos e afetivos (Antunes, Mendonça, Silva & Pinto). Nesse sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996) também sustenta essa ideia, atribuindo a Educação Infantil essa finalidade. Desse modo, é evidente a influência/importância dos professores na qualidade do desenvolvimento desses aspectos (Oliveira, 2002).

Conforme os mecanismos de intervenção e as propostas pedagógicas observa-se o professor de Educação Física Infantil como necessário para o desenvolvimento das habilidades motoras, cognitivas e afetivas, sendo este responsável pelas suas ações, tendo a expertise de saber como e o porquê se utilizar dessa ou daquela atitude em determinada situação (Quadros, 2013).

Todavia, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) ressalta que compete ao professor atender a especificidade de cada aluno, considerando suas capacidades e limites. Assim, o planejamento e avaliação fazem parte desse processo, contribuindo na organização de estratégias, com o objetivo de atender as especificidades de cada criança.

Embora a necessidade da existência do professor de Educação Física nas aulas de Ensino Infantil esteja fundamentada na literatura científica atual (Oliveira, Martins & Pimentel, 2013; Carvalho et al., 2015) ainda existem poucos profissionais dessa área no corpo docente de creches e entidades equivalentes que ofertam o Ensino Infantil, observa-se uma maior inserção de profissionais com formação em pedagogia.

Assim, estudos mostram a necessidade da presença de um profissional de Educação física na ascensão da saúde na escola, através de instruções e exercícios físicos (Ferreira & Torres, 2013).

Desse modo, a pergunta que norteia a presente pesquisa é: quais conteúdos e avaliações são utilizados pelos licenciados em pedagogia na disciplina de Educação Física no Ensino Infantil? Assim, investigar sobre essa temática permite analisar respostas que contribuem reflexivamente sobre a inserção da disciplina e do professor de Educação Física na Educação Infantil.

Diante do exposto, o estudo tem como objetivo perceber quais os conteúdos e avaliações são usadas pelo profissional pedagogo na disciplina de Educação Física no Ensino Infantil, em um Centro de Educação Infantil no município de Ocara-CE, bem como, identificar algumas das características pedagógicas, como os conteúdos e os tipos de avaliações trabalhadas nesse nível de ensino por esses profissionais.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa é de abordagem quali-quantitativa, de caráter descritivo, desenvolvida transversalmente (Thomas, Nelson & Silverman, 2012). A pesquisa foi realizada no Centro de Educação Infantil, Creche Proinfância Tipo B (CEI-Pequeno Lucas) situada no município de Ocara-CE.

A amostra foi construída por 10 professoras com formação em pedagogia; com a média de idade de 36,7 anos; 07 possuem pós-graduação na área da educação, nenhuma destas direcionadas a Educação Física escolar.

Como instrumento de coleta de dados, fez-se necessário a utilização de um questionário estruturado, não manipulado com perguntas objetivas e subjetivas.

Os critérios de inclusão foram estar a mais de 06 meses exercendo as atribuições docente, lotado mediante concurso público, ou admitido por contrato temporário chamado de ACT (Admissão em Caráter temporário). Por outro lado, os critérios de exclusão foram ter se afastados a menos de 6 meses da realização desta pesquisa e os que ocupam o cargo docente não atendendo nenhum tipo de contrato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à utilização dos conteúdos de Educação Física no Ensino Infantil 03 dos professores responderam que nunca/pouco utilizam em suas aulas e 07 responderam que utilizam razoavelmente/muito os conteúdos de Educação Física como forma de potencializar o processo ensino-aprendizagem. Desta forma pode-se entender a preocupação deste profissional quanto aos conteúdos pertinentes a esta disciplina.

No mesmo sentido, Antunes et al. (2015) relatam que uso da abordagem psicomotora no Ensino Infantil contribui em diferentes dimensões do desenvolvimento da criança, em contrapartida os professores participantes de sua pesquisa demonstraram dúvidas de como utilizá-la no processo de ensino-aprendizagem e sobre a suas finalidades. Complementando, Mello (2014) ressalta que as atividades ofertadas pela a Educação Física no Ensino Infantil baseiam-se nas perspectivas psicomotora, construtivista e desenvolvimentista.

Em consonância, Lemos, Avigo e Barela (2012) ressaltam que as intervenções/contribuições dessa disciplina têm apresentado melhoras no que diz respeito à aquisição de habilidades motoras fundamentais das crianças. Desta forma, podemos considerar este como um dos fatores que sustenta a importância da Educação Física nesse nível da Educação Básica.

Em relação ao uso de avaliação no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, apenas 03 responderam que nunca/pouco utilizam em suas aulas, e a maioria, 07 responderam que usam razoavelmente/muito. Desta maneira, podemos observar que a avaliação não é um método utilizado por todo o corpo docente, restando alguns compreenderem a sua importância na mensuração dos objetivos educacionais. Quando questionado se é importante à avaliação nesse nível de ensino, 07 responderam que sim – “a avaliação é uma ferramenta que torna possível o professor ter um diagnóstico

sobre os alunos, tanto do desenvolvimento cognitivo, quanto motor” (Professor A). Os demais participantes 03, responderam que não – “a avaliação na Educação Infantil não tem um resultado expressivo, ou seja, é relativo pelo o motivo de estarmos tratando de crianças, nas quais, as mesmas na maioria das vezes impõem resistências nas realizações das atividades” (Professor B). Entender sobre a importância da avaliação para o ensino é uma necessidade que surge no processo de acompanhamento da educação (Pontes Junior, Almeida & Trompieri Filho).

Já em relação ao uso de instrumentos de dados para avaliação, 04 afirmaram que nunca/pouco utilizam, sendo 06 razoavelmente/muito. Quando questionado quais instrumentos são utilizados foram citados: relatórios diários, mensais e anuais; e observações contínua mediante ao acompanhamento das etapas do seu desenvolvimento.

No que diz respeito os instrumentos de coleta de dados para avaliação, Silva (2012) evidenciou que os mais utilizados são os registros diários, relatórios individuais e os conselhos de classe participativos com a presença dos pais ou responsáveis. Faria e Besseler (2014) ao discutir a importância da avaliação no Ensino Infantil, também constatou a utilização desses instrumentos de coletas de dados em seu estudo.

CONCLUSÕES

Observadas as questões abordadas em se tratando da utilização dos conteúdos de Educação Física no Ensino Infantil, conclui-se que há preocupação dos pedagogos com os conceitos inerentes a esta disciplina, embora não tenham os conhecimentos teóricos e técnicos aprofundados e direcionados sobre estas questões quanto os profissionais de Educação Física.

Quanto ao uso de avaliação, notou-se que esses utilizam esta ação no processo. A respeito da importância da avaliação nesse nível de ensino, muitos compreendem sobre sua relação para o ensino. Em relação ao uso de instrumentos de coleta de dados para avaliação, as professoras pesquisadas apresentam conhecimento sobre as ferramentas para esta etapa do desenvolvimento.

Embora a formação destas professoras resolvam parcialmente as necessidades iniciais dos alunos é preciso uma educação holística, buscando uma parceria com os profissionais da área da Educação Física, respeitando as especificidades de cada formação. Desse modo, podemos afirmar que os objetivos aqui propostos foram por ora alcançados. A partir desse estudo, surge à necessidade de investigar com maior detalhamento esta e novas realidades, e, por que não, com maiores amostragens.

AGRADECIMENTOS

Ao Centro Universitário Católica de Quixadá pelo o apoio institucional, e ao Núcleo de Avaliação em Saúde Coletiva e Educação – NASCE.

REFERÊNCIAS

- Antunes, M. M., Mendonça, S., Silva, A. O., & Pinto, E. M. M. (2015). *O trabalho com as estruturas psicomotoras nas aulas de Educação Física e suas contribuições para a alfabetização: a percepção de professores*. *Revista Intersaberes*, 10(20), 72-82.
- Brasil. (1996). Congresso. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Congresso Nacional.
- Brasil (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional de educação infantil: introdução. Brasília.
- Carvalho, M. A. A., Melo, T. R., Souza, J. W. S., Reis, A. R., & Anjos, W. F.C. (2015). *Olhar do docente e plano de ensino em educação física: da construção à utilização prática na modalidade de ensino básico da cidade de Adustina Bahia*. *Anais dos EPEEF*, 1(1), 1-10.
- Faria, A. P., & Besseler, L. H. (2014). A avaliação na educação infantil: fundamentos, instrumentos e práticas pedagógicas. *Nuances: estudos sobre Educação*, 25, (3), 155-169. doi: <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v25i3.3048>.
- Ferreira, H. S., & Torres, A. L. (2013). *Educação física na educação infantil e no ensino fundamental na percepção de pedagogos: um estudo de caso*. *Revista FSA*, 10(4), 183-194.
- Kramer, S. (2014). Avaliação na educação infantil: no avesso da costura, pontos a contar, refletir e agir. *Interações*, 10(32), 5-26.
- Lemos, A. G., Avigo, E. L., & Barela, J. A. (2012). Physical Education in kindergarten promotes fundamental motor skill development. *Advances in Physical Education*, 2(1), 17-21.
- Libâneo, J. C. (1992). *Didática*. São Paulo: Cortez.
- Mello, A. S., Santos, W., Klippel, M. V., Apiantiroso, A., & Votro, S. J. (2014). *Educação Física na educação infantil: produção de saberes no cotidiano escolar*. *Rev. bras. ciênc. esporte*, 36(2), 467-484.
- Oliveira, J. A. D. (2002). Padrões motores fundamentais: implicações e aplicações na Educação Física infantil. *Interação*, 6(6), 37-41.
- Oliveira, V. J. M., Martins, D. G., & Pimentel, N. P. (2013). O cotidiano da educação infantil e a presença da Educação Física na poética de ser criança. *Pensar a Prática*, 16(1), 118-133. doi:10.5216/rpp.v16i1.16188.
- Pontes Junior, J. A. F., Almeida, L. S., & Trompieri Filho, N. (2014). *Avaliação cognitiva em larga escala dos conteúdos da Educação Física escolar*. *Bordon: revista de pedagogia*. 66,9-25.
- Quadros, R. B. (2013). As aulas de Educação Física na classe especial na abordagem psicomotora. *Motrivência*, (40), 41-50.
- Silva, T. Z. (2012). *Avaliação na Educação Infantil: um breve olhar na avaliação da aprendizagem*. *Revista Thema*. 9 (2), 1-14. doi: <http://dx.doi.org/10.15536/thema.9.2012.%25p.142>.
- Thomas, J. R., Nelson, J. K., & Silverman, S. J. (2012). *Métodos de pesquisa em atividade física*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed.

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DESAFIOS, PRÁTICAS E SABERES PEDAGÓGICOS

Aline Soares Campos¹, Antonio Ricardo Catunda de Oliveira²

¹Secretaria da Educação do Ceará – (SEDUC-CE), cam_so_a@yahoo.com.br

²Universidade Estadual do Ceará (UECE), ricardo.catunda@uece.br

Palavras-chave: Educação Física; Formação Docente; Escola

Pública.

INTRODUÇÃO

No Brasil, as pesquisas, os trabalhos e os estudos sobre a formação e a profissão docente apontam para uma revisão da compreensão da prática pedagógica do professor, que é tomado como mobilizador de saberes teóricos e práticos. Considera-se, assim, que este, em sua trajetória, constrói e reconstrói seus conhecimentos conforme a necessidade de utilização dos mesmos, em seus cursos formativos e em suas experiências profissionais. Assim, com todos os aplausos e as críticas, a Escola ainda é um dos espaços onde o professor desenvolve suas competências e saberes docentes. Desta forma, a escola, ainda é uma estrutura indispensável no conjunto das medidas de convencimento e conformidade social, na luta em favor de transformações sociais e prática profissional do professor. Por isso, acreditamos que com todos os equívocos e todos os contrassensos que ocorrem no espaço escolar, reconhecemos que a escola é necessária como parte de um processo de civilização, cujas conquistas precisam ser preservadas. Acima de tudo, a educação básica é um direito universal do cidadão reconhecida na Lei de Diretrizes e Bases – L.D.B. 9394/96. Então, a educação escolar torna-se espaço insubstituível de acolhimento das novas gerações, com possibilidades de ser mais igualitária e livre de preconceitos, e de permitir-lhes que conheçam sua cultura, possam compreender e analisar a comunidade, adquiram instrumentos para a crítica, a reflexão e até, quem sabe, para a criação de alternativas, diante das poderosas determinações que são impostas, inegavelmente, pela sociedade.

Essa situação, em nosso país, se dá paralelamente a um quadro em que a escola pública, em especial, sofre constantes reestruturações administrativas e curriculares, tanto em função das periódicas alterações políticas de gestão pública, como pelo modo de conduzir e solucionar problemas como: a evasão escolar, o alto índice de repetência, a escassez de recursos humanos e materiais, as lacunas na formação de professores e o reduzido apoio e participação dos pais na vida escolar. Sem estabelecer um juízo de valor em relação ao peso de um ou outro componente na determinação das atuais condições da escola pública, destacamos a forte implicação destes fatores no desdobramento do trabalho do professor. Dessa forma, a opção pelo objeto desta investigação se deu em meio a esses paradoxos e inquietações, resultantes da experiência e do convívio diário na escola pública. Inseridos, nesse contexto de realizações e desafios profissionais, traçamos algumas reflexões: o que significa ser professor de Educação Física? Que expectativas os professores de Educação Física têm em relação ao seu trabalho? Que estratégias constroem para suprir as demandas e exigências que lhes colocam? Pretendemos com esta exposição, indicar os desafios da situação atual e o delineamento de um novo modo de organizar a prática e o currículo, em que se vai destituindo o lugar do conhecimento e da reflexão, para a educação e por continuidade ao professor de Educação Física. Portanto, fica evidente o serviço à ordem vigente de estudos que reduzam os problemas as questões de gestão e de ineficiência de alguns setores da escola, ou a impropriedade e irrelevância de alguns temas do currículo, já que a relação de desvalorização e relativização total do conhecimento se articula ao desmonte da escola pública e acompanha o movimento de desvalorização das pessoas que utilizam a escola e das que fazem dela seu posto de trabalho, ou seja, os alunos e os docentes - profissionais da Educação Física.

MATERIAL E MÉTODOS

Neste contexto, foi realizada a pesquisa bibliográfica, utilizando como técnica para a mesma a observação. Segundo Severino (2007) "observação é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa". Assim sendo, as pesquisas sobre a formação de professores e os saberes docentes surgem como marca da produção intelectual internacional, com o desenvolvimento de estudos que utilizam uma abordagem teórico-metodológica que dá a voz ao professor, a partir da análise de trajetórias, histórias de vida, entre outras referências. Segundo Nóvoa (1995), esta nova abordagem veio em oposição aos estudos anteriores que acabavam por reduzir a profissão docente a um conjunto de competências e técnicas, gerando uma crise de identidade dos professores em decorrência de uma separação entre o eu profissional e o eu pessoal. Essa virada nas investigações passou a ter o professor como foco central em estudos e debates, considerando o quanto o "modo de vida" pessoal acaba por interferir no profissional. Acrescenta ainda o autor que esse movimento surgiu "num universo pedagógico, num amálgama de vontades de produzir um outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores" (p. 19). Isto posto, passou-se a estudar a construção e a constituição do trabalho docente levando-se em conta os diferentes aspectos de sua história: individual e profissional. Percebe-se, então, uma mudança nos estudos, que passam a reconhecer e considerar os saberes construídos pelos professores, em foco, os professores de Educação Física, o que anteriormente não era levado em consideração. Nessa perspectiva de analisar essa formação, a partir da valorização destes, é que os estudos sobre os saberes docentes ganham impulso e começam a aparecer na literatura, numa busca de se identificarem os diferentes saberes implícitos na prática docente. Nesse espírito, tinha-se em vista que "é preciso investir positivamente nos saberes de que o professor é portador, trabalhando-os de um ponto de vista teórico e conceptual" (Nóvoa, 1992, p.27).

Refletimos sobre a idealização de um modelo teórico para orientar a formação do professor, e em especial, o de Educação Física, conduzia a uma análise desfavorável da prática pedagógica e dos saberes docentes. As pesquisas sobre ensino e formação desses professores passaram a priorizar o estudo de aspectos políticos e pedagógicos amplos. Os saberes escolares, os saberes docentes tácitos e implícitos e as crenças epistemológicas, como destaca Linhares (1996) "seriam muito pouco valorizados e raramente problematizados ou investigados tanto pela pesquisa acadêmica educacional como pelos programas de formação de professores" (p. 314). Por conseguinte, o que nos leva a este ensaio é o fato de que, em muitas escolas, não se tem claro o que vem a ser a disciplina Educação Física, e por consequência dessa desinformação, quem é o professor de Educação Física? Observamos que quer sejam os alunos, demais professores, o próprio núcleo gestor e mesmo a família desconhecem o valor educativo e formativo da componente curricular Educação Física e o fazer dos próprios professores da disciplina. A lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 delimitam em seu artigo 26 § 3º que: "A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica..." Dentro deste contexto dicotômico, existe a necessidade premente de refletirmos, analisarmos, discutirmos a respeito da situação da Educação Física escolar nas escolas de ensino fundamental e médio, nas escolas públicas, a sua valorização como Disciplina, a valorização do

Professor, bem como as suas propostas didático-metodológicas. Para tal, reflexão urge que reconheçamos o que está acontecendo com a prática cotidiana do professor de Educação Física. Há algum tempo temos propostas que tentam mudar tal realidade, nos currículos oficiais para Educação Básica, que contemplam em suas propostas conteúdos, pressupostos de movimento, encaminhamento metodológico e processos de avaliação. Analisando esses fatos, percebemos um movimento de busca por esclarecer e fortalecer a Educação Física escolar.

Percebemos, que esta "(in) compreensão", ou a falta da mesma, da real necessidade e possibilidade da Educação Física dentro do projeto/processo educativo presente no ambiente escolar, leva muitos professores que não tiveram uma "formação pedagógica" em seus cursos de graduação em licenciatura, a desenvolverem atividades que poderiam ser confundidas, simplesmente, com: um treinamento desportivo ou atividades de lazer de um clube, colônia de férias, ou qualquer outro espaço que não possui a função social da escola. Para Freire (1989, p. 84), "a educação de corpo inteiro se dá tanto para o movimento quanto para o não movimento, onde o movimento serve de base sendo capaz de levar as pessoas a apreenderem não somente habilidades motoras como também aquisições de ordem pedagógica, intelectual e social". Sendo assim, o conhecimento a ser ensinado na escola, durante as aulas de Educação Física, deve desenvolver o saber específico dessa disciplina e promover e apontar soluções para problemas da vida social, onde, cada aluno possa contribuir e participar como agente atuante de uma sociedade. Vemos assim, segundo Freire (1996), propomos uma Educação Física comprometida com o sentido/significado maior da escola, bem como da Educação como um todo, que é o de propiciar condições de que os alunos se tornem sujeitos autônomos, críticos e capazes de atuar em suas realidades e transformá-las. Mas a realidade, ainda nos apresenta muitos vilões que ora se intercalam para justificar o "fracasso" ou as situações de insucesso da disciplina de Educação Física nas escolas. Observamos num primeiro momento é a falta de legitimidade da mesma como disciplina (sua constante crise de identidade); somem-se a isto professores "mal formados", ou formados para serem especialistas em esporte, recreação, fisiologia, anatomia, mas sem a formação didática, ou com visões simplistas da prática pedagógica da Educação Física escolar. Num terceiro momento são os conteúdos e diretrizes impostas e a falta de propostas metodológicas que não sistematizam a ação dos professores, isto, é claro, sem falar na falta de material, instalações inadequadas e a não valorização do Professor, em especial do profissional de Educação Física. Enfim, existe a necessidade premente de refletirmos, analisarmos, discutirmos a respeito da situação da Educação Física nas escolas de ensino fundamental e médio, enaltecendo dentro do currículo escolar, a sua valorização como disciplina, a importância do professor de Educação Física, bem como aprofundar e ampliar as propostas didático-metodológicas.

CONCLUSÕES

Assim sendo, reconhecemos que ocorreram avanços tanto na escola, quanto pelos professores de Educação Física. Aliado a isso, constatamos a questão dos saberes docentes que, agora se apresentam com outra perspectiva, em decorrência da influência das avaliações externas, dos pactos pela educação, da literatura internacional e de pesquisas brasileiras e da sociedade, que passam a considerar o professor de Educação Física como um profissional que adquire e desenvolve conhecimentos a partir da prática e no confronto com as condições da profissão. Assim, entende-se a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na consciência corporal, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, capacitando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas, das ginásticas, enfim, do movimento corporal em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. Vale ressaltar que, a dinamização do trabalho dos professores no sentido de tornar a Educação Física escolar interessante para os alunos, fazendo com que a mesma tenha objetivo e

finalidades definidas e contribua para a formação dos aprendizes e com o Projeto Político Pedagógico da escola. Desta forma, concluímos que é fundamental, 1) Compreender a importância da formação contínua e continuada na prática pedagógica dos profissionais de Educação Física escolar; 2) Garantir que o Projeto Político Pedagógico fortaleça o significado: da ação docente, do currículo e da práxis da Educação Física escolar na formação de seus educandos.

REFERÊNCIAS

Freire, João Batista. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. Editora Scipione. (Pensamento e ação no magistério), 1989.

Freire, Paulo. . São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Brasil , Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.

Linguagens, códigos e suas tecnologias / Ministério da Educação / Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

Linhares, Célia Frazão. *Dilemas de um final de século*. Editora Cortez, 1996.

Nóvoa, Antônio (Org.). *Vidas de professores*. 2. Ed. Porto: Porto, 1995.

_____. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

Parâmetros curriculares nacionais: **Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. 114p.

Severino, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. Ed. rev. e atualizada – São Paulo: Cortez, 2007.

ABORDAGEM DA SAÚDE NOS ITENS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM)

Maria Cláudia Holanda da Mota¹, Vivian Alves Araújo¹, Raissa de Lima Andrade¹, Leticia Maria Alves Braz¹,
Cyro Domingues Martins de Sanders²

¹Curso de Educação Física, Universidade Estadual do Ceará (UECE), maria.holanda@aluno.uece.br

²Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Palavras-chave: Avaliação Educacional, Educação Física e Treinamento, Conhecimento, Teste de Admissão Acadêmica.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, o processo de formação profissional da educação física deu-se pela influência exacerbada da Marinha e do Exército, com metodologias de ginástica alemãs e francesas (Castellani Filho, 1998). Hoje, o profissional de Educação Física possui uma área de atuação bastante extensa, podendo abranger campos profissionais como a área educacional, da saúde e, também, social. A atuação está diretamente ligada à formação curricular do profissional, baseado na alteração de 1987 onde a resolução CFE nº 03/1987 acaba com a formação única de licenciatura, abrindo uma nova graduação sendo bacharelado, porém, sem muito êxito na época. Isso porque as instituições de ensino da época optaram por criar cursos únicos de licenciatura, com uma formação integral, que tinha a prerrogativa legal de atuação nos campos de trabalho tanto na área escolar, quanto em outros campos de atuação (Nozaki, 2004).

Os profissionais licenciados em educação física têm uma formação voltada, prioritariamente, para o ensino dos conteúdos voltados às aulas de educação física escolar, esquecendo, de certa forma, o estímulo da promoção da saúde, porém, nos dias de hoje, a quantidade de pessoas que vêm sofrendo com as doenças hipocinéticas, causadas, também, pelo sedentarismo, está cada vez maior, principalmente entre as crianças e jovens (Abeso, 2015). Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da educação física para o ensino médio, encontramos recomendações à cultura corporal dos alunos, assunto esse quem tem sido comum em questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Segundo Brasil (1998), “conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva” é um dos principais objetivos da disciplina da educação física para com os estudantes.

A prova do ENEM tem característica transdisciplinar, pois ela não é uma prova eminentemente conteudista, ela exige dos alunos uma maior interpretação, aplicação no cotidiano, lógica e raciocínio. Brasil (2009), cita trinta competências e cento e vinte habilidades distribuídas para cada área do conhecimento, já a educação física está dentro da competência três, contemplado nas habilidades nove, dez e onze, contudo trataremos, nesse estudo, da segunda habilidade citada, já que nela é abordada a temática saúde, ao qual o professor de educação física está diretamente relacionado. A habilidade dez fala sobre reconhecer a necessidade de transformação de hábitos corporais em função de necessidades cinestésicas, ou seja, o tema atividade física para uma melhor qualidade de vida e hábitos saudáveis.

Pontes Júnior, Sousa e Silva (2015), realizaram um estudo em que eles analisaram as provas do ENEM dos anos de 2009 a 2014, onde eles tiveram como objetivo identificar questões relacionadas à temática “saúde” e percebeu-se um escasso número dessas questões dentre esses seis anos de avaliações, sendo observado menos de dez questões durante esses seis anos de avaliação do ENEM.

A saúde é um assunto universal e que deve ser tratado em todos os âmbitos da do ser humano, assim como em todas as disciplinas escolares, sendo, assim, de suma importância a sua forte presença em um exame de larga escala para escolares. Pontes Júnior et al. (2015), encontraram algumas questões as quais tratam diretamente sobre atividade física, assunto esse que vem crescendo cada vez mais na realidade do nosso país, pois o número de sedentários, obesos só aumenta (ABESO, 2015). Na mesma pesquisa também foram identificadas questões relacionadas aos efeitos fisiológicos dos exercícios, um assunto mais aprofundado em relação ao citado anteriormente. Imagem corporal é um tema que vem sendo abordado diariamente em todo lugar e não poderia faltar nas questões do ENEM.

A educação física escolar abrange uma série de conteúdos, os quais podemos citar o conhecimento sobre o corpo, esportes, jogos, lutas, ginásticas e atividades rítmicas e expressivas. O Ministério da Educação resolveu dividi-los em três blocos: o primeiro bloco contendo os esporte, as lutas e a ginástica; o segundo bloco com as atividades rítmicas e expressivas; e o terceiro bloco com o conhecimento sobre o corpo (Menegon, Silva, Schornobay, & Lopes, 2014).

O terceiro bloco é um bloco tão importante quanto os outros dois, porém, erroneamente, o menos explorado pelos professores de educação física em seu planejamento e execução dele (Filho, 2010).

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo é do tipo descritivo, exploratório e de natureza qualitativa. Busca analisar as questões relacionadas à saúde das provas de Licenciatura em Educação Física do ENEM.

A prova do exame é estruturada por questões objetivas divididas em áreas de conhecimento. A área de Linguagens e Códigos é constituída por um quantitativo de 45 questões, contemplando as disciplinas de Língua Portuguesa, Educação Física, Artes, Língua Estrangeira e Tecnologia da Informação e Comunicação. As provas são elaboradas e aplicadas pelo próprio Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

A análise procedeu-se a partir dos seguintes passos: i) Identificação dos itens de saúde no caderno de questões entre os anos de 2009 a 2014; ii) Análise do conteúdo das questões e; iii) Interpretação das habilidades exigidas dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas oito questões que tratavam diretamente da temática saúde. As questões tratam de qualidade de vida, corporeidade, aptidão física, fisiologia do exercício, anabolizantes e obesidade/nutrição. A Figura 1 apresenta uma questão da prova de 2009.

A referida questão trata de um conceito amplo de saúde, como decorrente de diversos fatores, tais como alimentação, atividade física, lazer, trabalho, transporte, moradia, aptidão física e etc. A questão exige do estudante o conhecimento das características

de uma pessoa com boa aptidão física. Dessa forma, acerta aquele que entende que tem bom condicionamento físico aqueles que desenvolvem as atividades do dia-a-dia independentemente da idade.

Figura 1 – Questões de educação física do ENEM 2009 e 2012, respectivamente.

Questão 98

Saúde, no modelo atual de qualidade de vida, é o resultado das condições de alimentação, habitação, educação, renda, trabalho, transporte, lazer, serviços médicos e acesso à atividade física regular. Quanto ao acesso à atividade física, um dos elementos essenciais é a aptidão física, entendida como a capacidade de uma pessoa utilizar seu corpo — incluindo músculos, esqueleto, coração, entre, todas as partes — de forma eficiente em suas atividades cotidianas; logo, quando se avança a saúde de uma pessoa, a aptidão física deve ser levada em conta. A partir desse contexto, considera-se que uma pessoa tem boa aptidão física quando

apresenta uma postura regular.

pode exercer por períodos curtos de tempo.

pode desenvolver as atividades físicas do dia-a-dia, independentemente de sua idade.

pode executar suas atividades do dia a dia com vigor, atenção e uma fadiga de moderada a intensa.

pode exercer atividades físicas no final do dia, mas suas reservas de energia são insuficientes para atividades intelectuais.

QUESTÃO 96

Benefícios fisiológicos do exercício físico

Pré-exercício: O organismo humano apresenta adaptações fisiológicas para suportar o exercício físico. Durante o exercício, ocorre um aumento da frequência cardíaca, da pressão arterial e da taxa de consumo de oxigênio.

Exercício: Durante o exercício, ocorre um aumento da frequência cardíaca, da pressão arterial e da taxa de consumo de oxigênio.

Pós-exercício: Após o término do exercício, ocorre um aumento da frequência cardíaca, da pressão arterial e da taxa de consumo de oxigênio.

Benefícios fisiológicos do exercício físico no organismo, apresentados na figura, são adaptações benéficas à saúde de um indivíduo.

1. Diminuição da frequência cardíaca em repouso e aumento da oxigenação do sangue.

2. Diminuição da oxigenação do sangue e aumento da frequência cardíaca em repouso.

3. Diminuição da frequência cardíaca em repouso e aumento da gordura corporal.

4. Diminuição do tônus muscular e aumento do percentual de gordura corporal.

5. Diminuição da gordura corporal e aumento da frequência cardíaca em repouso.

Fonte: INEP, 2009.

A Figura 1 trata-se de uma questão de conhecimentos de fisiologia do exercício. A questão trata sobre um benefício que nosso corpo produz durante a prática da atividade física, que é diminuir a frequência cardíaca em repouso e aumentar a oxigenação do sangue.

A Figura 2 trata-se de uma questão de conhecimentos sobre anabolizantes. Tal questão trata indiretamente da imagem corporal, tão difundida atualmente, e que é algo que deve ser motivo de preocupação, principalmente quando se fala em adolescentes. A partir da busca do corpo perfeito, baseado na mídia e seus artistas, os jovens, em sua maioria, procuram formas mais rápidas de obter seus resultados, dessa forma, as indústrias que fabricam e vendem esse tipo de produto, se aproveitam dessa oportunidade para disseminar mais ainda que o corpo perfeito pode ser obtido com pouco esforço, apenas com a ingestão de seus produtos e exercícios leves.

Figura 2 – Questão de Educação Física do ENEM 2012.

QUESTÃO 98

Uso de suplementos alimentares por adolescentes

Evidências médicas sugerem que a suplementação alimentar pode ser benéfica para um pequeno grupo de pessoas, aí incluídos atletas competitivos, cuja dieta não seja balanceada. Tem-se observado que adolescentes envolvidos em atividade física ou atlética estão usando cada vez mais tais suplementos. A prevalência desse uso varia entre os tipos de esportes, aspectos culturais, faixas etárias (mais comum em adolescentes) e sexo (maior prevalência em homens). Poucos estudos se referem a frequência, tipo e quantidade de suplementos usados, mas parece ser comum que as doses recomendadas sejam excedidas.

A mídia é um dos importantes estímulos ao uso de suplementos alimentares ao veicular, por exemplo, o mito do corpo ideal. Em 2001, a indústria de suplementos alimentares investiu globalmente US\$ 46 bilhões em propaganda, como meio de persuadir potenciais consumidores a adquirir seus produtos. Na adolescência, período de autoafirmação, muitos deles não medem esforços para atingir tal objetivo.

ALVES, C.; LIMA, R. J. *Psicologia*, v.85, n.4, 2009 (fragmento).

Sobre a associação entre a prática de atividades físicas e o uso de suplementos alimentares, o texto informa que a ingestão desses suplementos

é indispensável para as pessoas que fazem atividades físicas regularmente.

é estimulada pela indústria voltada para adolescentes que buscam um corpo ideal.

é indicada para atividades físicas como a musculação com fins de promoção da saúde.

direciona-se para adolescentes com distúrbios metabólicos e que praticam atividades físicas.

melhora a saúde do indivíduo que não tem uma dieta balanceada e nem pratica atividades físicas.

CONCLUSÕES

Conclui-se que o tema saúde e hábitos saudáveis é pouco abordado no Exame Nacional do Ensino Médio, tendo em vista a sua importância diante do cenário atual, onde cada vez mais as crianças e os jovens estão cultivando hábitos sedentários, maus hábitos alimentares, atitudes essas que trazem problemas diretamente ligados a qualidade de vida do ser humano, pois obesidade e outras doenças hipocinéticas são agravadas com a falta de atividade física e má alimentação.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Ceará e ao grupo de estudos NIAFE (Núcleo de Investigação de Atividade Física na Escola).

REFERÊNCIAS

- Abeso, *Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica*. Disponível em: <http://www.abeso.org.br/atitude-saudavel/mapa-obesidade>. Acesso em: 13/10/2016.
- Balbinotti, M. A. A., Zambonato, F., Barbosa, M. L. L., Saldanha, R. P. & Balbinotti, C. A. A. (2011). *Motivação à prática regular de atividades físicas e esportivas: um estudo comparativo entre estudantes com sobrepeso, obesos e eutróficos*. Motriz, Rio Claro, 17 (3), pp. 384-394.
- Brasil, Ministério da Educação e Cultura (1996). *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura.
- Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física para terceiro e quarto ciclos (Conhecimentos sobre o corpo)*. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. Ministério da Educação. (2009). *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. Matriz de Referência para o ENEM 2009. Brasília: INEP/MEC.
- Castellani Filho, L. (1988). *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Papirus Editora.
- Depresbiteris, L. (1989). Avaliação de programas e avaliação da aprendizagem. *Educação e Seleção*, n. 19, pp. 5-31.
- Field, A. P. (2009). *Discovering statistics using SPSS*. London, England: SAGE.
- Filho, M. de S. (2010). *A Educação Física como componente curricular: trajetória histórica e possibilidades atuais no Ensino Médio*. Buenos Aires, EFDeportes, ano 15, nº 150.
- López-Pastor, V. M., Kirk, D., Lorente-Catalán, E., MacPhail, A & Macdonald, D. (2012). *Alternative assessment in physical education: a review of international literature, Sport, Education and Society*, DOI:10.1080/13573322.2012.713860
- Maroco, J. P. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics (5ª ed)*. Pêro Pinheiro: Report-Number.
- Menegon, A. A.; Silva, E. N.; Schornobay, S. R.; Lopes, S. (2014) O uso metodológico das aulas de educação física no enfrentamento ao bullying: uma perspectiva bibliográfica. *Revista Científica Semana Acadêmica*. Fortaleza, ano 2014, nº. 62.
- Pontes Jr, J. A. F, Sousa, L. S., Silva, A. G. (2015). *Itens de educação física no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) via taxonomia de Bloom*. In: Anais do VI Congresso Internacional em Avaliação Internacional, 5-7 Nov. Fortaleza-CE, Brasil.
- Silveira, E. F. & Silva, M. C. (2011). *Conhecimento sobre atividade física dos estudantes de uma cidade do sul do Brasil*. Motriz, Rio Claro, 17 (3), pp. 456-467
- Travitzki, R., Calero, J & Boto, C. (2014) ¿Qué información proporciona el Examen Nacional de Enseñanza Media (ENEM) a la sociedade brasileira? *Revista CEPAL*
- Vianna, H. M. (1985). *Provas e testes no concurso vestibular*. *Educação e Seleção*, 12, pp. 47-72.

DINÂMICAS INTERSETORIAIS ENTRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PROMOÇÃO DE ATIVIDADE FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR EM BELO HORIZONTE

Adrize Paola Gonçalves Marques¹, Cristina Almeida Cunha Filgueiras²

¹Mestranda em Ciências Sociais; Esp. em Gestão na Saúde Pública. PUC Minas, adrize@pucminas.br

²Doutora em Sociologia; Docente no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, PUC Minas, cfilgueiras@pucminas.br

Palavras-chave: Intersetorialidade, Políticas Públicas, Programa Saúde na Escola, Atividade Física e saúde.

INTRODUÇÃO

Os serviços públicos que envolvem setores da saúde tem buscado cada vez mais a articulação com outras áreas de atuação, assumindo-se a intersetorialidade como estratégia para a qualificação do trabalho, buscando superar os resultados que seriam conquistados pelas ações isoladas.

Considera-se intersetorialidade em saúde a relação entre uma ou várias partes do setor saúde, com uma ou várias partes de outro setor, objetivando resultados efetivos, eficientes e sustentáveis (Silva; Rodrigues, 2010).

Em zonas urbanas como Belo Horizonte/MG, observa-se que as condições socioeconômicas, aumento da informatização e da violência e a deterioração dos espaços públicos de lazer, contribuem para a diminuição do nível de atividade física (AF), aumentando o sedentarismo, elevando o estresse e as doenças do sistema cardiovascular e respiratório, diabetes e hipertensão (IBGE, 2015).

O Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010, define que a jornada escolar diária seja igual ou superior a 7 horas (educação em tempo integral) e, na medida em que se efetiva, aumentam-se os indicativos de que a vivência da AF ocorrerá na escola.

Observa-se que o trabalho institucionalizado da temática "saúde na escola" tem contribuído para uma maior articulação e integração das políticas educacionais com as práticas desenvolvidas pelo Ministério da Saúde (Organização Pan-Americana Da Saúde, 2007).

Os atuais paradigmas para a produção social das doenças, e a ampliação do conceito "saúde" e qualidade de vida têm demandado novas possibilidades de trabalho intersetorial. O "Programa Saúde na Escola" (PSE) apresenta-se neste contexto, articulando-se com outros setores como o Ministério do Esporte (Almeida, 2013). Objetivando o cumprimento do Plano De Ações Estratégicas Para O Enfrentamento Das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) no Brasil, previsto para o decênio 2011-2022 (Cartilha Dcnt, 2011), o PSE (gerido pelas políticas do MS), responsabiliza-se pelo cumprimento de ações temáticas, dentre elas, a "área 2: promoção de atividade física", enquanto diretriz das "Ações de promoção à saúde e prevenção de doenças e agravos" (Ministério da Educação, 2016).

O Ministério do Esporte (ME) estabelece as diretrizes do Programa Segundo Tempo (PST), articulando-se com o MEC e com o MS para atuar nas escolas, tendo como um de seus objetivos, promover a melhoria das habilidades motoras e das capacidades físicas dos alunos, assumindo o compromisso com a efetivação da prática de AF voltadas à promoção da saúde em contexto escolar (Diretrizes Programa Segundo Tempo, 2016, p. 7).

Direcionado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o MEC promove a abordagem de temas como "Saúde", "Educação Física" e "Atividade Física" nas escolas. A EFE apresenta grande proximidade com estes temas, e desenvolve com eles as abordagens relacionadas à cultura corporal de movimento, dentre elas, a prática de atividade física institucionalizada. Ao promover o conhecimento sobre determinantes e condicionantes do movimento humano em suas diversas dimensões (sociais, culturais, políticas e afetivas) a EFE poderá abordar a atividade física em suas diferentes categorias (conceitual, procedimental e atitudinal), nas múltiplas dimensões do ser humano (biológica, afetiva, cognitiva e sociológica) (PCN, 1997).

A Organização Mundial da Saúde - OMS recomenda aos adolescentes de 13 a 15 anos de idade, a prática de no mínimo 1 hora diária de AF, com intensidade moderada a vigorosa, ou 300 minutos acumulados ao longo da semana (Pense, 2015).

As ações de promoção à saúde no contexto escolar são monitoradas por inquéritos, sendo específica para vigilância de fatores de risco e proteção para DCNT, a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (Pense), realizadas em 2009, 2012 e 2015, seguindo-se a periodização de 3 anos. Este inquérito, realizado em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utilizou indicadores como "Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, por frequência de aulas de educação física na escola, nos últimos sete dias, por sexo" e "Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que tiveram dois ou mais dias de aulas de educação física na escola, nos últimos sete dias, por sexo e dependência administrativa da escola" para referenciar nível de atividade física promovidas no contexto escolar. Apesar de estes setores possuírem objetivos específicos para a promoção de atividade física no contexto escolar, observamos que a descrição das ações realizadas nas escolas não é referenciada nos indicadores utilizados para o monitoramento, demandando elucidação das convergências existentes entre as políticas de promoção à atividade física para melhoria da saúde em contexto escolar.

MATERIAL E MÉTODOS

Propondo-se uma abordagem qualitativa, duas visitas foram realizadas em uma escola municipal da regional Barreiro, situada na cidade de Belo Horizonte/MG, no período entre outubro e dezembro de 2015. Realizando-se análise crítica dos documentos fundamentais que articulam com o tema, e análise das informações coletadas nas visitas, buscou-se observar as dinâmicas intersetoriais presentes nas ações, planejamentos e desenvolvimento de atividades, nos turnos e contraturnos do ensino fundamental. A escola observada foi escolhida por apresentar uma equipe composta por profissionais com mais de cinco anos a frente das atividades do PSE, PST e gestão pedagógica, e por articular-se com duas diferentes políticas (PST e PSE).

Os documentos utilizados como referência para as reflexões foram o "Plano De Ações Estratégicas Para O Enfrentamento Das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) no Brasil", proposto pelo MS para o decênio 2011-2022; as "Orientações sobre o PSE para a elaboração dos Projetos Locais" elaborado pelo MS em parceria com o MEC; os Decretos que regulamentam o PSE, PST e PCNs para a EFE; as "Pesquisas Nacionais de Saúde do escolar", em específico as questões B3: Atividade Física, e o "Relatório de gestão 2015" da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola visitada não demonstrou haver planos de ações específicas para a promoção de atividade física voltada para melhoria da saúde. No contraturno, o PST promovia predominantemente atividades esportivas com intensidade mais elevada que as atividades esportivas promovidas pelas atividades curriculares da EFE, promovendo-as próximas dos parâmetros considerados pela OMS como capazes de promover

uma melhoria na saúde e na diminuição das DCNTs. As atividades propostas pela EFE foram abordadas, predominantemente, pela metodologia conceitual, com pequenos períodos de tempo destinados às atividades físicas. O PST atende 300 alunos no contraturno. O PSE desta escola iniciou as atividades em 2010 e em 2015 atendeu 560 alunos, com 3 equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF). Interessante observar que, mesmo estando a mais de 5 anos a frente das atividades do PSE desta escola, e este ser um fato pouco comum devido a alta rotatividade das equipes da regional Barreiro, esta monitora relatou não ter interesse em graduar-se na área da saúde, e que assim com ela, a maioria dos monitores não possuem interesse pela formação nesta área.

Em Belo Horizonte são 17 equipes de Saúde na Escola que atuam junto aos 169 monitores. As triagens e encaminhamentos são realizados permanentemente, conforme as necessidades dos alunos vão sendo percebidas. Um dentista da equipe ESF do centro de saúde de referência de cada escola realiza a triagem específica da odontologia. Para atuar como monitor não é exigido formação na área da saúde, apenas o ensino médio e participação nas formações anuais, promovidos pela Secretaria Municipal de Saúde (SMSA) e pela Secretaria Municipal de Educação (SMED). As atividades realizadas pelo PSE nesta escola são as avaliações oftalmológicas, saúde bucal, estado nutricional, imunização, e avaliação auditiva. Por possuir alunos de até 12 anos e devido ao baixo índice de ocorrência de uso de drogas, as ações de prevenção às drogas e orientação sexual e afetiva são pouco realizadas. Sua demanda maior é de ações voltadas à higiene pessoal, como controle de piolhos, uso de desodorantes e utilização de uniformes e calçados limpos. Não houve menção e/ou identificação de atividades especificamente voltadas para a promoção de atividade física promovida pelo PSE. Os gestores do PSE permanecem na SMED, sendo 2 coordenadoras para os 169 monitores de todas as escolas de Belo Horizonte. Os recursos financeiros são geridos por esta coordenação, e não houve modificação e/ou aquisição de equipamentos específicos para a promoção de atividade física promovida pelo PSE. As ações realizadas pelo PSE são consolidadas em planilhas e portfólios, onde ficam registrados tudo que foi produzido ao longo de cada ano. A estruturação deste portfólio é uma demanda oficial da coordenação do PSE e é um instrumento de avaliação específico do programa. O material que seria anexado ao portfólio de 2015 não apresentou referências a promoção de atividade física pelo PSE, "assim como no „Relatório de Gestão 2015" da SMED/BH não há menção às atividades especificamente planejadas para elevar o nível de atividade física dentro do contexto escolar. Nota-se que a comemoração do "Dia mundial de atividade física – 2015" foi com o tema "Alimentação saudável", tendo como público alvo os adultos, e realizado fora do contexto escolar.

A avaliação da intersetorialidade possui como instrumento principal a PeNSE, e especificamente quanto à atividade física, utilizou o "Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, por frequência de aulas de educação física na escola, nos últimos sete dias, por sexo" e o "Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que tiveram dois ou mais dias de aulas de educação física na escola, nos últimos 7 dias, por sexo e dependência administrativa da escola" como principal indicador das mudanças nos níveis de atividade física entre os alunos.

É possível observar que no "Questionário do aluno" (instrumento de coleta de dados da PENSE 2015), a pergunta B03006a "Nos últimos 7 dias, sem contar as aulas de educação física da escola, em quantos dias você praticou alguma atividade física, como esportes, dança, ginástica, musculação, lutas ou outra atividade?" busca identificar as atividades físicas realizadas fora da EFE (IBGE, 2015), permitindo identificar as ações promovidas pelo PST e PSE, mas não permite a diferenciação entre elas, as quais podem ter sido vivenciadas pelo aluno inclusive fora da escola, por apenas uma dessas políticas, ou por nenhuma delas. Não foram avaliadas as ações realizadas fora da EFE, e a pergunta B03006a não permite especificar as

atividades físicas promovidas especificamente pelo PST ou pelo PSE, por exemplo. Ao refletirmos sobre as questões deste questionário, presume-se que esta pergunta seja a que mais se aproxima de um possível monitoramento das ações do PSE e PST, mesmo limitado pela indiferenciação do que foi desenvolvido dentro e/ou fora das escolas.

Além disso, a utilização da frequência do aluno nas aulas de EFE como principal indicador de nível de atividade física, se não for acompanhada de criteriosa discussão que aponte as demais abordagens e possibilidades da EFE, incorre no risco de reforçar socialmente um papel de ilegitimidade da EFE, limitando-a enquanto disciplina curricular.

Comparando-se às propostas descritas no Decreto Nº 6.286, de 5 de Dezembro de 2007 não há evidências de ações realizadas com o objetivo específico de promover a elevação do nível de atividade física no contexto escolar, sugerindo haver distanciamento entre as diretrizes e as ações realizadas para alcançá-los, bem como limitação do principal instrumento de avaliação destas ações.

CONCLUSÕES

A intersetorialidade ainda apresenta-se em construção nas dinâmicas entre diferentes políticas, necessitando ampliação e fortalecimento de espaços comunicativos, a fim de favorecer a convergência e articulação entre os objetivos, e a reflexão sobre os indicadores utilizados, qualificando e fortalecendo as políticas de promoção à atividade física no contexto escolar. Os desafios observados na escola visitada corroboram com as limitações percebidas entre diretrizes, indicadores e resultados de pesquisas nacionais demandam ampliação dos estudos sobre a intersetorialidade na promoção de atividades físicas em contexto escolar.

REFERÊNCIAS

- Almeida, Flávia Andrade. *Práticas Intersetoriais Do Programa De Saúde Na Escola: estudo sobre as ações e interações dos atores sociais envolvidos*. 2013. 220 f. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2013.
- Brasil. Ministério da Educação. Orientações sobre o Programa Saúde na Escola para a elaboração dos Projetos Locais. 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/orientacoespse.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2016.
- Brasil. Ministério da Saúde. Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil / MS, Organização Pan-Americana da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 304 p. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/escolas_promotoras_saude_experiencias_brasil_p1.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.
- Brasil. Ministério do Esporte. Diretrizes Programa Segundo Tempo. Brasília: ME, 2016. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/segundoTempo/diretrizes/diretrizesPST2016.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2016.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: E.F. / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2015.
- Ibge. Instrumento de coleta. Questionário PENSE 2015 – aluno. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc4595.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.
- Silva, K. L. Rodrigues, A. T. *Ações intersetoriais para promoção da saúde na ESF: experiências, desafios e possibilidades*. Revista bra. Enfer. Brasília, vol.63, no.5. Set./Out. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S034-71672010000500011>. Acesso em: 23 out. 2015.

GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA: ANÁLISE DA OBESIDADE EM DISCENTES DO 6ª AO 9ª ANO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL

Wernan Silva Reis¹, Georgia Medeiros Paiva de Alencar¹, Maria Iranilda Meneses Almeida²

¹Curso de Educação Física, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), china.es.porte@hotmail.com, georgiampaiva@yahoo.com.br

²Curso de Educação Física, Universidade Federal do Ceará (UFC), irenildanca@hotmail.com

Palavras-chave: Gestão Democrática. IMC. Obesidade.

INTRODUÇÃO

Atualmente, conforme a Associação Brasileira de Defesa do Consumidor – PROTESTE (2014), cerca de 20% dos adultos das sociedades ocidentais, em média, podem ser considerados obesos. O excesso de peso, quando moderado (na ordem de 10%), raramente provoca problemas de saúde. Por outro lado, a obesidade, denominada obesidade mórbida ou patológica, associada às doenças cardiovasculares, é importante fator de risco de aterosclerose, como também é causa de problemas, como a diabetes e as doenças osteoarticulares.

Caracterizada pelo acúmulo de gordura corporal, conforme Who (2006), a obesidade, atualmente é considerada a doença do século que resulta em diversas complicações na saúde do indivíduo. Complicações estas que ocorrem através de um conjunto de causas isoladas ou não, as quais são advindas de origem hipotalâmica, endócrina, mau hábito alimentar, tireoide, taxa metabólica basal baixa, genética e em decorrência do sedentarismo (ausência de atividades físicas), adquirindo o status de epidemia global e tornando-se atualmente um dos principais problemas de saúde pública mundial.

Nesse sentido, no Brasil, observa-se que o avanço da obesidade, a alta incidência da doença, principalmente em crianças e adolescentes, tem chamado à atenção não apenas dos especialistas, como também aponta para uma mobilização urgente de toda a sociedade, no sentido de transformar o quadro atual, no que cerne aos hábitos alimentares e a prática regular de atividade física no combate ao mal que assola a sociedade em geral.

Desse modo, a escola, parte integrante do processo de formação e desenvolvimento do indivíduo, tem a sua parcela de contribuição na aprendizagem e conscientização dos escolares em relação à importância dos hábitos saudáveis para a conquista de uma vida com qualidade. Portanto, o zelo e os cuidados com a saúde dos escolares, também faz parte das atribuições do núcleo gestor da escola.

Assim, a gestão democrática como princípio da educação pública, é definida como “gestão democrática do ensino público na forma de lei e da legislação do sistema de ensino” e está explícita na Constituição Federal de 1998, em seu artigo 206, inciso VI, assumidos no artigo três da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, inciso VIII. (Brasil, 2005, a p.22)

Dito isso, compreende-se que a gestão, auxiliada a uma força tarefa onde a soma das competências de todos os profissionais da comunidade escolar que busca promover a formação integral dos alunos, torna-se um instrumento significativo para a melhoria do ensino, como, afirma Lück (2007a), referindo-se aos padrões de competências das funções de Diretor escola.

Para tanto, se faz necessário à efetiva participação de todos os integrantes da escola, Como afirma Libâneo (2002), o principal meio de assegurar a gestão democrática é a participação, ou seja, desde que haja o envolvimento de todos os elementos das esferas que compõem a escola, de modo que a participação possibilite o engajamento geral no processo de tomada de decisões e na dinâmica funcional de organização da escola buscando tornar os alunos ativos participantes e que tenham

compromissos com a manutenção e construção da própria saúde é preciso acompanhar o aluno em todo o processo de sua formação biopsicossocial. No caso específico dos alunos pesquisados, como são estudantes de uma escola municipal, o acompanhamento acontece desde o seu ingresso na creche até a conclusão do 9º ano do Ensino Fundamental.

Conforme Lück (2009), a participação de todos da comunidade interna da escola, juntamente com os pais e da sociedade em geral, resulta na qualidade do ensino para todos, princípio da democratização da educação. Sendo, portanto, a educação um processo social colaborativo, a gestão democrática é proposta como condição de: i) aproximação entre escola, pais e comunidade na promoção de educação de qualidade; ii) de estabelecimento de ambiente escolar aberto e participativo, em que os alunos possam experimentar os princípios da cidadania, seguindo o exemplo dos adultos. Nesse sentido, a realização da gestão democrática que se assenta na promoção de educação de qualidade para todos os alunos, onde cada um deles tenha a oportunidade de ter acesso e estudar numa escola dinâmica com perspectiva de futuro, que possa alcançar o sucesso e o progresso educacional com qualidade, é um princípio definido na Constituição Federal (Art. 206, inciso VI), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Art. 3º, Inciso VIII).

Diante disso, o objetivo do trabalho é analisar os casos de obesidade em escolares do 6º ao 9º ano de uma escola pública municipal.

MATERIAL E MÉTODOS

A abordagem utilizou-se predominantemente, da metodologia quantitativa descritiva, um estudo de caso, cuja fundamentação teórica é baseada nos seguintes autores, Abeso (2009), Calfas & Taylor, (1994), Leontiev (2005), Luck, (2009), Moreira (2004), Proteste (2014), Staviski e Cruz, (2008), dentre outros, tendo como documentos de referências os PCNs, (1998), LDB (1996), e outros. Para a coleta de dados utilizou-se da aplicação de questionário e observação direta durante o período de oito semanas. A amostra compõe-se de um total de 163 alunos estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola municipal, localizada no município de Caucaia, A população de referência utilizada é a proposta de classificação da Obesidade segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (2005). Assim, foram caracterizadas com sobrepeso adolescentes de 13 anos, do sexo masculino que possuem IMC acima de 22,2 e menor que 24,0; do sexo feminino que possuem IMC acima de 23,8 e menor que 25,2. Adolescentes de 14 anos, do sexo masculino que possuem IMC acima de 23,1 e menor que 24,2; do sexo feminino que possuem IMC acima de 24,7 e menor que 26,2 e adolescentes de 15 anos, do sexo masculino que possuem IMC acima de 23,4 e menor que 24,1; do sexo feminino que possuem IMC acima de 24,1 e menor que 25,6. Para apresentação do perfil do aluno, o Índice de Massa Corpórea e a Prática regular de Atividade Física dentro e fora do contexto escolar, utilizou-se uma análise exploratória de dados com base na estatística descritiva com uso de Medidas de tendência Central: Média, Moda e Mediana;

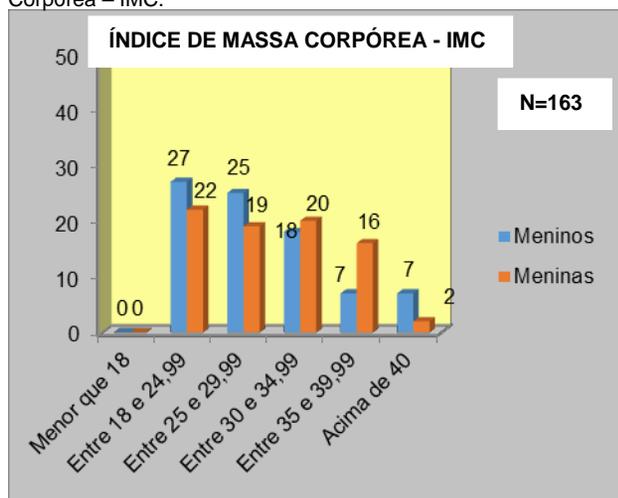
Medidas de dispersão: Variância e desvio padrão; Medidas de distribuição: assimetria e curtose, amplitude, valor mínimo e máximo, quartis e frequência com valor histórico e percentual. Gráficos de setor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de resultados apresentada no gráfico 1 mostra que nenhum dos alunos dos 163 pesquisados encontram-se abaixo do índice 18; 49 dos alunos, 30,06% encontram-se com o índice normal (entre 18 a 24,99), sendo 27 (55,10%) meninos e 22 (44,90%) meninas; 44 dos alunos, 26,99% encontram-se com o índice moderado (entre 25 a 29,99), sendo 25 (56,82%) meninos e 19 (43,18%) meninas; 38 dos alunos, 23,31% encontram-se com o índice Alto (entre 30 a 34,99), sendo 18 (47,36%) meninos e 20 (52,64%) meninas; 23 dos alunos, 14,11% encontram-se com o índice muito alto (entre 35 a 39,99), sendo 07 (30,43%) meninos e 16 (69,57%) meninas e 09 dos alunos, 5,52% encontram-se com o índice ao Extremo (40 ou mais), sendo 07 (77,77%) meninos e 02 (22,23%) meninas.

Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 - Perfil dos alunos quanto ao índice de Massa Corpórea – IMC.



Fonte: Dados elaborados na pesquisa

Estabelecendo-se uma relação das informações encontradas e apresentadas no terceiro capítulo deste trabalho, com as afirmações dos autores apresentadas no primeiro capítulo e apesar de não realizar a verificação da existência de associação entre variáveis como: Sexo, Idade e IMC, ratifica-se que:

Ao considerar os valores referências da OMS (2005), a maioria dos alunos encontram-se na zona saudável, com riscos mínimos de doenças relacionadas à obesidade, embora exija atenção e cuidados para com um pequeno grupo de meninos e meninas, pois, encontram-se na margem de alto risco com percentual acima de 40;

- o IMC apresentado não demonstra diferença significativa entre meninos e meninas, embora, os valores percentuais das meninas tendem, em termos de peso normal e excesso de peso, a serem maiores do que aos dos meninos. Entretanto, em relação à obesidade, os meninos tendem a superar as meninas. Os resultados de porcentagem de acerto estão detalhados no

CONCLUSÕES

Ao considerar os valores referências da OMS (2005) encontrados e analisados, conclui-se que a maioria dos alunos encontram-se na zona saudável, com riscos mínimos de

doenças relacionadas à obesidade, embora exija atenção e cuidados para com um pequeno grupo de meninos e meninas que se encontram na margem de alto risco com percentual acima de 40. Portanto, uma realidade a qual a escola, por meio da Gestão Democrática Participativa, deverá intervir em prol da qualidade de vida dos escolares.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Iniciação Científica da Faculdade Terra Nordeste (FATENE)

FONTES DE FINANCIAMENTO

Auxílio para Pesquisa em Pós-Graduação da Faculdade Terra Nordeste (FATENE)

REFERÊNCIAS

- Abeso - Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica - *Diretrizes brasileiras de obesidade 2009/2010* / - 3.ed. - Itapevi, SP : AC Farmacêutica, 2009.
- Brasil. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília/DF, 1996.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. *Secretaria de Educação Ensino Médio Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física*. Brasília, 1997.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. *Secretaria de Educação Ensino Médio Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física*. Brasília, 1999.
- Calfas, K. J.; Taylor, W. C. Effects of physical activity on psychological variables in adolescents. *Pediatr Exerc Sci*. 6 pp. 406-423, 1994.
- Ceará, Secretaria de Educação. *Metodologias de Apoio: áreas de linguagens, códigos e suas tecnologias*. - Fortaleza: SEDUC, 2008 (Coleção Escola Aprendiz - Volume 2)
- Center for Disease Control and prevention. Youth risk behavior surveillance: National College Health Risk Behavior Survey-United States, 1995. *MMWR CDC Surveill Summ*. 46(6): 1-56, 1997.
- Leontiev, A. *Psicologia e Pedagogia: bases psicológicas da Aprendizagem e do Desenvolvimento*. Aléxis Leontiev. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.
- Libâneo, José Carlos. *Organização e gestão da escola*. Goiânia: Alternativa, 2002.
- Luck, Heloisa. *A gestão participativa na escola*. 2 ed Petrópolis: Vozes, 2007a.
- _____. *Dimensões de gestão escolar e suas competências*. Curitiba: Positivo, 2009.
- Moreira, Antônio Flávio B. "*Currículo e controle social*". In: Teoria e Educação n. 5. Porto Alegre, Pannonica, 1992.
- Organização Mundial Da Saúde (2005). *A matemática da Saúde: Índice de Massa Corporal para Adolescentes*. In www.geografismos.com/textos/matematica-imc.htm>Acesso em, 13-05-2016, 16:25.
- Proteste (2014), . 3ª. ed. Rio de Janeiro-RJ: Katerpier, 2014.
- Who. World Health Organization. *Obesity: Preventing and managing the global epidemic. Report of a WHO Consultation on Obesity*. Geneva: WHO; 2006.

PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: CONHECIMENTO DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DE UNIDADES DE SAÚDE DA FAMÍLIA DA CIDADE DE RIO CLARO – SP

Camilla Lie Higa¹, Diego Alfeu dos Santos²

¹ Mestrado Ciências da Motricidade, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – Rio Claro), cah.lie@hotmail.com

² Curso de Educação Física, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS – Muzambinho)

Palavras-chave: Programa Saúde na Escola, Unidade de Saúde, Educadores, Agentes.

INTRODUÇÃO

O Programa Saúde na Escola (PSE), foi instituído pelo Ministério da Educação e o Ministério da Saúde por meio do decreto nº 6.286, no ano de 2007 (Brasil, 2007), e, somente a partir do ano de 2013, que o PSE passou a estar apto para todos os municípios do Brasil (Brasil, 2016).

O PSE visa a integração e articulação entre Educação e Saúde, dessa forma, proporcionando educação em saúde em todas as suas esferas e em tempo integral às crianças, adolescentes e jovens adultos, além do fortalecimento em relação as vulnerabilidades que possam comprometer o pleno desenvolvimento escolar, e a melhora da comunicação entre escolas e unidades de saúde, assegurando a troca de informações sobre as condições de saúde dos estudantes. (Brasil, 2007).

Dentre seus componentes, destacam-se a avaliação clínica, nutricional e oftalmológica, promoção de alimentação saudável e atividade física, e ações de educação permanente em saúde como a promoção da cultura da prevenção no âmbito escolar e inclusão das temáticas de educação em saúde no projeto político pedagógico das escolas (Brasil, 2009).

Levando em consideração que a atenção à saúde voltada a esse público possui uma potencialidade em evitar agravos e promover a saúde e qualidade de vida a essa população (Demarzo & Aquilante, 2008), faz-se importante e necessário a sua implementação. Santiago e colaboradores (2012) por meio da implantação do PSE na cidade de Fortaleza – CE, concluíram que a aproximação entre escola e unidade de saúde contribuiu nas mudanças de comportamentos saudáveis de crianças e adolescentes, além da melhor percepção por parte de profissionais da saúde em relação ao seu papel social na comunidade em que está inserido.

Entretanto, apesar de suma importância e benefícios, sua adesão não é grande, e isso se agrava ao se tratar de municípios de pequeno a médio porte.

Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo, analisar o conhecimento de professores de escolas municipais e funcionários de Unidade de Saúde da Família (USF) acerca do Programa Saúde na Escola.

MATERIAL E MÉTODOS

A amostra do estudo foi composta por 11 funcionários de Unidades de Saúde da Família e 12 professores de escolas municipais, que foram selecionados a partir de um sorteio realizado após levantamento de todas as escolas municipais e USF da cidade de Rio Claro – SP, com critério de inclusão que a escola fosse próxima da USF. Após o sorteio, realizou-se um convite aos professores e funcionários das USF para participação da pesquisa. Foram incluídos somente aqueles que consentiram sua participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para avaliação do conhecimento acerca do Programa Saúde na Escola, aplicou-se um questionário elaborado pelos pesquisadores, que continha uma pergunta específica “Você conhece o Programa Saúde na Escola? Sim ou não”. Posterior a devolução dos mesmos, verificou-se os resultados por meio de análise descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos dados, identificou-se que dentre os 23 questionários respondidos, apenas 2, um agente comunitário de saúde e outro professor responderam que tinha conhecimento sobre o Programa Saúde na Escola, enquanto os outros 21 responderam que não, levando os autores a acreditar que pode ser um problema de políticas públicas. Fausto e Fonseca (2013) afirmam que dentre todas as regiões do país, a que mais realiza e tem conhecimento de ações de promoção e educação em saúde é a região Norte. Isso pode ser justificado pela maior taxa de desigualdade social e econômica do país, tendo assim, a inserção de atividades da Estratégia da Família juntamente com implemento de programas voltados à saúde há mais tempo, associando a elas maior atenção e efetividade (Machado et al., 2015). Ocorrendo também com o conhecimento tanto de funcionários de USF quanto de professores escolares acerca do PSE. Justifica-se essa falta de conhecimento, devido a relação não harmoniosa entre Saúde e Educação no âmbito de saúde escolar, e como o pensamento geralmente tem perspectiva exclusivamente médica e focalizada no controle e prevenção de doenças, a educação em saúde e seus saberes e associações, passam a ser pouco efetivas para promover tanto mudanças que levem a opções mais saudáveis, quanto a informação e informatização de programas já existentes (Figueiredo, 2010).

CONCLUSÕES

Conclui-se que apesar do Programa Saúde na Escola já existir há algum tempo, o seu conhecimento por parte de professores de escolas municipais e funcionários de Unidades de Saúde da Família é quase nenhum no município de Rio Claro - SP. Esse pode ser um indício da primordialidade de maiores ações por parte de políticas públicas para que dessa forma, o programa possa ser conhecido e implantado em cidades de pequeno e médio porte. Mas faz-se importante o desenvolvimento de estudos avaliativos acerca do conhecimento do Programa Saúde na Escola e como se apresenta no território brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Às escolas municipais e unidades de saúde da família que permitiram a nossa entrada para que pudéssemos desenvolver a pesquisa. A CAPES pela concessão de bolsas através do Programa de Pós-graduação em Ciências da Motricidade (33004137062P0).

REFERÊNCIAS

- Brasil, Decreto n. 6.286, de 05 de dezembro de 2007 (2007). Dispões sobre o Programa Saúde na Escola – PSE, Brasília.
- Brasil, Ministério da Educação (2016). Programa Saúde na Escola: Ministério da Educação.
- Brasil, Ministério da Saúde (2009). Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde na escola: Ministério da Educação, Brasília.
- Demarzo, M. P. & Aquilante, A. G. (2008). *Saúde escolar e escolas promotoras de saúde*. In: Programa de atualização em medicina de família e comunidade. Porto Alegre – RS: Artmed: Pan-Americana, v. 3, 49-76.
- Fausto, M. C. R., Fonseca, H. S. (2013). Rotas de atenção básica no Brasil: experiências do trabalho de campo PMAQ/AB. Rio de Janeiro: Saberes.
- Figueiredo, T. A. M., Machado, V. L. T., Abreu, M. M. S. (2010). A saúde na escola: um breve resgate histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12 (2), 397-402.
- Machado, M. F. A. S., Gubert, F. A., Meyer, A. P. G. F. V., Sampaio, Y. P. C. C., Dias, M. S. A., Almeida, A. M. B., Morais, A. P. P., Silva, A. C., Campos, J. S., Chagas, M. I. S., Chaves, E. S. (2015). Programa Saúde na Escola: estratégia promotora de saúde na Atenção Básica no Brasil. *Journal of Human Growth and Development*, 25 (3), 307-312.
- Santiago, L. M., Rodrigues, M. T. P., Oliveira Jr, A. D. & Moreira, T. M. M. (2012). *Implantação do Programa Saúde na Escola em Fortaleza-CE: atuação de equipe da Estratégia Saúde da Família*. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 65 (6), 1026-1029.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA VISÃO DOS DISCENTES DAS TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS/ENSINO FUNDAMENTAL

Débora Cristina Couto Oliveira Costa^{1,2}, Iara Danielle Farias Andrade², Juliana Maria Silva de Oliveira²

¹Curso de Educação Física, Universidade Estadual do Piauí (UESPI), deboraccoc@gmail.com

²Curso de Educação Física, Faculdade Santo Agostinho (FSA), iarinhadanny@hotmail.com, julianamaria.o@hotmail.com

Palavras chave: Educação Física. Ensino Fundamental. Adultos.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96, a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) traz uma nova forma de ensino para jovens e adultos que não tiveram oportunidade de concluir o ensino fundamental e médio em sua idade adequada (Brasil, 1998).

Na EJA a Educação Física (EF) é um importante componente curricular obrigatório para uma prática de atividade física voltada para melhor qualidade de vida dos alunos (Marconato; Soares; Marques Filho, 2014; Machado; Loureiro, 2015).

Trabalhar a Educação Física na EJA é buscar uma melhor forma de ensino, analisando a prática pedagógica e a aceitação dos discentes quanto aos assuntos que serão abordados (Araujo, 2008). Seus diversos conteúdos, não limitam-se apenas a fatores do movimento corporal técnico, mas também compreendem a cultura corporal de movimento e o contexto (Carvalho, 2011; Pimenta, 2011).

Diante da possibilidade de conhecer um pouco mais sobre a Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, este estudo teve como objetivo analisar a percepção do aluno da EJA sobre o componente curricular Educação Física no ensino fundamental.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal e descritivo. A amostra foi composta por 60 alunos da EJA, de ambos os sexos, abrangendo uma faixa etária entre 15 a 53 anos de idade, em uma escola pública municipal na cidade de Campo Maior – Piauí.

Utilizou-se para coleta dos dados dois questionários, o primeiro sociodemográfico com questões acerca da faixa etária, sexo, cor e renda dos participantes e o segundo a cerca da percepção dos alunos da EJA sobre as aulas de educação física no município de Campo Maior-PI. Este foi composto por cinco questões fechadas com resposta sim ou não.

A identificação dos participantes ocorreu por meio do diário de classe solicitado junto à secretaria da escola. Após esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa entregou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os participantes, sendo assinado em duas vias, ficando uma com o participante do estudo e outra sob a guarda das pesquisadoras.

A análise univariada foi utilizada para descrever a amostra, identificando a frequência das variáveis. Após a análise descritiva, foi realizada uma estatística inferencial, realizando-se inicialmente um teste de normalidade (*Shapiro-Wilk*), para verificar se os dados tinham distribuição normal. O nível de significância adotado foi de 5% ($p \leq 0,05$).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 1 são apresentadas as características sociodemográficas dos participantes do estudo. Participaram da pesquisa 60 alunos, com idade entre 15 e 53 anos, com média de idade de 32,5 e desvio padrão de 1,3 (dado não apresentado na tabela). A amostra foi composta em sua maioria por alunos do sexo feminino (53,3%), autodeclaradas de cor parda (58,3%) e com renda entre 1 e 2 salários mínimos (45,0%).

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra (n=60). Campo Maior-PI, 2016.

Variáveis	n	%
Idade		
31-53	35	58,3
15-20	15	25,0
21-30	10	16,7
Sexo		
Feminino	32	53,3
Masculino	28	46,7
Cor		
Pardo	35	58,3
Negro	15	25,0
Branco	10	16,7
Renda atual		
Entre 1 SM* e 2 SM	27	45,0
Menor ou igual a 1 SM	25	41,7
Maior que 2 SM	8	13,3

Fonte: autoras SM*: salário mínimo (880,00) (2016)

Observou-se neste estudo que a maioria dos alunos estão em idades entre 31 e 53 anos e que a maioria é do sexo feminino. Estudo realizado com 69 alunos da EJA em uma Escola no município de Bragança-PA, inferiu que 27% dos alunos possuem idade entre 15 e 20 anos, sendo que 46% dos estudantes são mulheres e 54% são homens, onde pode-se constatar certa equiparação de gêneros (Costa, et al 2013), resultados que não corroboram com o presente estudo, possivelmente devido a aspectos regionais e de economia local.

Quanto a renda dos alunos, Arroyo (2005) afirma que, “desde que EJA é EJA, os alunos são os mesmos: pobres, desempregados, vivem da economia informal e são negros”. No entanto, a cor parda e renda atual entre 1 e 2 salários mínimos foi predominante neste estudo.

A tabela 2 apresenta a percepção dos alunos da EJA sobre as aulas de Educação Física e sua importância. A maioria dos participantes considerou que as aulas de Educação Física são importantes para a saúde (98,3%), assim como, para o lazer (100%). A maioria afirmou gostar das aulas de Educação Física na escola (73,3%) e delas participar de forma espontânea (73,3%). Sobre os conteúdos teóricos da educação física, a maioria afirmou que os mesmos ajudam em ações no dia a dia (81,7%).

Estudo sobre o desinteresse dos alunos da EJA de Ji-Paraná/RO em participar das aulas de Educação Física, observou satisfação (88%) com as aulas de Educação Física onde essa maioria disse sentir prazer, distração e aprendizagem sobre o corpo humano (Galvão, Gress, 2012). Apesar de ter sido considerada uma disciplina importante, alunos da EJA de Santa Maria-RS, afirmaram que as práticas de educação física, para aqueles que trabalham, são cansativas podendo ser substituídas por aulas em academias de ginástica (Marconato; Soares; Marques Filho, 2014).

Tabela 2. Percepção dos alunos da EJA sobre as aulas de educação física (n=60). Campo Maior-PI, 2016.

Variáveis	Sim		Não	
	n	%	n	%
Você acha que as aulas de educação física são importantes para sua saúde?	59	98,3	1	1,7
Você acha que as aulas de educação física são importantes para o seu lazer?	60	100,0	0	0,0
Você gosta das aulas de educação física da sua atual escola?	44	73,3	16	26,7
Você participa de forma espontânea nas aulas de Educação Física?	44	73,3	16	26,7
Os conteúdos teóricos ajudam você de alguma forma no seu dia a dia?	49	81,7	11	18,3

Fonte: autoras (2016)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou que os alunos consideram as aulas de Educação Física importantes para a saúde e para o lazer. A potencial limitação deste estudo pode estar relacionada à quantidade de participantes. No entanto, esta não diminui o valor científico deste estudo.

Recomenda-se uma investigação com um tamanho amostral maior envolvendo alunos e professores.

REFERÊNCIAS

- Araújo, R. V. (2008). *O ensino da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, sob um olhar psicopedagógico*. Monografia apresentada ao Curso de Pós Graduação Lato Sensu da Universidade Estadual de Goiás. 2008.
- Arroyo, M. G. (2005) *A educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão*. In: *Construção coletiva: Contribuições à Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB.
- Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9394/96, de 24 de dez.1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília. 1998.
- Carvalho, R. M. (2011) Orientações norteadoras para a Educação Física na EJA, 2011. Disponível em: <http://primeiro.seeja.com.br/Trabalhos/20%20Sujeitos%20Conhecimento%20e%20Cultura/Rosa%20Malena%20Carvalho_Orienta%C3%A7%C3%B5esNorteadorasParaaEduca%C3%A7%C3%A3oFisicanaEJA.pdf> Acessado em: 05 de outubro de 2016.
- Costa, K. R. A; Amorim, A. M. M.; Rosário, I. R. V.; Freitas, L. M. (2013) Quem são os estudantes da EJA? Perfil social dos estudantes da EJA em Bragança-PA.
- Galvão, M. R. P. S.; Gress, F. A. G. (2012) *Educação Física na EJA - Educação de Jovens e Adultos*. Revista Digital. Buenos Aires, setembro.
- Machado, J. L.; Loureiro, L. L. (2015) A possibilidade de intervenção da Educação Física na educação de jovens e adultos para a melhora da saúde e manutenção da qualidade de vida: uma revisão bibliográfica.
- Marconato, C. De V.; Soares, A. De C; Marques Filho, C. V. (2014) A importância da educação física na Educação de Jovens e Adultos/ ENSINO MÉDIO. *Anais do VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte*. Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.
- Pimenta, R. P. T. (2011) *O ensino de Educação Física na Educação de Jovens e Adultos: saberes docentes de uma professora de Educação Física construídos dentro de uma experiência profissional na Educação de Jovens e Adultos*. Monografia de graduação em Educação Física. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Vygotsky, L. S. (1998) *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 6ª edição.

APLICAÇÃO DO MINI ATLETISMO NO ENSINO INFANTIL: UMA ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA TRABALHAR OS ELEMENTOS DA PSICOMOTRICIDADE

Márcia Cristiane Araújo¹, Allia Glínnia Silva Teixeira², Priscilla Abreu da Silva², Maria Carmen Carvalho de Oliveira Alves², Débora Cristina Couto Oliveira Costa²

¹Curso de Educação Física, Faculdade Santo Agostinho, marciacris.pi@gmail.com

²Curso de Educação Física, Faculdade Santo Agostinho, alliaglinne@gmail.com

Palavras-chave: Mini Atletismo, Ensino Infantil, Psicomotricidade.

Introdução

O Mini Atletismo é uma metodologia de ensino para a prática de atletismo, desenvolvida em 2001 pela *International Association of Athletics Federations* (IAAF), que teve como objetivo adaptar a modalidade para que crianças e adolescentes pudessem praticá-la em todos os países do mundo. Os princípios que regem o Mini Atletismo é o enfoque multivariado de atividades recreativas (corridas rasas, com obstáculos e de revezamentos, saltos horizontais e verticais, lançamentos, atividades de rolamentos e de *slalon*) e a vivência das experiências motoras em equipe.

Objetivo

O presente trabalho teve como objetivo utilizar a metodologia do Mini Atletismo como estratégia pedagógica para trabalhar os elementos da psicomotricidade na etapa de pré-escola da Educação Infantil.

Materiais e Métodos

Após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pela Secretaria de Educação e Cultura/SEMEC de Teresina (PI) e por uma escola municipal localizada na zona sul da cidade. Aplicou-se a metodologia do Mini Atletismo com 30 alunos da pré-escola, com faixa etária de cinco a seis anos de idade, dos quais 16 eram meninas e 14 eram meninos. Foi realizado um aquecimento com músicas, no qual as crianças imitavam os animais e o que era solicitado na letra. No final foi feita uma atividade onde os alunos se organizavam em duplas, trios, até a formação mista de 5 componentes por equipe. Cada equipe foi posicionada em uma das seis estações do circuito de Mini Atletismo dispostas na quadra poliesportiva. As estações eram compostas pelas seguintes atividades recreativas: *Estação 1* - corrida com ida em velocidade, volta com corrida sobre barreirinhas (30cm) de papelão e entrega da argola para o companheiro; *Estação 2* - salto rã (impulsão horizontal); *Estação 3* - arremesso ajoelhado, tentativa com a mão direita e a esquerda; *Estação 4* - Fórmula 1 (corrida com rolamento no colchonete, *slalon* entre os bastões, obstáculos de papelão, linha no chão para equilíbrio e entrega da argola para o companheiro); *Estação 5* - Pular corda em 30 segundos; *Estação 6* - Lançamento do dardinho, tentativas com o braço esquerdo e direito. A volta à calma foi realizada por meio de uma conversa com as crianças, dispostas em círculo e sentadas, sobre as brincadeiras realizadas. Os materiais utilizados foram: 10 metros de TNT coloridos, 6 folhas de EVA, 01 tubo de cola, 01 tesoura, 04 fitas gomadas transparente, 06 spray de tinta coloridos, 20 cabos de vassoura, 6 metros de fitas coloridas, 4 folhas de plásticos transparentes, 01 apito, 03 cronômetros, 01 corda pequena, 10 caixas de papelão, 01 par de meia, 600g de areia, 02 folhas de papel de presente, 12 garrafas PET, 02 bolas de tênis e 02 tubos de papelão. Os implementos foram confeccionados com materiais alternativos e coloridos. As estações 1, 4 e 5 consistiam em atividades de revezamento e foram cronometrados os tempos por equipe. As estações 2, 3 e 6 foram computadas as metragens por equipe. Os resultados foram anotados sugerindo uma competição por equipes, os quais foram informados para as crianças no final da aula. Cada estação tinha o tempo de cinco minutos para ser realizada e a aula total finalizou em 50 minutos.

Resultados

As estações 1 e 4 trabalharam a maioria dos elementos da psicomotricidade: esquema corporal, coordenação motora

ampla, tônus, equilíbrio dinâmico, ritmo, lateralidade e organização espaço-temporal. A estação 2 trabalhou principalmente os elementos de coordenação motora ampla e tônus. Nas estações 3 e 6 buscou-se enfatizar o esquema corporal e a lateralidade. O ritmo e a organização espaço-temporal foram os elementos mais solicitados na estação 5.

Discussão

O Mini Atletismo foi originalmente desenvolvido pela IAAF para crianças de sete a quinze anos de idade; no entanto, a pesquisa adaptou a metodologia para crianças de cinco a seis anos de idade da pré-escola do ensino infantil e atribuiu às atividades recreativas características para trabalhar os elementos da psicomotricidade. Observou-se que em 50 minutos foi possível trabalhar sete dos elementos da psicomotricidade (esquema corporal, coordenação motora ampla, tônus, equilíbrio, ritmo, lateralidade e organização espaço-temporal), na qual todas as crianças foram contempladas e incluídas na vivência das atividades, visto que tinha duas crianças com síndrome de Down e uma com comprometimento auditivo. A educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos cognitivos, físicos, psicoemocionais e sociais. Nesse sentido, a psicomotricidade visa promover, através do movimento, a formação da criança baseando-se em três pilares: o intelecto, o físico e o afetivo. Visto isso, percebe-se que a aplicação da psicomotricidade na educação infantil é base fundamental para se atingir o objetivo em comum que o desenvolvimento integral da criança. Portanto, o Mini Atletismo torna-se uma estratégia pedagógica interessante para colocar os elementos da psicomotricidade em prática na fase pré-escolar da educação infantil.

Conclusão

Diante do exposto, conclui-se que as atividades recreativas e pré-desportivas do Mini Atletismo podem ser adaptadas para crianças de cinco a seis anos de idade. As atividades podem ser aplicadas em uma aula de 50 minutos, com aquecimento, na forma de circuito e com volta à calma. As equipes podem ser compostas por meninos e meninas, com ou sem comprometimento funcional. O enfoque multivariado de movimentos favorece o desenvolvimento da maioria dos elementos da psicomotricidade, o que contribui para o desenvolvimento integral da criança, que é a finalidade da educação infantil. Além disso, o trabalho em equipe favorece o desenvolvimento social e afetivo da criança, bem como estimula valores de tolerância, respeito, companheirismo, solidariedade e cooperação, importantes valores em uma sociedade contemporânea.

Referências

- Coiceiro, G. A. (2011). *1000 exercícios e jogos para o atletismo*. 3.ed. Sprint.
- Da Silva, L. R. R. (2006). *Desempenho esportivo: treinamento com crianças e adolescentes*. São Paulo: Phorte.
- Freitas, M. (2009). *Atividades recreativas para o aprendizado do atletismo na escola*. 2.ed. Sprint.
- Gomes, P.B., Graça, A. (2001). *Educação física e desporto na escola: novos desafios, diferentes soluções*. Porto Alegre: FCDEF-UP.
- Greco, P. J. (Org.), Benda, R. N. (Colab.). (2007). *Iniciação esportiva universal*. Belo Horizonte: UFMG.
- Matthiesen, S. Q. (2005). *Atletismo se aprende na escola*. Editora Fontoura.

COMPARAÇÃO DOS NÍVEIS DE APTIDÃO FÍSICA EM ESCOLARES DO SEXO FEMININO E MASCULINO

Mateus Medeiros Leite¹, Vinícius Borges Vieira¹, Tácio Rodrigues da Silva Santos², Sérgio Adriano Gomes², Alessandro de Oliveira Silva².

¹Alunos- Curso de Educação Física, Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), mateus.edf@outlook.com

²Professores- Curso de Educação Física, Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Palavras-chave: Aptidão Física, Educação Física Escolar, Índice de Massa Corporal.

INTRODUÇÃO

Os índices de sobrepeso e obesidade apresentam dados preocupantes em relação a esta enquanto doença crônica não transmissível, acometendo crianças e adolescentes e tornando-os mais propensos a desenvolverem doenças como diabetes e doenças cardiovasculares em idade adulta e cada vez mais jovens (WHO, 2016).

Segundo Halpern e Mancini (2002) a obesidade é definida como um acúmulo e excesso de gordura corporal obtendo a sua classificação, também, por meio do Índice de Massa Corporal (IMC).

Os baixos níveis de prática de atividades físicas e um estado nutricional com consumos exagerados de açúcares e gorduras tornam crianças e adolescentes mais suscetíveis ao desenvolvimento de doenças e fatores associados à diminuição de condicionamento físico e aumento de riscos para a saúde, como a própria obesidade, hipertensão e níveis séricos elevados de colesterol (Powers; Howley, 2014).

Diante disto, as aulas de Educação Física Escolar devem estar pautadas na aptidão física relacionada à saúde e no planejamento de atividades para promoção da prática de atividades físicas para o controle e prevenção de doenças, como a obesidade. Portanto, tendo em vistas as variáveis de IMC, flexibilidade, força muscular, potência muscular e suas correlações, o objetivo do presente estudo foi analisar as possíveis diferenças no IMC, níveis de flexibilidade, força muscular explosiva de membros inferiores e força de preensão manual em escolares do sexo feminino e masculino de uma escola pública do Distrito Federal e ainda, saber quais as possíveis correlações entre estas variáveis.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo tratou-se de uma pesquisa de nível descritivo de caráter quantitativo com coleta de dados transversal realizado com escolares do Ensino Fundamental de uma escola pública no Distrito Federal. A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB, por meio da Plataforma Brasil, sendo a mesma autorizada sob o número 1.680.422.

A amostra do presente estudo foi constituída por 36 escolares do ensino fundamental, sendo (n=14) meninas e (n=22) meninos, cumprindo a realização dos testes citados abaixo:

Índice de Massa Corporal: As medidas de composição corporal incluíram massa (Kg), medida através de Balança Digital (Sanny Brasil), e estatura medida através de Estadiômetro Compacto Tipo Trena Sanny. Com essas medidas foram realizados os cálculos para identificação do Índice de Massa Corporal (IMC) utilizando a fórmula $[Kg / (estatura)^2]$ segundo PROESP-BR (2015).

Flexibilidade: Para mensurar os níveis de flexibilidade, foi utilizado o teste de sentar e alcançar no banco de Wells. Foi instruído para que lentamente alcançasse a frente o mais distante possível ao longo do topo da caixa enquanto conservava as duas mãos paralelas, mantiveram essa posição aproximadamente dois segundos. O escore foi o ponto mais distante na caixa constatado pelas pontas dos dedos.

Força de Preensão Manual: A força de preensão manual foi obtida com dinamômetro mecânico manual (Jamar), respeitando

o protocolo de Espanha-Romero e colaboradores (2010). Para tanto, os voluntários permaneceram sentados e com o cotovelo em flexão de 45 graus. Para todos os participantes, a empunhadura do dinamômetro foi ajustada individualmente de acordo com o tamanho das mãos de forma que a haste mais próxima do corpo do dinamômetro ficasse posicionada sobre as segundas falanges dos dedos indicador, médio e anular. O teste foi realizado em três tentativas na mão que o participante considerou mais forte. A média entre as três tentativas foi utilizada como medida. A força relativa (FR) foi calculada com a equação $FR = [força\ muscular\ absoluta\ (kg) / massa\ corporal\ (kg)]$ (Prestes; Tibana, 2011).

Salto Horizontal: Para isso foi utilizada uma trena fixada ao solo, perpendicularmente à linha de partida. O ponto zero da trena situava-se sobre a linha de partida. O avaliado colocava-se imediatamente atrás da linha, com os pés paralelos, ligeiramente afastados, joelhos semi-flexionados com o tronco ligeiramente projetado à frente. Ao sinal o aluno saltava a maior distância possível aterrissando com os dois pés em simultâneo. Foram realizadas duas tentativas, sendo consideradas para fins de avaliação o melhor resultado.

Análise Estatística: Inicialmente os dados foram tratados a partir dos procedimentos descritivos, com as informações sendo processadas no pacote computacional Bioestat em sua versão 5.3. Medidas de tendência central e variabilidade dos dados foram representadas como média e desvio padrão. Coeficiente de correlação de Spearman e teste de comparação de Mann-Whitney foram utilizados devido à distribuição anormal dos dados demonstrada pelo teste de Shapiro-Wilk. O nível de significância adotado foi de 5% ($P \leq 0,05$).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os valores com média e desvio padrão para Idade, Massa Corporal, Estatura IMC, Flexibilidade, Impulsão Horizontal e Força Absoluta (Preensão manual), Força Muscular Relativa e os valores de (p) de comparação entre os sexos estão apresentados na Tabela 1 para meninos e meninas.

Tabela 1- Caracterização da Amostra de acordo com sexo.

VARIÁVEIS	MENINOS (n=22)	MENINAS (n=14)	p
Idade	15,41 ± 0,50	15,1 ± 0,66	0,1495
MC (kg)	62,04 ± 9,05*	53,86 ± 10,05*	0,0082
Estatura (m)	1,75 ± 0,06*	1,63 ± 0,04*	<0,0001
IMC (kg/m²)	20,21 ± 2,77	20,16 ± 3,46	0,41
FX (cm)	17,05 ± 8,36	20,50 ± 9,06	0,2229
IH (cm)	181,09 ± 29,59*	130,21 ± 22,52*	<0,0001
FA (kg)	39,40 ± 4,80*	24,53 ± 5,01*	<0,0001
FR	0,65 ± 0,11*	0,46 ± 0,07*	<0,0001

MC= Massa Corporal. IMC= Índice de Massa Corporal. FX= Flexibilidade. IH= Impulsão Horizontal. FA= Força Absoluta. FR= Força Relativa. *Níveis de significância com ($p \leq 0,05$) comparação entre os sexos.

Os resultados no que se refere à comparação de meninos com meninas, houve diferença estatisticamente significativa, como demonstrado na Tabela 1 através dos valores de (p), para massa e estatura, porém quando colocados em um único índice, que expressa amassa corporal, que é o IMC, não apresentam diferença com (p= 0,41), sendo basicamente a questão de estrutura corporal de meninos e meninas estatisticamente semelhante. Houve também diferença estatisticamente significativa para Impulsão horizontal com (p < 0,0001), Força absoluta (p < 0,0001) e Força relativa (p < 0,0001), não havendo diferença para Flexibilidade (p= 0,2229) e Idade (p=0,1495).

Para os meninos, os valores de Idade correlacionados com as variáveis: Estatura, Massa, Força absoluta, Flexibilidade, Impulsão horizontal e IMC não apresentaram correlação (rs= -0,1538; p= 0,4941/ rs= -0,2041; p= 0,3623/ rs= 0,3063; p= 0,1656/ rs= 0,1461; p= 0,5166/ rs= 0,0657; p= 0,7716/ rs= -0,1676; p= 0,4559) respectivamente. Porém houve correlação entre Idade e Força relativa (rs= 0,4528; p= 0,0343).

Para as meninas, os valores de Idade não apresentaram correlações estatisticamente significativas com nenhum das variáveis: Estatura, Massa, Força absoluta, Flexibilidade, Impulsão horizontal, IMC e Força relativa, (rs= 0,1444 ; p= 0,6223/ rs= -0,1581 ; p= 0,5892/ rs= -0,1042; p=0,7229/ rs= -0,2674 ; p= 0,3553/ rs= -0,1286; p= 0,6612/ rs= -0,2125 ; p= 0,4658/ rs= 0,2333 ; p= 0,4221) respectivamente.

Quando correlacionados os valores IMC com Flexibilidade para ambos os sexos, os resultados aqui apresentados, não demonstraram correlações estatisticamente significativas (rs= 0,2751; p= 0,2152/ rs= -0,0529; p= 0,8576) para meninos e meninas respectivamente, assim como IMC e Impulsão horizontal (rs= -0,2302; p= 0,3027/ rs= 0,2860; p= 0,3215). Quando correlacionados IMC com Força absoluta, os valores apresentados para meninos não demonstraram correlação estatística significativa (rs= 0,1990; p= 0,3746), porém houve correlação negativa fraca entre IMC e Força relativa (rs= -0,4234; p= 0,0495). Diferentemente, as meninas apresentaram correlação moderada positiva entre IMC e Força absoluta (rs= 0,6159; p= 0,0190), porém não houve correlação entre IMC e Força relativa (rs= -0,2274; p= 0,4343).

Comparados aos valores de referência do PROESP-BR (2015), a maioria dos escolares estavam abaixo dos valores de corte para Flexibilidade (100%- meninos; 92,86%- meninas), Impulsão horizontal a maioria com valores fracos (50%- meninos; 71,40% meninas), e no estado nutricional- IMC a maioria estavam com valores normais (81,82%- meninos; 71,43% meninas).

Apesar do presente estudo não ter utilizado medidas para mensurar o percentual de gordura corporal, como dobras cutâneas, segundo estudo de Albuquerque-Filho et al. (2013) apresentam que no teste de flexibilidade mesmo com resultados abaixo da média, a gordura corporal parece não ter sido relevante para este desempenho, porém pode ter interferido no desempenho motor no que diz respeito ao teste de velocidade. Os dados do presente estudo por meio do estado nutricional demonstraram que a maioria dos estudantes encontravam-se como normais, indicando que o índice de massa corporal pode não ter influenciado para o baixo nível de flexibilidade encontrado.

O nível de flexibilidade de meninos e meninas foi alarmante, estando todos os meninos abaixo dos valores críticos para a Saúde. Para meninas, apenas 1 estava acima dos valores críticos e as outras 13 estavam abaixo. Comparando estes valores de flexibilidade com os valores do IMC, as meninas apresentaram a média de flexibilidade maior que a média dos meninos, não apresentando caso de obesidade, mesmo tendo maiores índices de sobrepeso do que os meninos. Em testes o sobrepeso encontra-se associado negativamente com todos os componentes da aptidão física menos com a flexibilidade, e quando comparado entre os sexos, os dados demonstram que o sobrepeso parece afetar mais os meninos que meninas no que diz respeito ao desempenho e aptidão física (Santana et al., 2013).

CONCLUSÕES

Conclui-se que os alunos, tanto meninas quanto meninos, demonstraram baixa aptidão física relacionada à saúde e ao desempenho esportivo, mesmo não indicando correlações significativas entre algumas variáveis, e mesmos meninos apresentando maiores valores para força absoluta, relativa e de potência, pode ser que estas tenham influenciado nos valores verificados em comparação aos demais testes.

Cabe ressaltar as principais limitações do presente estudo, como o número reduzido de participantes e não adição de outros testes em relação à aptidão física.

Portanto sugere-se um programa de intervenção nas aulas com exercícios visando o desenvolvimento destas capacidades para a promoção da Saúde e Qualidade de vida, e novos estudos adicionando mais variáveis e um número maior de participantes.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque-Filho, N. J. et al. Composição corporal e desempenho motor em escolares da rede pública de ensino. *Revista de Salud Pública*, v. 15, n. 6, p. 834-843, 2013.
- American college of sports medicine (ACSM). Diretrizes do ACSM para os testes de esforço e sua prescrição. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
- Barbosa, T. et al. Relação entre composição corporal e aptidão física em grupo de escolares do ensino médio no Brasil. *Revista da UIIPS*, v. 4, n. 2, p. 273-284, 2016.
- Catunda, A. R. Sartori, K. S. Laurindo, E. Recomendações para a educação física escolar. Sistema Confed/Crefes- Conselho federal e regional de educação física. 2014.
- España-Romero, V. et al. Elbow position affects handgrip strength in adolescents: validity and reliability of Jamar, DynEx, and TKK dynamometers. *The Journal of Strength & Conditioning Research*, v. 24, n. 1, p. 272-277, 2010.
- Halpern, A.; Mancini, M. C. Manual de obesidade para o clínico. São Paulo: Roca, 2002.
- Powers, S.K.; Howley, E.T. Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. 8.ed. Barueri: Manole, 2014.
- Prestes, J.; Tibana, R. A. Muscular static strength test performance and health: absolute or relative values?. *Revista da Associação Médica Brasileira (English Edition)*, v. 59, n. 4, p. 308-309, 2013.
- Santana, C. C. A. et al. Associação entre estado nutricional e aptidão física relacionada à saúde em crianças. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 24, n. 3, p. 433-441, 2013.
- Tibana, R. A. et al. A força de preensão manual como marcador de saúde em adolescentes com sobrepeso. *Brasília Med*, v. 50, n. 4, p. 288-295, 2013.
- World Health Organization (WHO). Ending childhood obesity. Disponível em: <<http://www.who.int/dietphysicalactivity/childhood/en/>>. Acesso 12 out. 2016.

DANÇA NA ESCOLA: DIFICULDADES E PERSPECTIVAS NA PRÁTICA DOCENTE DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Maria Iranilda Meneses Almeida¹, Georgia Medeiros Paiva de Alencar², Wernan Silva Reis²

¹Curso de Educação Física, Universidade Federal do Ceará (UFC), irenildanca@hotmail.com

²Curso de Educação Física, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), georgiampaiva@yahoo.com.br, china.es.porte@hotmail.com

Palavras-chave: Dança na escola. Educação Física. Prática docente.

INTRODUÇÃO

De acordo com a organização e sistematização do currículo na educação brasileira, a Educação Física é um componente curricular do ensino básico, portanto elemento importante na formação integral do educando, devidamente justificado na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN 9394/96), fundamentando seu potencial formador, isto é, educativo. No entanto, na prática docente, pouco se observa a respeito da valorização deste como componente curricular quanto aos demais, como por exemplo, as Disciplinas de Matemática, Geografia, História, entre outras. É sabido que apesar de todo o progresso e as transformações que ocorreram na educação, à ênfase aos aspectos cognitivos, intelectuais continua prevalecendo, em detrimento aos conhecimentos práticos. De certa forma, esse comportamento da comunidade educacional acaba por desvalorizar os componentes curriculares cujo teor de seus conteúdos envolve teoria e prática, necessariamente, como é o caso da Educação Física escolar. Nesse sentido, Daólio (2003) afirma que a Educação Física pode ser considerada a área que se encarrega de estudar e atuar sobre a cultura corporal do movimento construída historicamente pelo ser humano. Dentre esses conhecimentos e saberes acumulados pela humanidade tem-se: os jogos, as brincadeiras, os esportes, as ginásticas, as lutas e as danças, sendo esta última, objeto desse estudo. Brikman (1989) defende que o trabalho relacionado à dança, realizado na Educação Física Escolar, deve ser adequado à peculiaridade corporal de cada etapa de desenvolvimento, diferenciando-se dessa forma o objetivo, conforme o trabalho seja com criança, adolescente e adulto. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, encontramos a seguinte afirmativa: é necessário considerar outros modos de comunicação, como linguagem do corpo e a linguagem das artes em geral, permitindo transversalizar, em particular, a Educação Física com a arte (Brasil, 1998). A música, a dança, as artes em geral, vinculadas aos diferentes grupos étnicos e a composições regionais típicas, são manifestações culturais que todos os alunos poderão conhecer e vivenciar. Dessa forma construirão conhecimentos a respeito da diversidade presente no Brasil, enquanto desenvolvem seu próprio potencial expressivo. Existem registros arqueológicos e iconográficos que apontam que o homem primitivo dançava, e o sentido dessa dança era ritualístico, religioso, sagrado. Já na Antiguidade, além do cunho ritualístico a dança assume outras formas e funções, como “o dançar” para divertir, informar, catequizar, “educar o povo”. Nesse sentido, Coimbra (2003, p. 21) afirma que: (...) como a cultura humana, a dança assumiu várias formas e tem se transformado à medida que é criada por pessoas que pertencem a meios particulares, contextualizados em termos históricos, sociais e culturais.

Assim, aliando-se ao contexto que está inserida, a dança assume formas, funções, discurso, ideologias, desta maneira transforma-se, amplia-se, folcloriza-se, construindo um patrimônio cultural histórico rico em gêneros, estilos, com os mais variados objetivos o que possibilita sua utilização em diferentes áreas e contextos. Corroborando com esse debate, Mattos (2000, p. 74), afirma que “o Brasil é rico em variações rítmicas e o seu estudo não pode ser excluído da formação dos

nossos alunos”. Sobretudo, por ter nas atividades expressivas, como por exemplo, à dança, uma das modalidades mais completas, no sentido de aquisição de um rico repertório de movimentos, na integração entre os educandos, no desenvolvimento de estímulos diversos, dentre eles a consciência corporal, a criatividade, a criticidade, a autoestima e outros. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi analisar dificuldades e perspectivas existentes na prática docente do conteúdo dança nas aulas de educação física das escolas públicas inseridas no município de Caucaia CE.

MATERIAL E MÉTODOS

Para realização desta pesquisa foi utilizado um desenho qualitativo, do tipo descritivo, transversal com base em seus objetivos. Realizado nas escolas públicas municipais ou estaduais, inseridas no município de Caucaia. Quanto a amostra, receberam o convite para participar da pesquisa um grupo de doze (n=12) professores licenciados em educação física, independente de sexo e faixa etária, os professores que atuam a partir de cinco anos na área escolar, lotados nas escolas públicas do município de Caucaia, porém, compareceu ao encontro um grupo de oito (n=8). Para a coleta de dados foi necessário à permissão do Comitê de Ética, para que se constituísse o grupo focal dos professores das escolas públicas inseridas no município de Caucaia. Utilizou-se a técnica de avaliação qualitativa do grupo focal, com o número máximo de n= 8 (oito) professores de educação física. Com o objetivo de revelar experiências, sentimentos, percepções e referências do grupo amostral, através da discussão informal de caráter qualitativo em profundidade sobre o foco da pesquisa. Para análise dos resultados, utilizou-se as respostas dos professores (denominados de PA, PB, PC, PD, PE, PF, PG, PH). As referidas respostas foram agrupadas em relação a aspectos comuns presentes nas falas dos participantes, bem como se buscou captar aspectos significativos levantados no grupo focal, que pudessem gerar as categorias de análise. Ressalta-se que, a partir dos dados obtidos procura-se compreender a essência do discurso dos professores através de um método científico. Assim, as opiniões, ideias, percepções individuais e coletivas dos professores estudados, representam não só o contexto de cada um e do grupo em si, mas, uma “construção social das representações dos indivíduos” (Sborquia, 2002, p. 95).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos oito (8) professores participantes da pesquisa, 6 deles apontam como dificuldade para a dança na escola, a falta de afinidade o desinteresse do aluno e do professor junto a falta de habilidade do próprio professor. Três (3) professores afirmam que a dificuldade em aplicar a dança na escola é a falta de espaço físico. Quatro (4) deles indicam que é o preconceito por parte dos alunos que dificulta. Dois (2) professores afirmam que a falta de conhecimento teórico e prático da dança. Apenas um (1) indica que é a influência da mídia, que dificulta a prática da dança escolar. Quanto as perspectivas de se aplicar a dança nas aulas de educação física, dos oito (8) participantes, seis (6) acreditam que existem essa possibilidade, e, dois deles afirmam

que não existe perspectiva de se aplicar a dança em sua prática docente.

Quadro 1 – Categoria apresentadas nas discussões

Categorias	Professores (P)							
		P B	P C	P D	P E	P F	P G	
1. Dificuldades enfrentadas: a falta de afinidade e o desinteresse do aluno e do professor, incluindo a falta de habilidade deste.		P B	P C	P D	P E	P F	P G	
2. Dificuldades enfrentadas: falta de espaço físico.		P B		P D			P G	
3. Dificuldades enfrentadas: o preconceito	P A	P B	P C					P H
4. Dificuldades enfrentadas: falta de conhecimento teórico e prático.	P A		P C					
5. Dificuldades enfrentadas: a influência da "mídia".				P D				
6. Existe a perspectiva de planejar e aplicar o conteúdo dança na prática docente.	P A	P B	P C		P E	P F		P H
7. Não existe a perspectiva de planejar e aplicar o conteúdo dança na prática docente.				P D			P G	

Fonte: análise de dados da pesquisa

Assim, de acordo com o contexto investigado, os resultados apontam para os aspectos que dificulta a prática docente da dança nas aulas de educação física: o desinteresse do professor em planejar e aplicar a dança nas aulas de Educação Física; o desinteresse dos alunos em participar das atividades com dança; a carência de espaço físico para a realização das aulas práticas; a falta de conhecimento do professor sobre dança; o currículo ineficiente na formação inicial; o preconceito dos alunos em relação ao indivíduo do sexo masculino que dança; a ideia distorcida de dança divulgada pela mídia. Nesse sentido, Pereira (1995), Miranda (1991), Sborquia e Gallardo (2001) em suas pesquisas, apontam que a dança aparece nos cursos de Educação Física, de forma eventual e com enfoque diversificadamente equivocados acerca dos fins da dança na educação. Esses enfoques são: excessiva abordagem técnica da dança e seus estilos, sem ligação direta com temas relativos a educação; considerar a dança apenas, como manifestação artística; a dança como meio para compreensão dos conteúdos de outra matéria. Evidentemente que existem outros fatores que impossibilitam a presença da dança na escola, como os aspectos que foram apresentados nessa pesquisa, entretanto, acredita-se que o principal deles está na formação inicial do educador, uma vez que os saberes adquiridos na citada formação inicial é condição *Sine Qua Non* para uma prática docente competente, e, por conseguinte que atenda as exigências da área de atuação profissional.

Todavia, os resultados desta pesquisa, indicam, ainda, que há perspectivas otimistas para o planejamento e aplicabilidade da dança na escola, no grupo de professores deste estudo, uma vez que a maioria dos participantes compreende e admite ser possível inseri-la nas aulas de Educação Física, dada a importância e os benefícios proporcionados pela dança, ao apontarem o desenvolvimento dos aspectos sociais, afetivos, emocionais, cognitivos, culturais e artísticas dos alunos.

CONCLUSÕES

Ao concluir este estudo, não se imprime um ponto final, todavia abre-se espaço para um amplo debate a cerca do tema aqui explorado. Desse modo, observa-se que o objetivo principal da pesquisa foi alcançado, uma vez que pôde-se analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores de educação das escolas públicas do município de Caucaia-CE, na aplicabilidade do conteúdo dança, e, em relação as perspectivas em planejar e aplicar a dança nas aulas de educação física, estas foram identificadas como otimistas, na opinião da maioria dos participantes do estudo. Assim, a partir dessas análises, inter-se que, para a superação das dificuldades faz-se necessário encaminhamentos e tomadas de atitudes por parte da comunidade escolar, do poder público, estendendo-se as instituições acadêmicas de formação de professores, e, inclusive esforços em particular do profissional da área. Desse modo, quando os professores participantes da pesquisa alegam que a sua formação inicial não contribuiu satisfatoriamente para a prática docente, aponta-se que as instituições formadoras se adaptem a esta nova realidade da Educação Física escolar, inovando seu currículo, valorizando e capacitando continuamente o professor formador, com vistas a atender as demandas emergentes de uma formação docente integrada com a realidade do processo sócio educacional contemporâneo. Acrescenta-se, ainda, que os profissionais, diante das particulares dificuldades com o conteúdo dança, busquem habilitarem-se em cursos, debates, livros, manuais, documentos oficiais orientadores, experiências de outros, vivências e pesquisas, em benefício de uma práxis ideal da dança na escola. Contudo, não se pode responsabilizar unicamente o professor por uma prática ideal da dança no âmbito escolar. O órgão regulador da educação deve contribuir para o bom desempenho desse profissional.

AGRADECIMENTOS

A Faculdade Terra Nordeste (FATENE), ao grupo de professores participantes da pesquisa, a equipe de apoio.

REFERÊNCIAS

- Brasil (1996). Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- Brasil.(1998).SEF/MEC.Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: A secretaria, 1998.
- Brikman, Lola.(1989). *A Linguagem do Movimento Corporal*. 2. ed. São Paulo: Summus.
- Coimbra, Isabel. (2003).*Louvai a Deus com Danças*. Belo Horizonte: Diante do Trono.
- Daolio, Jocimar. (2003). *A Cultura da Educação Física Escolar*. Motriz, v. 9, supl. 1, p. S33-S37, jan/abr.
- Mattos, Mauro. G.; NEIRA, Marcos, G. (200). *Educação Física na adolescência: construindo o conhecimento na escola*. São Paulo: Phorte Editora.
- Miranda, M. L. J. (1991). *A dança como conteúdo específico nos cursos de Educação Física e como área de estudo no ensino superior*. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pereira, C. R. G. (1995). *O ensino da dança na escola pública do Rio de Janeiro*. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Sborquia, Sílvia Pavesi.(2002). A dança no contexto da Educação Física: os (des) encontros entre a formação e a atuação profissional. 2002
- Sborquia, S. P.; Gallardo, J. S. P. (2001). *Análise da disciplina Dança e das disciplinas que contemplam o conteúdo dança nos currículos de formação profissional em Educação Física – Licenciatura*. Anais: II Congresso Internacional de Motricidade Humana. Muzambinho, MG.

DESENVOLVIMENTO MOTOR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS DOMÍNIOS BÁSICOS DO COMPORTAMENTO HUMANO: COGNITIVO, AFETIVO SOCIAL E MOTOR.

Gilmar da Costa¹

¹Curso de Educação Física, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), gilmarcost@yahoo.com.br

Palavras-chave: Desenvolvimento Motor, Atividade Motora, Treinamento.

INTRODUÇÃO

(Rev Bras. Cineantropometria do Desempenho Humano 2010, 12(6):422-427). Dentre as razões que têm levado ao interesse crescente pelos conhecimentos acerca do desenvolvimento do comportamento humano, destacam-se os paralelos existentes entre o desenvolvimento motor e o desenvolvimento cognitivo. Há uma estreita relação entre o que a criança é capaz de aprender (cognitivo) com o que é capaz de realizar (motor). (Gallahue & Ozmun, 2005) o desenvolvimento motor é um processo sequencial, relacionado à idade cronológica, trazido pela interação entre os requisitos das tarefas, a biologia do indivíduo e as condições ambientais, sendo inerente às mudanças sociais, intelectuais e emocionais.

A realização desta revisão integrativa justifica-se na tentativa de mostrar que o desenvolvimento motor é a base para as mudanças biológicas, sociais, intelectuais e emocionais do ser humano. As atividades como correr, brincar, saltar e etc, são realizadas nas aulas de Educação Física elaboradas pelo professor, com o objetivo de ensinar, trabalhar e aprimorar a coordenação dos movimentos corporais de acordo com cada faixa etária. (Go Tani *et al.*, 1988) o comportamento de qualquer ser humano está ligado a três domínios básicos que são: cognitivo, afetivo social e motor. Movimento humano é definido como o deslocamento do corpo produzido como uma sequência do padrão espacial e temporal da contração muscular. (Haywood & Getchell, 2004) Já o desenvolvimento motor é considerado como um processo sequencial, contínuo e relacionado à idade cronológica, pelo qual o ser humano adquire uma enorme quantidade de habilidades motoras, as quais progredem de movimentos simples e desorganizados para a execução de habilidades motoras altamente organizadas e complexas. (Go tani, 1988) as experiências motoras que se iniciam na infância são de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo, visto que os movimentos fornecem o principal meio pelo qual a criança explora, relaciona e controla o seu ambiente.

(Tecklin, 1999) Inicialmente, acreditava-se que as mudanças no comportamento motor refletiam diretamente nas alterações maturacionais do sistema nervoso central. Hoje, porém, sabe-se que o processo de desenvolvimento ocorre de maneira dinâmica e é suscetível a ser moldado a partir de inúmeros estímulos externos) Diversos fatores, porém, podem colocar em risco o curso normal do desenvolvimento de uma criança. (Willrich, 2008, Miranda, 2003) definem-se como fatores de risco uma série de condições biológicas ou ambientais que aumentam a probabilidade de déficits no desenvolvimento neuropsicomotor da criança.

(Willrich, 2008, Eickmann, 2002) dentre as principais causas da deficiência motora encontram-se: baixo peso ao nascer, distúrbios cardiovasculares, respiratórios e neurológicos, infecções neonatais, desnutrição, baixas condições sócio-econômicas, nível educacional precário dos pais e prematuridade. Quanto maior o número de fatores de risco atuantes, maior será a possibilidade do comprometimento do desenvolvimento motor.

(R.brasileira de Ciencia e Movimento. 2007; 15(1): 45-51.) o desenvolvimento infantil representa uma das fases mais significativas na vida do ser humano. Na segunda infância e idade escolar há um incremento nas aptidões física e motora,

quando a criança desenvolve consciência de si e do mundo exterior, conquistando sua independência e adaptação social, caracterizando rápidos progressos na aprendizagem. Isso mostra que a aquisição de um bom controle motor permite à criança construir as noções básicas para seu desenvolvimento intelectual.

(Schirmer, 2004) o movimentar-se é de grande importância biológica, psicológica, social e cultural, pois é por meio da execução dos movimentos que as pessoas interagem com o meio ambiente, relacionando-se com os outros, aprendendo sobre si, seus limites, capacidades e solucionando problemas. Diante dessas considerações busca-se respostas para o seguinte questionamento: como é avaliado o desenvolvimento motor das crianças na literatura científica?

(Pazin, 2001) no entanto, a educação física não deve ser constituída somente por exercícios e gestos esportivos técnicos, mas também por movimentos que representam as manifestações do comportamento humano, sendo que, a educação física deve integrar o estudo da psicomotricidade, visto que privilegia o ato físico associado ao trabalho mental, em que se aprende a escutar, interpretar, imaginar organizar, representar, passar da ideia ao ato concreto, sendo bases imprescindíveis ao aprendizado formal.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo é do tipo revisão integrativa descritiva e de natureza quantitativa. Foi realizada a captação de publicações em língua espanhola e portuguesa, relacionadas aos temas: desenvolvimento motor, Educação Física e treinamento através dos bancos de dados Medline, Lilacs e SciELO. A busca foi realizada com utilização dos seguintes descritores: Desenvolvimento Motor, Atividade Motora, Treinamento. Foram detectados 40 artigos e selecionados 31 artigos que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: responder ao questionamento do estudo e estar disponível eletronicamente nos idiomas português ou espanhol. Os resultados foram analisados conforme a semelhança das informações, fundamentados na literatura pertinente à temática.

RESULTADOS

A maioria dos artigos analisados utilizou um instrumento para avaliar o desenvolvimento motor das crianças que foi o Protocolo de testes da Escala de Desenvolvimento Motor (EDM), que compreende um conjunto de provas diversificadas e de dificuldade graduada, conduzindo a uma exploração minuciosa das seguintes áreas do desenvolvimento: motricidade fina (óculo manual); motricidade global (coordenação); equilíbrio (postura estática); esquema corporal (imitação de postura, rapidez); organização espacial (percepção do espaço); organização temporal (linguagem, estruturas temporais) e lateralidade (mãos, olhos e pés). Esta escala é indicada para crianças de 04 a 12 anos, com dificuldades na aprendizagem escolar, atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor, problemas na fala, na escrita, em cálculo, problemas de conduta, alterações neurológicas, mentais, sensoriais, etc. Podemos observar nos artigos analisados que todos apresentaram melhoria no desenvolvimento motor com a

realização de educação física. Entretanto, nos casos com pouco desenvolvimento motor nos estudos realizados, foi devido a alguns dos fatores externos como falta de alimentação adequada, fatores sociais e econômicos e pouca relação aluno escola.

Além disso, a aquisição de habilidades motoras está vinculada ao desenvolvimento da percepção do corpo, espaço e tempo, e essas habilidades constituem componentes de domínio básico tanto para aprendizagem motora quanto para as atividades de formação escolar. Isso significa que, ao conquistar um bom controle motor, a criança estará construindo as noções básicas para o seu desenvolvimento intelectual. Por isso, o fato de se proporcionar o maior número de experiências motoras e psicossociais às crianças, estará se prevenindo que estas apresentem comprometimento nas habilidades escolares.

DISCUSSÃO

(Crippa, 2002) existem vários fatores externos que levam ao atraso motor, um deles é o tempo excessivo gasto somente com jogos televisivos ou internet, até mesmo restrição de atividades físicas esportivas e outras. (Leite, Rosa Neto & Franceschi, 1997) no caso das crianças com dificuldades de aprendizagem, existe a necessidade de uma avaliação motora e, com base nos seus resultados, elaborar cuidados à criança referentes ao tipo específico de dificuldade escolar, seja de leitura, compreensão, escrita ou cálculo, assim como às suas necessidades motoras, pois o conhecimento sobre a motricidade das crianças é importante para evitar distúrbios no desenvolvimento cognitivo, afetivo social e motor.

(Manoel, 2005) vários autores já estabeleceram relações entre algumas variáveis do ambiente e o desenvolvimento motor de crianças. Acredita que, o fato de a criança explorar o ambiente por meio de atividades motoras (como o exercício físico e o jogo) ou pelo desempenho de habilidades motoras implica modificações no seu desenvolvimento físico, perceptivo-motor, como também moral e afetivo. (Sabagg, 2008) vale ressaltar que, o ser humano se desenvolve em diversos ritmos, que dependem de suas próprias características e das experiências vivenciadas, o que possibilita que diferentes padrões de movimento sejam detectados.

CONCLUSÃO

Os dados encontrados neste estudo revelam que um número significativo de educandos com dificuldades na aprendizagem escolar apresentam importante atraso no desenvolvimento motor, bem como condições biopsicossociais adversas, demonstrando uma possível relação entre estes fatores. Estes achados demonstram a necessidade de estudos longitudinais para verificar a relação existente entre desenvolvimento psicomotor e rendimento escolar, bem como a necessidade de programas de monitoramento do desenvolvimento motor e intervenção multidisciplinar diante desta população, na qual o profissional de educação física e os demais profissionais envolvidos atuem com o objetivo de promover um melhor desempenho escolar e social destas crianças.

REFERÊNCIAS

- Willrich A, Azevedo CCF, Fernandes JO. Desenvolvimento motor na infância: influência dos fatores de risco e programas de intervenção, 2008.
- Haywood KM, Getchell N. *Desenvolvimento motor ao longo da vida*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, 344p.

Go Tani, Freedmen, *Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. EPU. Editora da Universidade de São Paulo, 1988

Tecklin, JS. *Fisioterapia pediátrica*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, Burns YR, MacDonald J. *Fisioterapia e crescimento na infância*. São Paulo: Santos Livraria e Editora, 1999, 516 p

Miranda LC, Resegue R, Figueiras ACM. A criança e o adolescente com problemas do desenvolvimento no ambulatório de pediatria. *J Pediatr* 2003;79(Supl1):S33-42.

Eickmann SH, De Lira PIC, Lima MC. Desenvolvimento mental e motor aos 24 meses de crianças nascidas a termo com baixo peso. *Arq Neuropsiquiatr* 2002;60(3-B):748-54.

Lineburguer, A. A; Mansur, S. S.; Parciais, S. R.: Rosa neto, F. - Desenvolvimento motor de crianças asmáticas, *Temas sobre Desenvolvimento* 2004;13(73):20-5.

Rosa Neto, F.; Poeta, L. S.; Coquerel, P. R. S.; Silva, J. C. Perfil motor em crianças avaliadas em um programa de psicomotricidade. - *Temas sobre desenvolvimento* 2004; 13 (74):19-24.

Schirmer, C. R.; Fontoura, D. R.; Nunes, M. - Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. *J Pediatr* 2004; 80 (2): 65-103.

Gallahue DL, Ozmun JC. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Ed. Phorte; 2005.

Pazin, J. - *Aptidão Física e Motora: aspectos psicossociais no ensino fundamental*. Florianópolis; 2001. [Dissertação de Mestrado - Ciências do Movimento Humano], Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos – Universidade do Estado de Santa Catarina.

Crippa LR, Souza JM. *Estudo de parâmetros motores em pré-escolares: organização espacial, organização temporal e esquema corporal*. In: Krebs RJ, organizador. *II Encontro latino-americano para estudos da criança: desenvolvimento infantil*. Florianópolis: UDESC; 2002. p. 60.

Leite L, Rosa Neto F, Franceschi CR. *Perfil motor em praticantes precoces de futebol de salão*. [Monografia de Graduação – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos]. Florianópolis (SC): Universidade Estadual de Santa Catarina; 1997.

Manoel E. Estudo do desenvolvimento motor: Tendências e perspectivas. In: G Tani, organizador. *Comportamento motor: Aprendizagem e desenvolvimento*. 1 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.

Sabagg S. *Percepção dos estereótipos de gênero na avaliação do desenvolvimento motor de meninos e meninas*. 2008. [Dissertação de Mestrado – Programa de pós-graduação em Ciências do Movimento Humano]. Florianópolis (SC): Universidade do Estado de Santa Catarina; 2008.

IMPACTO DAS AULAS DE FLAG FOOTBALL SOBRE O INTERESSE DOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Miguelina Ayse-Anny Beserra de Moraes¹, Djevan Lopes de Oliveira¹, Luis Henrique Oliveira Sousa², Francisco Salviano Sales Nobre²

¹Escola Ensino Fundamental e Médio Figueiredo Correia, Grupo de Estudos em Desenvolvimento Motor & Saúde da Criança e do Adolescente, migamorais31@gmail.com

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) Campus Crato; Grupo de Estudos em Desenvolvimento Motor & Saúde da Criança e do Adolescente.

Palavras-chave: Educação Física, Flag Football, Motivação, Adolescentes.

INTRODUÇÃO

Diferentes motivos podem conduzir os adolescentes a perderem o interesse pelas aulas de educação física (AEF). Entretanto, Darido (2004) diz que a repetição dos conteúdos estudados no ensino fundamental é o principal responsável pelo afastamento dos alunos da disciplina. Nesta etapa de escolarização, os adolescentes já apresentam um senso crítico e opinião formada sobre as AEF, então, se suas experiências foram de sucesso e prazer, provavelmente terão uma opinião favorável sobre as aulas e continuarão frequentando, mas, se suas vivências foram marcadas pelo insucesso e exclusão, sua opção será pelo afastamento ou passividade nas aulas práticas.

Como consequência, tem-se que, na contemporaneidade, o sedentarismo é uma realidade cada vez mais premente na população de jovens com idades entre 14 e 20 anos. Estudos prévios evidenciam que a participação dos alunos do ensino médio nas aulas de educação física apresenta uma característica muito heterogênea, sendo, portanto, muito raras as ocasiões em que mais da metade das turmas façam as aulas duas ou mais vezes por semana (Hallal et al., 2010). Conforme esses pesquisadores, esses fenômenos da pouca atração dos adolescentes pelas aulas de educação física no ensino médio se reproduz em várias culturas, entretanto, o comportamento sedentário de adolescentes é mais prevalente na Região Nordeste do Brasil (Hallal, et. al., 2010) e principalmente entre aqueles da rede pública (Tenório et. al., 2010). Esse quadro de sedentarismo entre adolescentes preocupa as instituições científicas de saúde. Sabe-se para o momento, que é necessário um quantitativo de no mínimo 60 minutos diários em atividade física de intensidade moderada a vigorosa para repercutir em benefícios para saúde (World Health Organization *apud* Farias Junior, 2012). Neste cenário, a escola deve repensar seu papel de preparar o aluno para um estilo de vida fisicamente ativo, uma vez que existem evidências de que alunos os quais são mais fisicamente ativos nas aulas de educação física também o são em outros contextos (Farias Junior, 2010). Elaborar estratégias que contribuam para que os adolescentes adotem um estilo de vida mais fisicamente ativo deve ser entendido como uma das prioridades da educação física escolar no ensino médio, principalmente em populações desfavorecidas socioeconomicamente onde as oportunidades para praticar esportes em outros contextos são menores.

Mediante o exposto, o presente estudo teve como objetivo implantar uma nova proposta de trabalho no plano anual de ensino (modalidade esportiva Flag Football) e verificar o comportamento e a opinião dos alunos frente essa nova atividade ofertada nas AEF. O Flag Football é uma variante do futebol americano, elaborado estrategicamente de modo a manter a dinâmica do jogo, contudo, evitando o confronto corporal entre os jogadores, uma vez que faz uso de fitas (flags) para evitar o tackle (queda) dos praticantes (Bitencourt, 2005).

MATERIAL E MÉTODOS

Características do Estudo: Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação. Este tipo de pesquisa baseia-se na prática rotineira e nos problemas oriundos desta e que tem como objetivo transformar a realidade investigada através de um processo de modificação contínua de ação-reflexão, onde a preocupação é com a mudança da situação e não só com a maneira como é interpretada.

Procedimento da ação: As aulas ocorreram de forma a atender as normas da escola, a qual estipula a carga horária semanal de duas aulas, sendo uma teórica e outra prática, na qual está sendo praticado o flag football. Inicialmente foi explicado a história, regras, função dos jogadores em campo, fundamentos do esporte através de vídeos e slides. Em um segundo momento fez-se uma aproximação das regras do esporte com a do jogo popular "rouba bandeira"; posteriormente explicaram-se nas aulas práticas as funções do uso do cinto e, dentro de uma hierarquia de complexidade, introduziu-se para as regras do esporte a partir de pequenos jogos até a prática do esporte propriamente dito. Durante as aulas, procedeu-se a observação direta participante das mudanças do comportamento relacionado ao interesse dos alunos pelas AEF e registrou-se em diário de campo.

Participantes: participaram do estudo 70 adolescentes de ambos os gêneros, com idades entre 14 e 19 anos, oriundos de 14 turmas, do ensino médio de uma escola pública do município de Juazeiro do Norte – Ceará. Os adolescentes foram selecionados aleatoriamente, sendo 6 por turma, 3 rapazes e 3 moças. Os mesmos responderam um questionário com perguntas abertas. Os dados foram categorizados mediante análise de conteúdo e interpretados conforme a Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (Lefevre & Lefevre, 2005). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Solicitou-se aos alunos que respondessem a seguinte questão: Qual sua opinião sobre essa nova perspectiva de aula de educação física baseada na diversidade da cultura esportiva? Justifique. Essa pergunta gerou uma Ideia Central (IC) a qual indica que uma proposta de educação física inovadora possibilita vivências diferentes, torna aula mais divertida, desperta o interesse para aprender, fazendo com que os alunos tornem-se mais motivados para participar das aulas.

Quadro 01: Discurso do sujeito coletivo da questão 01:

Discurso do Sujeito Coletivo

Bom, minha opinião é que é bem legal essa nova perspectiva, é a primeira vez que vejo algo desse tipo. O futebol americano foi bastante complicado de se entender, mas também foi muito interessante. E essa diversidade é muito boa. Aprender coisas novas porque podemos jogar esportes como futebol americano, que não é muito jogado aqui no Brasil. Então, é muito legal poder jogar jogos do mundo todo. Foi muito divertido, principalmente as aulas

práticas em que adaptamos o jogo de acordo com o equipamento que tínhamos e o local que frequentamos.

Para Silva e Bracht (2012) existem três práticas pedagógicas em voga nas aulas de Educação Física, aquela que continua a tradição esportivista construída na década de 70, a segunda baseada na recreação e a terceira que é a do professor inovador, o qual busca inovar os conteúdos das aulas ampliando para além dos esportes tradicionais, que modifica o trato do conteúdo, que faz relação da teoria com a prática. O DSC 1 evidencia e ratifica a importância de diversificar as vivências experimentadas nas AEF para além dos esportes tradicionais, visto que a inclusão de novas possibilidades de atividades da cultura corporal podem estimular a adesão do aluno na medida em que aumentam as chances de o mesmo se identificar com outras atividades (Darido, 2012). Ao promover uma vivência diversificada de práticas corporais, o professor contempla as habilidades e competências previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000), os quais diz que o aluno deve conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais.

Ao perguntar se os alunos preferiam o método tradicional de aulas de educação física, baseado no futsal para meninos e carimba para as meninas ou esta nova proposta (flag football), verificou-se que 21,4% da amostra se mostrou resistente aos novos conteúdos, sendo essa resistência mais prevalente no gênero feminino, assim 78,6% mas tornaram-se favoráveis à superação dos conteúdos tradicionais e promoção da igualdade de oportunidades entre gêneros. Veja o DSC 2.

Discurso do Sujeito Coletivo 2

Eu prefiro esta nova proposta que traz outros jogos e que são jogados por todos, como no Flag Football ambos podem jogar juntos tanto garotos como garotas sem distinção de sexo, só assim podemos se comunicar mais com os colegas e as aulas se torna mais divertida com todo mundo junto, esse esporte nos mostra que dentro de campo todos somos iguais, além do que se ficarmos jogando só carimba e futsal seria repetitivo de mais. Devemos conhecer novos esportes para poder conhecer as culturas esportivas.

O DSC 2 vai ao encontro do que propõe Ferreira (2014), o qual ressalta que os conteúdos das AEF precisam atender aos anseios atuais dos alunos, precisam ser dotados de significado e atitudes que impactem na realidade dos mesmos. Outro aspecto importante observado no DSC 2 foi a relevância dada à coletividade e à união de gêneros. É importante destacar que, mesmo em outros esportes que superam a proposta tradicional das AEF, como por exemplo, o esporte de aventura, a igualdade de oportunidades entre gêneros ainda não é respeitada (Schwartz et. al., 2013). Assim, as aulas de Flag Football também se mostraram profícuas neste sentido.

Sugeriu-se aos alunos que optassem como deveriam ser as aulas de educação física. Observa-se que 25,7% da amostra relata que as aulas devem continuar como estão sendo ministradas, dentro da diversidade da cultura esportiva e 74,3% gostam da nova perspectiva, no entanto gostariam que houvesse também aulas de voleibol, basquete, futsal, handebol e carimba, tais modalidades nos reportam à perspectiva tradicional. Essa questão gerou um DSC amparado em uma IC que revela ainda uma resistência às aulas teóricas, à superação do “quarteto fantástico” (futsal, voleibol, basquetebol e handebol) e da separação de gêneros.

Discurso do Sujeito Coletivo 3

As aulas devem ser como tá, mas acho melhor futsal, vôlei, basquete, handebol e outras brincadeiras tipo pular corda, peteca, amarelinha ou os alunos escolher as atividades de sua preferência, também acho que poderia ser mais dias na semana com mais aulas práticas e menos teóricas. Bem como deveria ter uma organização entre meninas e meninos,

ou seja, uma separação na quadra de um lado meninas e do outro lado meninos.

O DSC 3 aponta para o fato de que apesar das aulas de Flag Football terem sido bem aceitas pelo alunado, alguns alunos ainda se mostram contaminados pelas propostas tradicionalistas e por procedimentos didáticos pouco inclusivos. Merece de novo atenção a questão de gênero destacado anteriormente. O estudo observacional permitiu constatar que, em particular, os alunos que preferem o esporte de rendimento ainda preferem conteúdos exclusivamente práticos, impregnados na monocultura do futsal. Sobre o assunto, Santos (2008) comenta que as relações sexistas no interior das escolas reforçam a desigualdade entre os sexos e a divisão dos papéis sociais entre homens e mulheres, perpetuando os valores impostos socialmente. Desta forma, entende-se que a superação da figura do professor treinador e do aluno atleta deva ser uma meta nas AEF, de modo que tais aulas devam servir aos interesses de todos e não apenas daqueles mais motoramente habilitados.

CONCLUSÕES

A implantação do Flag Football como atividade inovadora nas aulas de educação física no ensino médio se mostrou de importante relevância para os adolescentes, visto sua possibilidade de se mostrar mais atrativas e permitir que alunos de ambos os gêneros e com diferentes níveis de habilidades possam se beneficiar dessa prática. Entretanto, verificaram-se ainda algumas resistências ao rompimento do modelo tradicional, principalmente por parte daqueles alunos que fazem parte das equipes escolares envolvidas em competição. Para esse grupo, ainda é forte a visão da monocultura do futsal bem como as desigualdades entre os gêneros, embora as aulas de flag football tenha promovido uma aproximação entre estes.

REFERÊNCIAS

- Brasil, Ministério da Educação e Cultura (2000). Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura.
- Bitencourt, V; Amorim, S. Flag football e Futebol americano. In: Dacosta, L. Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape 2005.
- Darido, S C. (2012) Caderno de Formação de professores- bloco II didática dos conteúdos. São Paulo, SP: Cultura Academia.
- Darido, S C. (2004) A educação Física e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. São Paulo, 18 (1) 61-80 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2013000200014>
- Farias Júnior, J C, Lopes, A S, Mota, J, Hallal, (2012) P C. *Prática de atividade física e fatores associados em adolescentes no Nordeste do Brasil.* Rev Saúde Pública;46(3):505-15
- Ferreira, M L S, Graebner, L, Matias, T S (2014). *Percepção de alunos sobre as aulas de educação física no ensino médio.* Revista Pensar a Prática. Goiania, 17 (3) 734-750 DOI: <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v17i3.25587>
- Lefevre, F., & Lefevre, A. M. C. (2005). *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos).* 2ª ed. Caxias do Sul, RS: Educs
- Silva, M S, Bracht, V. (2012). *Na pista de prática de professores inovadores na educação física escolar.* Revista Kinesis. Santa Maria, 30 (1) 75-78 DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/010283085718>
- Schwartz G.M., Figueiredo J.P., Pereira L.M., Christofolletti D.A., Dias V.K.. Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. Motricidade, 9(1): 57-68. DOI: [http://dx.doi.org/10.6063/motricidade.9\(1\).xxx](http://dx.doi.org/10.6063/motricidade.9(1).xxx)

NÍVEIS DE APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA À SAÚDE E DESEMPENHO DE ADOLESCENTES

Naildo Santos Silva¹, Fernanda Alves Rodrigues², Paulo Felipe Ribeiro Bandeira³, Guilherme Cortoni Caporal⁴

¹Mestrando em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), naildo_18@hotmail.com

²Curso de Educação Física, Universidade Regional do Cariri (URCA), alvesfe_2012@hotmail.com

³Doutorando em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 00236580@ufrgs.br

⁴Mestrando em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), gccaporal@hotmail.com

Palavras-chave: Aptidão física; Saúde; Desempenho; Adolescentes

INTRODUÇÃO

É consenso que a prática regular de atividade física proporciona inúmeros benefícios às crianças e aos adolescentes (Marcus et al., 2006), porém a intensidade com que são realizadas é fundamental para que haja benefícios reais a saúde. De acordo com alguns estudos, apenas jovens que se envolveram em atividades de intensidade moderada a vigorosa tiveram redução da massa gorda visceral (Andersen, 2006; Gutin, 2005) e função vascular melhorada (Ribeiro et al., 2005). Nesse sentido, de acordo com recomendações das autoridades mundiais em saúde pública, para que haja benefícios à saúde crianças e adolescentes devem realizar ou acumular diariamente sessenta minutos de atividade física com intensidade moderada a vigorosa (Janssen, 2007; WHO, 2010; ACSM, 2010). No Brasil, as aulas de educação física são um dos poucos ambientes em que é oportunizada a prática de atividade física, em alguns contextos é até mesmo o único. Infelizmente, na maioria dos casos as aulas ocorrem uma a duas vezes por semana e talvez essa frequência não seja suficiente para o desenvolvimento das habilidades motoras, que são pré-requisitos para o engajamento em práticas esportivas. Diante do exposto, a pesquisa tem como objetivo descrever a ocorrência de escolares com níveis adequados de aptidão física relacionada à saúde e desempenho esportivo.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo é do tipo descritivo e de natureza quantitativa. A amostra foi constituída de 101 escolares com idades entre 15 e 17 anos sendo 52 meninos e 49 meninas com média de 15,8±0,81 anos de idade. Foram incluídos no estudo todos os alunos regularmente matriculados e que concordassem em participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi utilizada a bateria de testes e avaliação do Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR) para avaliar a aptidão física relacionada à saúde (AFRS) e ao desempenho motor (Gaya; Gaya, 2016). Para análise dos dados referentes à AFRS seguiram-se as recomendações em que os valores superiores aos pontos de corte configuram-se como zona de risco à saúde (ZR), enquanto que os valores inferiores ao ponto de corte configuram-se como zona saudável (ZS) para a saúde. Para análise da aptidão física relacionada ao desempenho (AFRD) seguiram-se as referências a normas para população classificada de acordo com os percentis, onde os mesmos são categorizados em "Fraco, Razoável, Bom, Muito bom e Excelente". (Gaya; Gaya, 2016). Recorreu-se a estatística descritiva através da distribuição de frequência para averiguar o nível de AFRS e desempenho de acordo com o sexo. Foi utilizado também o teste de qui quadrado para averiguar possíveis relações entre as variáveis categóricas e o sexo. Para todas as análises considerou-se valor significativo $p < 0,05$.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos anos pesquisadores têm analisado aspectos voltados à saúde da criança e do adolescente e em síntese os resultados descritos têm sido insatisfatórios.

Tabela 1. Descrição do nível de aptidão física relacionada à saúde de acordo com o sexo

Testes		F (+%f)	M (+%f)
Imc*	Zona Saudável	34 (69,4)	2 (3,8)
	Zona de Risco	15 (30,6)	50 (96,2)
Apc*	Zona Saudável	-	7 (13,5)
	Zona de Risco	49 (100)	45 (86,5)
Flex	Zona Saudável	-	-
	Zona de Risco	49 (100)	52 (100)
Rml	Zona Saudável	-	2 (3,8)
	Zona de Risco	49 (100)	50 (96,2)

Imc: Índice de Massa Corporal; APC: Aptidão Cardiorrespiratória; Fle: Flexibilidade; Rml: Resistência Muscular Localizada; (\pm %F) Distribuição de frequência.

A maioria dos adolescentes encontra-se em ZR. Chamamos a atenção especial aos meninos, pois em todos os testes a maioria está na ZR. Depois de feita associação entre as variáveis e o sexo através do teste de qui quadrado foi constatado diferenças estatisticamente significativamente em relação ao Imc ($p < 0,0001$) e Apc ($p < 0,008$). Resultados semelhantes são encontrados nos estudos de Barbosa (2016) onde poucos meninos (40%) e meninas (35%) apresentam resultados dentro da zona saudável (ZS). Farias (2015) também encontrou poucos jovens (52,6%) na ZS. Na Apc nenhuma menina atingiu níveis saudáveis, apenas 13,5% dos meninos atingiram a ZS, corroborando com baixos níveis identificados no estudo de Farias (2015) onde 15,7% dos jovens foram classificados ZS e 84,3% ZR. Resultados semelhantes foram encontrados por Gonçalves (2016) onde 94% das meninas e 69% dos meninos apresentaram baixos níveis de aptidão aeróbia. Barbosa (2016) por sua vez obteve níveis mais altos, pois (11%) das meninas e (63%) dos meninos foram considerados na ZS.

De acordo com Gaya (2016) valores pertinentes a flexibilidade e a resistência muscular localizada estão relacionadas com dores lombares e hiperlordose. Tais variáveis deveriam ser mais desenvolvidas nas aulas de educação física, pois no presente estudo (100%) da amostra está em ZR. Farias (2015) identificou 84,2% e 79% dos jovens em ZR quanto à flexibilidade e resistência muscular localizada. Barbosa (2016) identificou 70% em zona de risco relacionada à flexibilidade e 71% em ZR quanto à resistência muscular localizada.

Tabela 02: Descrição da Aptidão Física Relacionada ao Desempenho

Testes	Fra	Raz	Bom	M.Bom	Exc
(\pm %f)					

Fmi	F	17 (34,7)	30 (61,2)	2 (4,1)	-	-
	M	31 (59,6)	14 (26,9)	5 (9,6)	1 (1,9)	1 (1,9)
Agil	F	10 (20,4)	10 (20,4)	22 (44,9)	7 (14,3)	-
	M	10 (19,2)	23 (44,2)	10 (19,2)	9 (17,3)	-
Vel*	F	14 (28,6)	20 (40,8)	8 (16,3)	7 (14,3)	-
	M	34 (65,4)	9 (17,3)	7 (13,5)	2 (3,8)	-
Apc*	F	49 (100)	-	-	-	-
	M	40 (76,9)	5 (9,6)	4 (7,7)	3 (5,8)	-

Fmi: Força de membros Inferiores; Agil: Agilidade; Vel: Velocidade; Apc: Aptidão Cardiorrespiratória; Fra: Fraco; Raz: Razoável; M.Bom: Muito Bom; Exc: Excelente; (%F) Distribuição de frequência

Baixos níveis de AFRD foram observados na maior parte dos testes. Apenas na agilidade as meninas se enquadraram como “bom”, nos demais a maior parte dos jovens classificaram-se como “fraco” ou “razoável”. Associações significativas foram constatadas entre o sexo e a velocidade ($p < 0,002$) e Apc ($p < 0,001$). Mello (2015) encontrou ocorrências “fracas” semelhantes quanto a força de membros inferiores (64,5%) e (47,4%), velocidade (41,5%) e (52,5%), agilidade (41,5%) (72,2%) de meninos e meninas respectivamente. Baixos níveis de AFRD podem contribuir para o afastamento de práticas esportivas, ocasionando consequentemente em prejuízos motores Alves (2007). Corroborando com os achados do presente estudo Dumith *et al* (2010) afirma que na maioria dos testes os jovens foram classificados como “fracos” ou “razoáveis” Concordamos com Mello (2015) que há poucos estudos que investiguem a AFRD em adolescentes.

CONCLUSÕES

Percebe-se que os jovens não atingem bons níveis de aptidão física recomendados para a saúde e desempenho motor. Nesse sentido se faz imprescindível que as pesquisas continuem avançando no intuito de que haja uma intervenção positiva por parte dos profissionais da saúde, em especial os professores de educação física no contexto escolar.

AGRADECIMENTOS

Ao Projeto Esporte Brasil – PROESP-BR da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

FONTES DE FINANCIAMENTO

Programa de fomento à pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa (Propesq) – UFRGS.

REFERÊNCIAS

Marcus, BH, Williams, DM, Dubbert, PM, Sallis, JF, King, AC, Yancey, AK, ... & Claytor, RP (2006). Intervenção atividade física estuda o que sabemos e o que precisamos saber: Uma declaração científicos do Conselho American Heart Association sobre nutrição, atividade física e metabolismo (Subcomissão de Atividade Física); Conselho sobre as doenças cardiovasculares na Young; eo Grupo de Trabalho Interdisciplinar sobre qualidade do atendimento e Outcomes Research. *Circulation*, 114 (24), 2739-2752.

Gutin, B., Yin, Z., Humphries, M. C., & Barbeau, P. (2005). Relations of moderate and vigorous physical activity to

fitness and fatness in adolescents. *The American journal of clinical nutrition*, 81(4), 746-750.

Ribeiro, M. M., Silva, A. G., Santos, N. S., Guazzelle, I., Matos, L. N., Trombetta, L. C., ... & Vilarés, S. M. (2005). Diet and exercise training restore blood pressure and vasodilatory responses during physiological maneuvers in obese children. *Circulation*, 111(15), 1915-1923.

Janssen, I. (2007). Physical activity guidelines for children and youth This article is part of a supplement entitled Advancing physical activity measurement and guidelines in Canada: a scientific review and evidence-based foundation for the future of Canadian physical activity guidelines co-published by *Applied Physiology, Nutrition, and Metabolism* and the *Canadian Journal of Public Health*. *Can. J. Public Health* 98 (Suppl. 2). *Applied Physiology, Nutrition, and Metabolism*, 32(S2E), S109-121.

World Health Organization. (2010). Global recommendations on physical activity for health.

American College Of Sports Medicine. (2010). 2008 Physical Activity Guidelines for Americans. US Department of Health and Human Services, Disponível em: <<http://www.health.gov/paguidelines/guidelines/default.aspx>> Acesso em Julho de 2016.

Gaya, Aca; Gaya, Ar. (2016). *Manual de aplicação de medidas e testes, normas e critérios de avaliação*. Projeto Esporte Brasil, Porto Alegre, Ed. Perfil, 2016, 78p. Disponível em <https://www.ufrgs.br/proesp>. Acesso em setembro de 2016.

Andersen, L. B., Lauersen, J. B., Brønd, J. C., Anderssen, S. A., Sardinha, L. B., Steene-Johannessen, J., ... & Bugge, A. (2015). A new approach to define and diagnose cardiometabolic disorder in children. *Journal of diabetes research*, 2015.

Barbosa, T., Zica, M., Quaresma, F., Sonati, J., & Maciel, E. (2016). *Relação entre composição corporal e aptidão física em grupo de escolares do ensino médio no Brasil*. *Revista da UIIPS*, 4(2), 273-284.

Farias, G. M. (2015). Níveis de aptidão física relacionada à saúde e ao esporte em jovens escolares do segundo ano do ensino médio de uma escola estadual de Porto Alegre-RS.

Alves, U. S. (2007). *Não ao sedentarismo, sim à saúde: contribuições da Educação Física escolar e dos esportes*. *O Mundo da Saúde*, São Paulo: out/dez.

Mello, J. B., Hernandez, M. D. S., Farias, V. M., Pinheiro, E. D. S., & Bergmann, G. G. (2015). *Aptidão física relacionada ao desempenho motor de adolescentes de uruguaiana, rio grande do sul* doi: <http://dx.doi.org/10.18511/0103-1716/rbcm.v23n4p72-79>. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 23(4), 72-79.

Dumith SC, Ramires VV, Souza MJA. (2010). *Aptidão física relacionada ao desempenho motor em escolares de sete a 15 anos*. *Rev Bras Educ Fís Esporte*, 24(1), 5-14.

Gonçalves, E. C., & Silva, D. A. (2016). *Baixos níveis de aptidão aeróbia em adolescentes de uma cidade do sul do Brasil*. *Medicina (Ribeirao Preto)*, 49(3), 202-211.

O TRABALHO SOBRE OS VALORES NO OBJETO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

José Eugenio Rodríguez Fernández¹

¹Faculdade de Educação. Universidade de Santiago de Compostela, Grupo de Pesquisa ESCULCA - Rede de Investigação RIES. geno.rodriguez@usc.es

Palavras-chave: Educação Física, Valores, Jogo, Metodologias inovadoras.

INTRODUÇÃO

Com base o conteúdo da educação física no currículo da administração educacional, a fase da educação básica deve favorecer o desenvolvimento de meninos e meninas, sabendo, utilizando e valorizando o corpo e o movimento como um meio de exploração, descoberta e fruição da sua unidade potencial de relacionamento com outras pessoas e como um recurso para organizar o seu tempo livre (Perez, 2012).

E não podemos esquecer que o trabalho de valores também está presente no currículo educacional, situado de forma estratégica para desenvolvê-lo transversalmente com o resto do conteúdo. Assim, encontramos referências a este respeito como "conhecer e apreciar os valores e normas de convivência", "respeito dos direitos humanos", "respeitar as diferentes culturas", "respeito a igualdade de direitos e oportunidades para homens e mulheres e não-discriminação das pessoas com deficiência", "mostrar uma atitude contrária a violência e o preconceito de qualquer tipo e estereótipos de gênero". Neste sentido, "a escola é o espaço mais adequado e igual por trabalho promover a saúde e hábitos de vida saudáveis, bem como a realização dos valores da educação física e promover a inclusão de todos os alunos" (Rué e Serrano, 2014, p. 190).

O jogo e o esporte são as formas mais comuns de entender a escola de educação física e, em geral, em nossa sociedade. Este facto deve ser aproveitado pelos especialistas educacionais para alcançar os objetivos propostos para esta fase e, ao mesmo tempo, como um motivador, promovendo atitudes e valores positivos que estão disponíveis com a prática de atividade física (Rodríguez, Mato e Pereira, 2016).

O jogo, como um recurso de ensino com alto valor educativo, especialmente em crianças, é um bom recurso que o professor deve ser utilizado para transmitir às crianças que nos marcam o currículo e, conseqüentemente, que todo o sistema de valores que nós acreditamos que uma pessoa deve possuir para ser uma boa pessoa, um bom cidadão que contribui para a nossa sociedade desigual e turva, um plus de positivismo e fornecer boa e muitas maneiras de fazer as coisas.

Por isso é poses este trabalho com um grupo de estudantes do quarto curso do grau de mestre de educação primária da Universidade de Santiago de Compostela que estudam opcionalmente a matéria de "jogo infantil", tema desenvolvido no primeiro semestre do curso. Este assunto é gerado para saber as muitas vantagens da utilização do jogo na fase do ensino fundamental, não só no campo da educação física, mas para o ensino de conteúdos de matemáticas, ciências sociais, natureza e, também, de valores sociais, morais e cívicos.

O objetivo era descobrir quais valores sociais e pessoais tinham mais impacto nos alunos após uma aula teórica e prática de jogos cooperativos e, como futuros professores, o que foi considerado mais importante quando se trabalha com alunos nesta etapa educacional.

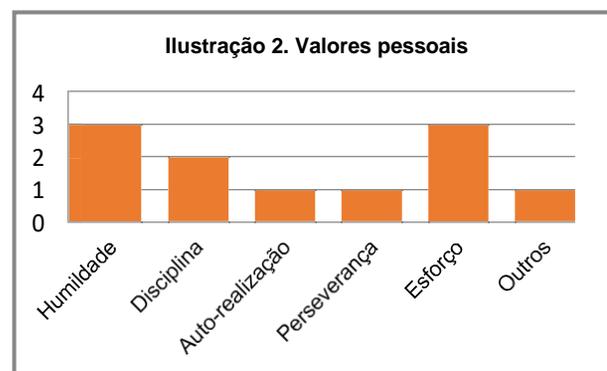
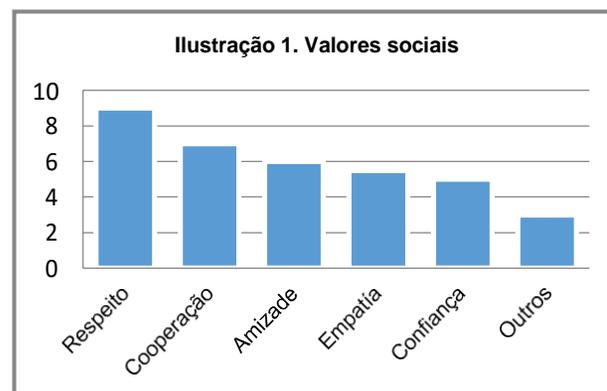
MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um estudo qualitativo como estratégia metodológica (Canales, 2006; Tójar, 2011) de corte descritivo (Corbetta, 2010). A mostra consiste em 91 estudantes do curso de ensino fundamental da Universidade de Santiago de Compostela, dos quais 14 são homens e 77 mulheres, com idades entre 22 e 40 anos, com idade média de 22,4 anos. Som utilizados como instrumentos para a coleta de dados o

questionário e a observação participante, com a correspondente caminhada de anotações de campo (Flick, 2012). Esta metodologia é utilizada porque é útil em estudos exploratórios, descritivos e visa gerar interpretações teóricas (Flick, 2014). O procedimento do estudo foi dividido em três fases: em primeiro lugar, uma sessão teórica de 1,5 horas foi realizada com estudantes, que discuti os aspectos relacionados com o desenvolvimento de valores associados com a prática física. Em segundo lugar, foi realizada uma sessão de treinos de 1 hora com base em jogos cooperativos, destinados a crianças com idades compreendidas entre 6 e 12 anos velhas; a última fase consistiu de um feedback de 30 minutos, onde recolhemos as impressões dos alunos em relação aos valores recolhidos na sessão, sua necessidade de aplicação no domínio da educação e a avaliação pessoal dos mais representativos para os alunos, coleta de cada um de uma nota com 5 valores (em ordem de importância pessoal) que consideram mais importante para uma pessoa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados mostra como a maioria dos estudantes reflete um maior impacto em relação aos valores sociais (ver ilustração 1) que valores pessoais (ver ilustração 2).



Arufe (2011) diz que os valores têm um alto teor de subjetividade, obtenção de diferentes graus de interesse para todos. Neste sentido, acreditamos que os alunos que

participaram na prática, eles e elas dão mais importância aos valores sociais, priorizando mais que os interesses pessoais para o bem de todos. É necessário destacar a referência à palavra "respeito", o mais valorizado pelos estudantes em praticamente 90% dos casos. Acreditamos que esse valor tem um muito mais amplo conteúdo, mais ambíguo, uma palavra que pode servir como um resumo e que cobre tudo, como um guarda-chuva que abrange os outros valores (ver Ilustração 3).



Ilustração 3. A palavra "respeito" (valor) como eixo de referência.

Com base na definição de valores de Ponce, Ruiz, Valdemoros e Sanz (2014) e analisando os maiores valores mostrados em relação ao conteúdo da sessão realizada (jogos de cooperação) dizer que foram observados os seguintes comportamentos/reflexões sobre os alunos: **Respeito**. Para as pessoas, para o que são e o que eles representam (por exemplo, ao realizar atividades em equipe) (Ruiz, Ponce, Sanz, e Valdemoros, 2015). **Empatia** (por exemplo, depois de fazer jogos para cegos e colocando-se no lugar de cegos). **Confiança** (por exemplo, o guia que orienta os cegos). **Cooperação** (por exemplo, para resolver os jogos em equipe proposto). **Humildade** (por exemplo, para entender melhor situações externas, como neste caso das pessoas com deficiência). **Auto-realização** (ou seja, como se sentem os alunos após as atividades que são uma mais valia para a Comunidade, como forma de aliviar sua consciência e sentir liberação depois de ter feito a coisa certa).

Os resultados observados nos alunos som aproximados no conceito de competência social expressa por Méndez, Fernández e Méndez (2015), apresentando ao professor uma boa referência do ponto de vista do ensino da educação física, onde os alunos adquirem e apreciam o trabalho de valores na aula, mostrando sua preocupação por uma sociedade mais justa, solidária e respeitosa.

CONCLUSÕES

Podemos concluir que 1) os alunos atribuem mais valor para os valores sociais que para o próprio conforto, dando prioridade ao interesse comum ao pessoal; 2) o respeito é o mais apreciado pelos alunos; 3) a área de educação física é ideal para trabalhar todo o sistema de valores que os alunos devem internalizar; 4) o jogo é um excelente recurso para transmitir conhecimentos e valores de forma divertida e motivadora.

AGRADECIMENTOS

Os alunos da matéria de jogo infantil do quarto ano do grau de educação primária da Universidade de Santiago de Compostela.

REFERÊNCIAS

- Arufe, V. (2011). *La educación en valores en el aula de educación física, ¿mito o realidad?* Revista EmásF, 2 (9), pp. 32-42. Recuperado de http://emasf.webcindario.com/La_educacion_en_valores_en_el_aula_de_EF.pdf. Acceso el 21 de septiembre de 2016.
- Canales, M. (2006). *Metodologías de investigación social. Introducción a los oficios*. Santiago de Chile: LOM.
- Corbetta, P. (2010). *Metodología y técnicas de investigación social*. Madrid: McGraw-Hill.
- Flick, U. (2012). *Introducción a la investigación cualitativa*. Madrid: Morata.
- Flick, U. (2014). *El diseño de la investigación cualitativa*. Madrid: Morata.
- Méndez, A., Fernández, J. y Méndez, D. (2015). *Modelo de educación deportiva versus modelo tradicional: efectos en la motivación y en la deportividad*. Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte, 59, pp. 449-466. Recuperado de <https://revistas.uam.es/rimcafd/article/view/rimcafd2015.59.004/1424>. Acceso el 21 de septiembre de 2016.
- Pérez, J. (2012). *Análisis de los objetivos de Educación Física en la etapa de Primaria*. Revista Lecturas de Educación Física y Deportes, 169, p.1. Recuperado de <http://www.efdeportes.com/efd169/objetivos-de-educacion-fisica-en-primaria.htm>. Acceso el 21 de septiembre de 2012.
- Ponce, A., Ruiz, J.V., Valdemoros, M. e Sanz, E. (2014). *Validación de un cuestionario sobre valores en los deportes de equipo en contextos didácticos*. Universitas Psychologica, 13 (3), pp. 1059-1070. Recuperado de <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/4387>. Acceso el 21 de septiembre de 2016.
- Rodríguez, J.E., Mato, J.A. e Pereira, M.C. (2016). *Análisis de los métodos tradicionales de enseñanza-aprendizaje de los deportes colectivos en Educación Primaria y propuestas didácticas innovadoras*. Revista Sportis, 2 (2), pp. 303-323. Recuperado de http://revistas.udc.es/index.php/SPORTIS/article/view/sportis.2016.2.2.1426/pdf_52. Acceso el 21 de septiembre de 2016.
- Rué, L. e Serrano, M.A. (2014). *Educación Física y promoción de la salud: estrategias de intervención en la escuela*. Revista Retos, 25, pp. 186-191. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4555284>. Acceso el 21 de septiembre de 2016.
- Ruiz, J.V., Ponce, A., Sanz, E., e Valdemoros, M.A. (2015). *La educación en valores desde el deporte*. Revista Retos, 28, pp. 270-276. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5147800>. Acceso el 21 de septiembre de 2016.
- Tójar, J. C. (2011). Investigación cualitativa en educación. En S. Nieto (coord.) *Principios, métodos y técnicas esenciales para la investigación educativa*. (pp. 403-424). Madrid: Dyckinson.

O USO DE EXERGAMES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Débora Cristina Couto Oliveira Costa^{1,2}, Iara Danielle Farias Andrade², Gláucia Gomes da Silveira Costa²

¹Curso de Educação Física, Universidade Estadual do Piauí (UESPI), deboraccoc@gmail.com

²Curso de Educação Física, Faculdade Santo Agostinho (FSA), iarinhadanny@hotmail.com, glauciabell@hotmail.com

Palavras-chave: *Exergames*. Adolescentes. Educação Física.

INTRODUÇÃO

A atividade física (AF) compreende o movimento corporal a partir da ativação dos músculos esqueléticos, que determina um gasto energético acima dos níveis de repouso (Silva et al, 2011). De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2010), o estilo de vida sedentário é uma das dez causas fundamentais de morbidade e mortalidade no mundo.

As taxas de sedentarismo têm se mostrado crescentes e prevalentes entre adolescentes. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE) 2012, o percentual de escolares que costumavam comer enquanto assistem televisão é 64,0%, não havendo diferença relevante por sexo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2013), 70% dos adolescentes brasileiros do 9º ano do ensino fundamental são classificados como insuficientemente ativos ou inativos. A tecnologia digital no século XXI tem sido associada ao sedentarismo, a quantidade de tempo em frente à tela de *videogame* está relacionada com as variáveis de atividade física e massa corporal (Vaghetlet et al, 2014).

A expressão *sedentary videogame* está aparecendo na literatura para comparar *videogames* tradicionais aos *exergames* (EXGs). Onde o jogador deixa de utilizar apenas os dedos no *joystick* e passa a utilizar o corpo inteiro, aumentando o esforço físico e gasto calórico (Lam et al. 2011). Os *exergames* são consoles que exigem um maior esforço físico, ou seja, geram uma demanda energética maior comparada com os *videogames* tradicionais (Vaghetlet et al, 2012).

Os EXGs podem propiciar práticas diferentes para as aulas de Educação Física, contribuindo para torná-las mais dinâmicas, de maneira lúdica e motivadora, oportunizando práticas corporais que não seriam possíveis em ambiente escolar, como por exemplo, esportes radicais como caiaque, canoagem e as modalidades beisebol, tênis entre outros (Alves, 2007). Com isso torna-se relevante verificar o EXG como alternativa de atividade para adolescentes, por ser uma atividade que os indivíduos dessa faixa etária normalmente consideram prazerosa (Silva, 2014).

Esse tipo de tecnologia tem se apresentado como uma ferramenta de combate ao sedentarismo, já que esses jogos interagem com o público de maneira abrangente, entretendo com a música e toda uma animação visual, além de ser um mecanismo de socialização e interação entre os praticantes (Raiter, 2013).

Diante da possibilidade de vivenciar jogos interativos, este estudo tem como objetivo avaliar a percepção de escolares quanto à utilização de *exergames* nas aulas de Educação Física.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal com adolescentes na faixa etária de 11 a 15 anos, em uma escola pública, no município de Teresina-PI. A amostra por conveniência foi formada por participantes que se encontravam circunstancialmente no local da pesquisa nos dias e horários marcados para coleta de dados (Torres; Magnanni; Luiz, 2009).

Utilizou-se como critérios para inclusão da amostra, adolescentes de 11 a 15 anos, regularmente matriculados e com

frequência regular. Foram excluídos aqueles com algum tipo de necessidades especiais e gestantes. Devido estas condições exigirem restrições ou adaptações em relação à atividade física. Obteve-se uma amostra de 27 participantes após 15 dias de coletas.

Realizou-se um estudo piloto com o intuito de verificar a adequação do questionário, tempo médio de aplicações e dinâmica durante o processo de coleta de ambiente do estudo. Os dados coletados foram descartados após a coleta.

A identificação dos participantes ocorreu por meio do diário de classe. Posteriormente realizou-se entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais ou responsáveis assinarem e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os alunos que aceitaram participar da pesquisa. Marcou-se o dia da entrega dos documentos assinados e início das coletas. O TCLE E TALE foram assinados em duas vias, ficando uma com o participante do estudo e outra sob a guarda das pesquisadoras.

Para coleta em ambiente virtual formou-se grupos com 3 participantes. Foi utilizado o *Just Dance 2015*, jogo com músicas da atualidade e conhecidas por muitos jovens. O *kinect* (aparelho acoplado ao Xbox 360 para captar o movimento humano) ficou posicionado à frente dos participantes a uma distância de aproximadamente 1,5 metros e a imagem foi projetada em parede plana, de forma ampliada, por meio de um data *show*, utilizou-se ainda caixa amplificadora. O *Just Dance 2015* aceita até quatro jogadores. No entanto, devido ao espaço físico, onde foi desenvolvido o estudo, participaram apenas três alunos.

A análise univariada foi utilizada para descrever a amostra, identificando a frequência das variáveis. Após a análise descritiva, foi realizada uma estatística inferencial, realizando-se inicialmente um teste de normalidade (*Shapiro-Wilk*), para verificar se os dados tinham distribuição normal. O nível de significância adotado foi de 5% ($p \leq 0,05$).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 1 são apresentadas as características sociodemográficas da amostra e acesso aos *exergames*. Participaram do estudo 27 adolescentes, com média de idade ($\pm 12,3$) e desvio padrão (1,23) (dados não apresentados na tabela 1). A amostra foi composta em sua maioria por adolescentes do sexo feminino (55,6%), com idade entre 11 e 12 anos (51,9%). A maioria cursa o 6º ano do ensino fundamental (44,4%), são católicos (74,1%), cor parda (33,3%) e renda inferior a um salário mínimo (55,6%). Em relação ao uso de *exergames* dentro e fora de casa, nenhum dos participantes tem acesso a essa tecnologia no ambiente residencial (100,0%) e a maioria relatou não ter acesso ao jogo fora do ambiente domiciliar (74,1%).

Observou-se, neste estudo, que a maioria dos adolescentes possui baixo nível econômico, sem acesso à tecnologia de jogo em ambiente virtual em casa. Estudo realizado em Cuiabá-MT afirmou que adolescentes de maior nível econômico, bem como, estudantes da rede privada, tendem a possuir maior facilidade ao acesso de novas tecnologias (Dias et al, 2014).

Estudos afirmam que a prática com *exergames* (*videogame* com *kinect*) apresentam resultados positivos relacionados a um gasto

calórico ou aumento de atividade física entre crianças e adolescentes (Vaghetti, Botelho, 2010; Souza, 2011).

A tabela 2 apresenta a percepção dos adolescentes após a experiência com a prática de exercício em realidade virtual. A maioria dos praticantes considerou a experiência com *exergame* uma boa opção para as aulas de Educação Física (100%), demonstrou desejo de repetir a experiência (100%) e expressou acreditar que a experiência em realidade virtual pode servir para estimular a prática de novos movimentos com os amigos (88,9%).

Estudo realizado no Rio Grande- RS inferiu que, após uma prática com *exergames*, os alunos de uma escola da rede pública, mostraram-se favoráveis à prática de atividade física por meio dos *exergames*, em relação à preferência sobre o tipo de aula, 70,8% dos alunos disseram gostar tanto das aulas na quadra quanto dos *exergames* (Vieira; Corrêa, 2014).

Tabela1. Descrição da amostra conforme as características sociodemográficas e acesso aos *exergames*. Teresina, 2015 (n=27).

Variáveis demográficas	n	%
Sexo		
Feminino	15	55,6
Masculino	12	44,4
Idade		
11 – 12 anos	14	51,9
13 – 14 anos	12	44,4
15 anos	1	3,7
Série		
6º ano	12	44,4
7º ano	11	40,7
5º ano	4	14,8
Religião		
Católica	20	74,1
Evangélica	6	22,2
Outra	1	3,7
Cor da pele		
Parda	9	33,3
Outra	9	33,3
Negra	6	22,2
Branca	3	11,1
Renda total familiar		
< 724,00 reais	15	55,6
De 724,00 a 1.488,00 reais	12	44,4
Exergames (videogame com kinect) em casa		
Não	27	100,0
Acesso a exergames (videogame com kinect) fora de casa		
Não	20	74,1
Não	7	25,9

Fonte: Própria (outubro, 2015).

Tabela 2. Percepção dos adolescentes após a experiência da prática de exercício em realidade virtual. Teresina, 2015 (n= 27).

Percepção após o exercício	Sim		Não	
	n	%	n	%
Considera a experiência com <i>exergame</i> (videogame com kinect) uma boa opção para as aulas de educação física.	27	100	0,0	0
Ficou com vontade de repetir a experiência.	27	100	0,0	0
Praticar jogos por meio do <i>exergame</i> (videogame com kinect) pode influenciar de forma positiva sua prática, ou seja, você vai repetir os movimentos dos jogos durante a brincadeira com amigos.	24	88,9	3	11,1

Fonte: Própria (outubro, 2015).

Alunos da rede pública afirmaram que a atividade com *exergames*, embora não seja tão vivenciada na escola, é bem divertida e diferente das aulas normais de Educação Física, outros comentaram que aprenderam novos movimentos e que poderão repeti-los novamente (Vieira; Corrêa, 2014). Demonstrou-se neste estudo que os participantes tiveram vontade de repetir a experiência com *exergames*.

Após análise dos resultados, observou-se que os alunos tem interesse de utilizar o EXG nas aulas de Educação Física. Devido o aspecto lúdico, a sensação de sentirem-se desafiados, a possibilidade de aprendizado, de movimentos e coreografias de músicas da atualidade.

CONCLUSÕES

O estudo mostrou que os escolares consideraram a prática com *exergames* uma boa opção para diversificar as aulas de Educação Física. Dessa forma, a hipótese de que utilizar os *exergames* na escola pode servir para diversificar de forma positiva as aulas de Educação Física foi confirmada. Recomenda-se que o uso dos *exergames* possa fazer parte do planejamento das aulas de Educação Física sempre que possível. Considerando os benefícios da prática orientada pelo profissional de Educação Física e a possibilidade de vivenciar diferentes elementos da cultura corporal.

REFERÊNCIAS

- Alves, J. C. (2007) *O desinteresse pela educação física escolar e a postura do educador físico*. In: Fórum Internacional de Esportes. Florianópolis: UNESPORTE.
- Dias, P.J.P.; Domingos, I.P.; Ferreira, M.G.; Muraro, A.P.; Sichieri, R.; Gonçalves-Silva, R.M. (2014) *Prevalência e fatores associados aos comportamentos sedentários em adolescentes*. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 266-274.
- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Pesquisa nacional de saúde do escolar. *Coordenação de população e indicadores sociais*. Rio de Janeiro, 2013.
- Lam, J.W.K.; Sit, C.H.P.; Mcmanus, A.M. (2011) *Play pattern of seated video game and active "exergame" alternatives*. *Journal of Exercise Science & Fitness*, 9(1), 24-30.
- OMS. Organização Mundial de Saúde. *Adolescent Health*. (2010) Disponível em: http://www.who.int/features/factfiles/adolescent_health/fac/en/index.html. Acesso em: 19.11.2015.
- Raiter, G. L (2013) *Exercício físico convencional x exercício físico praticado mediante consoles de videogame: efeitos nos aspectos morfológicos, neuromusculares e fisiológicos*. Rio Grande do Sul.
- Silva, L.G. (2014) Impacto dos exergaming nos níveis de atividade física em adolescentes. Curitiba.
- Silva, R.C.D.; López, R. F. A.; Pereira, F.S.; Silva, M.F.R.; Macedo, A.V. (2011) *Perfil lipídico e nível de atividade física de adolescentes escolares*. *Revista Brasileira de Promoção a Saúde*. v. 24, n. 4, p. 383-389, out/dez.
- Torres, T.Z.G.; Magnanini, M.M.F; Luiz, R.R. (2009) *Amostragem*. IN: MEDRONHO, R.A. (Org.). *Epidemiologia*. 2ª Ed. São Paulo: editoraAtheneu.
- Vaghetti, C.A.O; Botelho, S.S.C (2010) Ambientes virtuais de aprendizagem na Educação Física: uma revisão sobre a utilização de *exergames*. *Ciências & Cognição*, 15, 76-88.
- Vaghetti, C.A.O.; Duarte, M.A.; Ribeiro, P.O.; Botelho, S.S.C. (2012) *Using exergames as social networks: testing the flow theory in the teaching of physical education*. In: Anais do XI Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital, 2-4, Novembro, Brasília, Brasil. 1-9
- Vaghetti, C.A.O.; Sperotto, R.I.; Penna, R.; Castro, R.I. de B., S.S. da Costa. (2014) *Exergames: um desafio à educação física na era da tecnologia*.
- Vieira, K.L.; Correa, L.Q. (2014) *Percepção de alunos sobre a utilização de exergames nas aulas de Educação Física*. *Revista Didática Sistemática*. Edição Especial. p.287-302. ISSN 1809-3108 v.16 n.1.

PROPOSTA PEDAGÓGICA INTERVENTIVA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EM ESCOLARES JOVENS E ADULTOS

Ana Regina Leão Ibiapina¹, Maycom do Nascimento Moura²

¹Curso de Educação Física, Universidade Estadual do Piauí(UESPI),anaregina17@hotmail.com

²Curso de Educação Física, Centro Universitário UNINOVAFAP, maycommoura@hotmail.com

Palavras-chave: Promoção da saúde; prática pedagógica; escolares.

INTRODUÇÃO

A saúde escolar no Brasil experimenta avanços em sintonia com a evolução técnico-científica, deslocando o discurso tradicional da lógica biomédica, para uma concepção ligada à promoção de saúde na escola (Figueiredo; & Abreu, 2010).

Saúde e educação são constantemente evocadas quando a questão gira em torno das condições de vida. A interação entre elas, independentemente de onde ocorre – escola ou serviço de saúde – constitui um caminho importante para a conquista da qualidade de vida. A escola é o local em que podem ser construídos valores e crenças (Mont'alverne; Catrib, 2013), porém, a construção de práticas pedagógicas relacionadas a essa interação é um grande desafio frente às demandas que as escolas enfrentam (Carvalho, 2015).

Com a evolução das práticas assistenciais e do modelo de atenção que orienta a prestação de serviços, a definição do termo saúde vem sofrendo alterações que se adaptam ao contexto histórico, político e social em que uma determinada população está inserida.

A Promoção da Saúde amplia a compreensão de que a saúde não é apenas a ausência de doença, conceituada proposta pela OMS em meados da década de 1950, e avança na compreensão da saúde como um estado positivo, referindo-se a uma rede complexa de interdependências e inter-relações na qual não é possível estabelecer uma causalidade linear (Fraga et al., 2013).

Neste sentido, diante da importância do desenvolvimento integral de crianças, jovens e adultos nas escolas, inseridos em diferentes meios socioculturais, os objetos de estudo da Educação Física e disciplinas ligadas direta ou indiretamente à promoção da saúde, passíveis de interlocução pedagógica, assumem, hoje, importante papel na formação de hábitos de vida saudáveis dos discentes, bem como na transformação social para cidadania, colaborando na formação de sujeitos conscientes, empoderados e participantes ativos (controle social) no alcance dos meios que promovem a saúde e bem estar do cidadão. Empoderamento neste trabalho refere-se ao processo de mobilizações e práticas que objetivam promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia.

Visto que a temática da saúde na escola recebe importante atenção de diversos organismos internacionais, em especial, a Organização Mundial da Saúde (OMS), o presente trabalho tem como objetivo relatar experiência da prática pedagógica de promoção da saúde com discentes jovens e adultos do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Maranhão (IFMA), campus Grajaú.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo trata-se de um relato de experiência sobre a prática pedagógica interventiva do profissional de Educação Física junto aos alunos do ensino de jovens e adultos no IFMA, Campus-Grajaú. A intervenção consistiu na realização do projeto de ensino denominado "1º Encontro de Educação e Saúde na

Escola", idealizado pela profissional de Educação Física do campus, com a finalidade de desenvolver atividades de promoção da saúde, construindo e compartilhando conhecimentos e saberes relacionados ao conceito de saúde, seus condicionantes e determinantes, de forma prazerosa e recreativa. Também foi objetivo do projeto permitir compreensão das possibilidades e dos limites na promoção da participação social e política do alcance de saúde. Participaram das atividades 17 sujeitos, entre jovens e adultos, sendo a maioria do sexo feminino (70,5%) que cursam o ensino médio técnico em Administração no turno noturno. As ações foram desenvolvidas mediante observação, diagnóstico situacional e planejamento estratégico feito pela comissão organizadora, constituída pela profissional de educação física, coordenadora pedagógica e o chefe do departamento de ensino profissional.

Com observações feitas em sala de aula foram verificadas reais necessidades de discussões sobre temática do que é saúde e o que estamos fazendo para construí-la.

Para efetivação do planejamento, foram realizadas as seguintes atividades: roda de conversa sobre o conceito de saúde; discussão sobre condicionantes e determinantes, além dos arcabouços legais acerca desse conceito (VIII Conferência Nacional de Saúde, I Conferência Internacional sobre Promoção de Saúde no Canadá, Carta de Ottawa; Constituição Federal, Art. 196; Lei 8.080/90); prática corporal com alongamentos, ginástica e dança, seguida pela dinâmica "Em busca da Qualidade de Vida" (na qual pode ser explorado por meio de atividade física os itens ligados a constituição da qualidade de vida).

Depois foi realizado o "Jogo da saúde e educação", onde, utilizando estratégias descontraídas e competitivas, foram discutidas questões ligadas à construção do conceito de saúde e empoderamento dos sujeitos; por fim, utilizou-se como ferramenta de avaliação, a dinâmica do "que bom", "que pena" e "que tal", na qual os participantes manifestaram suas opiniões quanto ao momento proporcionado, assim como sugestões para próximas práticas pedagógicas. Para cada item, os participantes escreviam em tarjetas suas percepções quanto às atividades.

As avaliações dos participantes, quanto à proposta interventiva, foram categorizadas e expostas em grupo para discussão e avaliação.

Para a efetivação das atividades, além de materiais como barbantes, cartolinas, pincéis, projetores audiovisuais, foram utilizados materiais reciclados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados pode-se identificar através das respostas no jogo da saúde e educação, diálogo nas rodas de conversa e integração na prática corporal que as atividades da prática pedagógica interventiva possibilitaram a condução e atuação de sujeitos como protagonistas do cuidado; permitiu trata-los de maneira pedagógica, dando espaço para discussão de temas relativos à saúde; ampliou o conceito dos condicionantes e determinantes de saúde; contribuiu para um maior envolvimento e co-responsabilização do processo de alcance da saúde;

proporcionando maior integração e conscientização para uma vida ativa.

E que apesar do ensino de saúde ser um desafio para a educação, no que se refere à possibilidade de garantir uma aprendizagem efetiva e transformadora de atitudes e hábitos de vida, foi possível realizar atividades de promoção da saúde, sensibilizando os sujeitos para o cuidado.

Considerando que o empoderamento pessoal possibilita a emancipação dos indivíduos, com aumento da autonomia e da liberdade (Kleba, 2009), foi verificado um momento de ampla discussão dos processos multifatoriais ligados à saúde e relacionados à construção de políticas públicas saudáveis, os participantes demonstraram bastante euforia e envolvimento, principalmente quando, na roda de conversa, exemplificavam condicionantes e determinantes do meio social inserido. Relataram problemas ambientais, como queimadas, assoreamento dos rios, saneamento básico, entre outros.

Ao verificar as avaliações dos participantes no item “que bom”, pode-se constatar que todos gostaram do momento, com considerações positivas para compreensão e amplitude do conceito de saúde em nossas escolhas para uma vida salutar; no item “que pena”, houve algumas lamentações quanto à ausência dos outros colegas e quanto às dificuldades encontradas no cotidiano, que impossibilitam a aquisição de uma maior qualidade de vida; já no item “que tal”, as sugestões foram para a realização de mais atividades como aquelas, também para aumento da carga horária da disciplina de Educação Física, com a execução de mais práticas corporais.

Não é de hoje que a escola vem sendo utilizada como ambiente para se desenvolver práticas de saúde. Entretanto, observa-se que as práticas adotadas nas escolas tiveram suas bases sustentadas no paradigma tradicional de saúde escolar, no desenvolvimento de ações pontuais e voltadas à doença, tais como: atendimento médico, vacinação, palestras dos profissionais da área da saúde, entre outras atividades. (Cavalcanti & Lucena, 2015). Diante disso, observa-se que esse projeto de ensino buscou trabalhar com atividades que se distanciam do modelo mais tradicional, com pretensões de empoderamento dos sujeitos enquanto cidadãos ativos e conscientes para escolhas salutares. Partindo-se do pressuposto de que é possível instigar os discentes, por meio de propostas pedagógicas atrativas, a realizarem uma leitura crítica e reconstrutiva de propostas de debate no campo da saúde coletiva.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que as atividades do “1º Encontro de Educação e Saúde na Escola” mostrou ser uma ação educativa satisfatória quanto às questões relacionadas à promoção de saúde na escola. Afirmando-se como momento importante para reflexão e análise da construção e escolhas de hábitos de vida saudável dos sujeitos/participantes, além de contribuir para seu empoderamento.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia, Campus Grajaú, ao grupo de pesquisa de Educação Física (Saúde em Movimento), amigos e apoiadores.

REFERÊNCIAS

- Fraga, A. B. et al. (2013). Curso de extensão em promoção de saúde para gestores do SUS com enfoque no Programa Academia da Saúde. Brasília: CEAD/UnB.
- Mont'alverne, D. G. B.; Catrib, A. M. F. (2013). Promoção da saúde e as escolas: como avançar. Brasileira em Promoção da Saúde, 26, 307-08.
- Cavalcanti, P.B; Lucena, C.M. F; Lucena, P.L.C. (2015). Programa Saúde na Escola: interpelações sobre ações

de educação e saúde no Brasil. Textos & Contextos, 14, 387 - 402.

- Kleba, M. E.; Wendause, A. (2009). A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. Saúde Sociedade, 18, 733-743.

RODAS DE CONVERSA COM INSPIRAÇÃO SOCIOPOÉTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Flávio Alves de Oliveira¹, Cláudia Mara de Melo Tavares²

¹Mestrado Profissional em Ensino na Saúde, Universidade Federal Fluminense (UFF),

flavioalves2001@gmail.com

²Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense (UFF)

Palavras-chave: Promoção da Saúde, Educação Física e Treinamento, Saúde Escolar

INTRODUÇÃO

A roda de conversa apresenta-se como um rico instrumento para ser utilizado como prática metodológica de aproximação entre os sujeitos no cotidiano pedagógico (Melo & Cruz, 2014). Autores como Afonso e Abade (2008) afirmam que as rodas de conversa são utilizadas nas metodologias participativas tendo por objetivo a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, com o trabalho e com seus projetos de vida. Tomados pelos princípios de Freire (2015) acerca da problematização das principais exigências do ensino, a saber: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, corporeificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e qualquer forma de discriminação, reconhecimento e assunção da identidade cultural, as rodas de conversa supracitadas tornam-se ponto de convergência de tais exigências, podendo possibilitar encontros entre os sujeitos envolvidos.

O presente relato de experiências busca evidenciar a potência dos encontros entre sujeitos que hegemônica e institucionalmente ocupam papéis distintos no processo educativo, o docente e os discentes, e que, à luz da perspectiva Freireana, e com inspiração sociopoética, ambos vivenciam a importância da horizontalidade e dialogicidade no processo educacional.

Trata de uma vivência do educador físico no âmbito do ensino fundamental com crianças e adolescentes considerados “problemáticos” por apresentarem “baixo rendimento escolar e comportamento difícil”. Segundo Goffman (2008) o sujeito estigmatizado, marginalizado, fora rotulado, colocado à margem do social, e assim indagamos: ao rotularmos os discentes como problemáticos incorremos ao risco de marginalizá-los? Como apropriarmos-nos das rodas de conversa e dirimirmos esse risco e ampliarmos as possibilidades de empoderamento desses discentes?

Após ouvir diferentes professores comentarem sobre o comportamento agressivo das crianças, de identificar o elevado envio de advertências aos responsáveis, e a piora no desempenho escolar de um grupo de alunos, surge a ideia de propiciar encontros dialógicos inspirados nas rodas de conversa com o objetivo de ouvir o que tinham a dizer sobre seus comportamentos, compreender as dificuldades coletivamente e ajudarmos-nos, sem enfatizar a questão da violência ou rendimento escolar, e sim proporcionar um diálogo que permeasse temas diversos.

O espaço da roda de conversa intenciona a construção de novas possibilidades que se abrem ao pensar, num movimento contínuo de perceber – refletir – agir – modificar, em que os participantes podem se reconhecer como condutores de sua ação e da sua própria possibilidade de “ser mais”. (Sampaio et al., 2014).

Pretendemos para além de evidenciar a potência dos encontros, sensibilizar educadores físicos para práticas criativas, que baseadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, não se restrinjam ao ato de se exercitar, mas a fazer com que o indivíduo reflita sobre suas possibilidades corporais, organize e

interfira no espaço com autonomia, respeite as diferenças, adote hábitos saudáveis, desfrute da pluralidade cultural e se reconheça como cidadão (Brasil, 2010). Relatar encontros que buscam “o ser mais” das crianças e jovens rompendo com o risco da marginalização dos mesmos.

MATERIAL E MÉTODOS

Relato de experiência inspirado na Sociopoética, método que tem por princípios valorizar fontes de conhecimento emocionais, intuitivos e sensíveis, buscar interação dialógica, empoderar os envolvidos na pesquisa e valorizar o pensar, conhecer, pesquisar e aprender com o corpo inteiro (Gauthier, 2012).

A partir da proposição de necessidade de um espaço dialógico que pudesse propiciar o descrito por Gauthier, realizado negociação com a coordenação pedagógica da escola e criado os encontros. Esse relato de experiências subsidia-se em quatro encontros entre o educador físico e oito discentes, com duração de uma hora e quarenta minutos cada, ocorridos na sala de leitura de uma escola municipal do Rio de Janeiro. Os discentes com idades entre nove e doze anos, caracterizados por apresentarem ao longo do semestre alterações comportamentais frequentes e baixo rendimento escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro encontro os discentes questionaram como fariam educação física na sala de leitura e propuseram a ida para o pátio. Essa foi a questão deflagradora da conversa: só podemos fazer educação física no pátio? Temos que fazer a mesma coisa sempre?

Proposto então uma sessão de relaxamento, com música propícia e colchonetes, deitados no chão foram conduzidos a abstrair o meio e focarem na autopercepção.

Cinco alunos prontamente se disponibilizaram a relaxar, os demais demonstraram resistência inicial, mas aos poucos conseguiram. E, ao terminarmos a técnica de relaxamento pediram para falar sobre o que pensaram e como havia sido a experiência.

A condução desse primeiro encontro incitou a reflexão da capacidade de criarmos, de não precisarmos ser herméticos, e, que, ao propiciarmos algo inovador podemos também ter respostas surpreendentes, como os discentes considerados difíceis se disponibilizarem a relaxar e pedirem para falar sobre suas vidas.

Durante a semana, antecedendo o segundo encontro, os discentes perguntavam quando seria a próxima reunião e quando iriam ouvir música novamente, demonstrando interesse pela atividade.

A organização do segundo encontro previa evocar as lembranças do primeiro e associar a capacidade de criação à alteração comportamental, mas precisariam previamente perceber que seus comportamentos estavam dificultando a relação com demais docentes e consequentemente o processo de ensino aprendizagem. Solicitado então que descrevessem seus comportamentos, na escola e no âmbito domiciliar, e então emergiram conflitos com colegas, dificuldade de aceitação da

autoimagem, agressividade por parte dos responsáveis, desestrutura familiar, e evidenciamos prontamente a necessidade de um “espaço para dizer”.

Incitados a pensar sobre os encontros, a possibilidade de expressarmos pensamentos e sentimentos sem conflito ou brigas, os discentes disseram gostar de poder conversar com o professor e com os colegas.

O modelo educacional está pautado em três princípios: éticos, políticos e estéticos, este último explicado como cultivo da sensibilidade juntamente com a racionalidade; do enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade; da valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente da cultura brasileira; da construção de identidades plurais e solidárias (Brasil, 2010).

E, o princípio estético da educação respalda o direcionamento desses encontros. A capacidade de dialogar, de sentarmos em roda e olharmos uns nos olhos dos outros, estando todos na mesma direção emerge a sensação de que educador e educando se misturam. Uma sensação de plenitude que acreditamos apenas poder ser experimentada pela baliza da criatividade.

No terceiro encontro os discentes pediram para repetir a conversa, sugeriram ouvir outras músicas que puderam escolher manuseando o telefone celular do docente. Parecia inusitado que pudessem tocar no telefone do “mestre”, mesmo que mediante a sua permissão. Nesse já compreendiam a necessidade de esperar o término da fala do colega para que pudessem falar, prestaram atenção ao que o outro dizia e faziam menção a vivências próprias para ajudar o colega.

No quarto encontro conversamos sobre como exercer o comportamento que estavam apresentando nesses espaços de forma mais ampla. E, embora alguns discentes tenham enfatizado o fato de não depender apenas deles, sugerindo que outros docentes agissem da mesma forma e que também outros discentes fossem convocados a compor o grupo, alguns disseram que não brigariam em sala de aula e que teriam “aprendido a gostar de conversar”.

Sendo o direito à educação entendido como um direito inalienável do ser humano, capaz de possibilitar uma formação cidadã (Brasil, 2010), os diálogos permitiram aos discentes a aproximação com a cidadania. Uma vez explorando os seus potenciais, do corpo, da autonomia, da criticidade e criatividade, convergimos educação a possibilidade de ocuparmos a vida de outra forma.

Importa ressaltar que os docentes que haviam sinalizado o comportamento inadequado desse grupo de discentes, ao longo dos encontros, sinalizaram expressiva alteração comportamental durante suas aulas e relataram que os mesmos têm “andado mais tranquilos”.

Sabemos que a organização da vida em sociedade é produto da invenção humana e, como tal, está em constante movimento de construção e desconstrução, num devir que não cessa de ser produzido. E, como dito por Mansano (2003), na tentativa de garantir certa estabilidade para a organização social, algumas dessas produções tornam-se extremamente cristalizadas. Os encontros tem possibilitado romper com essa cristalização.

Para Freire (2011) assim como, se nos pusermos diante de um aparelho de televisão “entregues” ou “disponíveis” ao que vier, sem enfrentar o artilheiro ideológico da mensagem na mídia, correríamos o risco de tropeçar na compreensão de fatos e acontecimentos. Caso não estimulamos as crianças, as mesmas entregam-se a simples repetição acrítica dos fatos.

Morin (2011) diz que devemos reproblematicar os fins da educação, que a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino. Em uma analogia a esse apontamento, os encontros dialógicos na escola, podem (ou devem), muito além das estratégias técnicas que o educador físico costuma explorar em suas aulas, servir de instrumento para construir formas de relacionamento, de ajuda mútua, de espírito de equipe, de construção coletiva. Ainda mencionando Morin (2011) a importância da fantasia e do imaginário no ser

humano é inimaginável, e os encontros dialógicos supradescritos evidenciaram essa afirmativa, os discentes, a partir da liberdade experimentada autorizaram-se a imaginar novas posturas, buscaram outros desfechos para lidarem com as situações do cotidiano, que os distanciaram do rótulo apriorístico de “alunos problemáticos”.

CONCLUSÕES

Concluimos que o dispositivo de encontros dialógicos com crianças e jovens tem fundamentalmente propiciado a criticidade dos mesmos, e a possibilidade de desmitificação de rótulos por parte dos docentes. A informalidade do encontro despertou o interesse dos discentes a comparecerem a escola e propiciou a expressão dos seus sentimentos em espaço coletivo, o que fomenta a constituição de vínculos necessários à vida em sociedade.

À medida que os discentes começam a demonstrar autonomia, propor atividades, experimentar o diferente, o sentimento é de que, mesmo transcorrendo o caminho que não está posto, que demanda esforço e criação, a educação seja o caminho da transformação. E, que a educação intermediada por práticas criativas deva ser incorporada àqueles que se destinam a educar crianças e jovens para tornarem-se cidadãos autônomos, críticos e reflexivos.

AGRADECIMENTOS

Ao Núcleo de Pesquisa Ensino, Criatividade e Cuidado em Saúde e Enfermagem da Universidade Federal Fluminense (UFF).

FONTES DE FINANCIAMENTO

Auxílio do Programa Anual de Bolsas de Estudos de Mestrado e Doutorado realizado pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- Brasil, Resolução CNE/CEB7/2010. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 34. Define as diretrizes curriculares nacionais gerais para a educação básica.
- Afonso, M. L., Abade, F. L. (2008). Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: RECIMAM.
- Freire, P. (2015). *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia do Oprimido*, 50ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gauthier, J. (2012). *O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. 1.ed. Curitiba: CRV.
- Mansano, S.R.V. (2003). Análise institucional: relato de uma experiência com jovens. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, 10 (14), 155-160.
- Morin, E. (2011). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ed. São Paulo: Cortez.
- Melo, M.C.H., Cruz, G.C. (2014). Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio, *Imagens da Educação*, 4, (2), 31-39.
- Sampaio, J., Santos, G.C., Agostini, M., Salvador, A.S. (2014). *Interface*, DOI: 10.1590/1807-57622013.0264
- Goffman, E. (2008). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ed. Rio de Janeiro: LTC.

VIVÊNCIAS DE UMA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL EM AÇÕES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA CRIANÇAS DO ENSINO BÁSICO DE UM MUNICÍPIO MARANHENSE

Maycom do Nascimento Moura¹, Ana Regina Leão Ibiapina²

¹Curso de Educação Física, Centro Universitário UNINOVAFAPI, maycommmoura@hotmail.com

²Curso de Educação Física, Universidade Estadual do Piauí (UESPI), anaregina17@hotmail.com

Palavras-chave: Crianças, Equipe Multiprofissional e Educação em Saúde.

INTRODUÇÃO

O Maranhão enfrenta uma grave contradição. O Produto Interno Bruto do Estado (soma de todas as riquezas produzidas) saltou de R\$ 52,1 bilhões em 2011 para R\$ 58,8 bilhões em 2012, garantindo que o estado ocupasse o 4º lugar na economia do Nordeste e o 16º na economia do País. Em contrapartida, ocupa o 26º lugar em Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o segundo pior do País. Essa realidade permite identificar sérios problemas em várias esferas (saúde, educação, políticas sociais, entre outras). Dessa forma, o grande desafio consiste no desenvolvimento de políticas públicas que reflitam para o entorno dos municípios, articulando políticas emergenciais e estruturais e criando sinergia nas várias áreas de Governo.

Uma das ações pensadas para mudar essa realidade é caracterizada como iniciativa inovadora e que faz uso da promoção da saúde foi implantada a nível estadual, a Força Estadual de Saúde do Maranhão (FESMA), que se constitui em uma estratégia concebida com vistas a reverter indicadores de saúde da população maranhense. O programa desenvolve-se, por meio de uma equipe multidisciplinar e por meio de cooperação com os municípios, estando voltada à execução de medidas de promoção, prevenção, assistência e combate às situações de riscos, sendo um dos focos iniciais, a saúde integral da criança.

O conceito de promoção de saúde (PS) avança na compreensão da saúde como um estado positivo, referindo-se a uma rede complexa de interdependências e inter-relações na qual não é possível estabelecer uma causalidade linear, estando ligado as diversas políticas sociais que rodeiam a vida dos sujeitos. Existe um enorme potencial das ações de PS na infância e adolescência, pois esses são períodos do desenvolvimento humano nos quais se estabelecem o comportamento, caráter, personalidade e estilo de vida, e que o ambiente em que o jovem está inserido é um dos principais fatores influenciadores (Buss, 2001).

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência sobre um trabalho de saúde desenvolvido por uma equipe multiprofissional do Programa Força Estadual de Saúde, em duas escolas municipais do município de Jenipapo dos Vieiras-MA. O objetivo do trabalho foi desenvolver a educação em saúde para crianças com a contextualização socioeconômica e cultural. Participaram das atividades, 80 crianças de ambos os sexos, com idades entre (seis) 06 e 11 anos, do 1º ao 4º ano do ensino fundamental. Foram realizadas três sessões grupais de educação para a saúde, com duração de 30 minutos cada, no período de 13 a 17 de junho de 2016.

Inicialmente, foi realizada uma visita para reconhecimento e captação da realidade objetiva da escola, onde, em diálogo com a diretora, houve a sugestão dos seguintes temas para serem abordados aos estudantes: lavagem das mãos, cuidados com o couro cabeludo, cuidados corporais, cuidados com a higiene bucal, alimentação saudável, atividade física/ práticas corporais, jogos, atividades lúdicas e cidadania. Dessa forma, depois de discutir ações, a equipe utilizou como estrat-

tégia de intervenção: material educativo (flip-chart), jogos e dinâmicas educativas, práticas corporais e vídeos expositivos educativos para o desenvolvimento das ações. O material educativo (flip-chart) foi pensado na lógica de contar uma história de personagens imaginários, criados com a imaginação das crianças, na qual elas pudessem participar, entender e imaginar a importância de se manter hábitos de higiene saudáveis, por meio da representação de imagens ilustrativas de estilos de vida saudáveis. Foram feitos também jogos e brincadeiras infantis (Passa o anel, Morto-Vivo, Coelho na toca, cantigas de roda, entre outras), na qual as crianças puderam explorar a própria corporeidade, vivenciado o prazer da ludicidade e o gosto pelo "brincar". Além disso, foi realizada uma exposição educativa de vídeos animados sobre o tema "cidadania para crianças", para contextualização do campo cultural e socioeconômico das práticas cotidianas locais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à avaliação das ações desenvolvidas, foi feita uma análise com os funcionários das duas escolas (23 sujeitos). Utilizou-se um material de autoavaliação qualitativa para identificar aspectos positivos e pontos falhos das intervenções. Eles deveriam pontuar e categorizar com palavras, as ações desenvolvidas. A pontuação média foi de 8,5, caracterizado como ótimo, segundo escala proposta e criada pelos profissionais. Já em relação à categorização, as palavras "Inovador" e "Diferente" foram as mais utilizadas (4) para ambas. Os funcionários elogiaram as ações realizadas e destacaram a importância da transdisciplinaridade das políticas sociais para o desenvolvimento da educação e da saúde integral de crianças e adolescentes, relatando experiências anteriores como o Programa Saúde na Escola (PSE). Entretanto, ressaltaram que a realização de ações pontuais, ao invés de intervenções continuadas dificilmente promoverão benefícios relacionados ao cuidado integral, atenção ao aprendizado, desenvolvimento e participação infantil.

As atividades e os jogos lúdicos foram vistos como importantes no desenvolvimento das capacidades de aprendizado das crianças, tomando em vista que o jogo, enquanto atividade lúdica, contribui para a exploração de situações e permite que a criança organize e se estabeleça emocionalmente para enfrentar futuros desafios nas demais fases de sua vida (Passos, 2010).

Quanto à questão envolvendo a utilização de materiais educativos e vídeos, observou-se que foram ferramentas bastante úteis para o processo de educação, entretanto, precisam estar adequadas com a realidade vivenciada e com os temas propostos, considerando aspectos culturais e socioeconômicos dos sujeitos envolvidos. Essas ações lidam com o imaginário pré-concebido sobre a saúde e dos profissionais e esses precisam estar cientes disso e utilizá-lo a favor dos objetivos da ação de saúde.

Dessa forma, as ações de promoção da saúde na infância podem ampliar conhecimentos e habilidades para o autocuidado e bem-estar da saúde, bem como na prevenção de condutas de risco, proporcionando melhor qualidade de vida para as crianças e a família (Gonçalves et al, 2008).

CONCLUSÃO

A partir da realização dessas ações, observou-se que a estratégia utilizada mostrou ser uma medida eficaz de intervenção no processo saúde-doença, estabelecendo uma prática educativa satisfatória. Os professores afirmam que esses momentos são extremamente válidos e importantes para a integração dos saberes entre educadores e profissionais da saúde, visando um processo educativo em saúde que valorize o cuidar e o educar na infância.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa da Força Estadual de Saúde (FESMA), profissionais da FESMA, grupo de pesquisa em Educação Física (Saúde em Movimento), colaboradores e amigos.

REFERÊNCIAS:

- Buss, P. M. (set./dez. 2001). *Promoção da Saúde na infância e adolescência*. Rev. Bras. Saúde Matern. Infant, v. 1, p. 279-282.
- Fraga, A. B. Et Al. (2013). Curso de extensão em promoção de saúde para gestores do SUS com enfoque no Programa Academia da Saúde. . Brasília: CEAD/UnB.
- Gonçalves FD, Catrib AMF, Vieira NFC, Vieira LJES. (2008). *A promoção da saúde na educação infantil*. Interface Comunic Saúde Educ, v.12:, p.181-92.
- Passos, K. C. M. (2010). *O lúdico essencial e o lúdico instrumental: O jogo nas aulas de Educação Física Escolar*. (Dissertação de Mestrado): PPGEF/UGF, v.1, p.147.